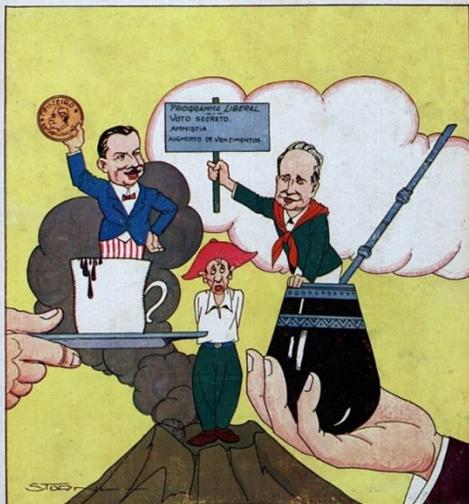
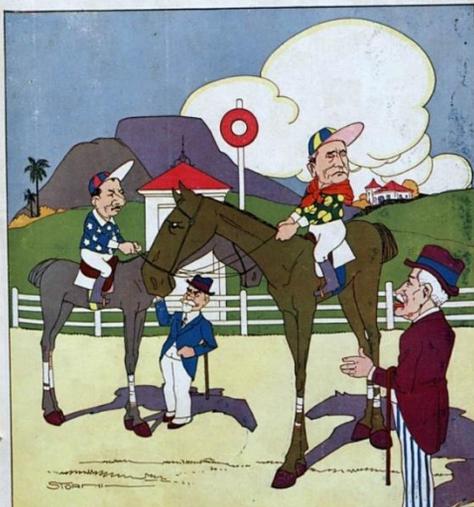


PREÇO DE CARETA NOS ESTADOS 600 REIS



Jeca. — Com o cheiro de queimado que vai por baixo, vou passar só a chá de lúrica...

PREÇO DE CARETA NOS ESTADOS 600 REIS



A GRANDE CORRIDA

W. L. — Não gostei de aplicar partidas, arrala foi bem malhada. Não te esqueças, porra, que neste país, além de meu beijo, estão em jogo... todos os nossos joãos!

PREÇO DE CARETA NOS ESTADOS 600 REIS



MARECHAL PIBE FERREIRA. — Calma no Brasil! Não devemos provocar uma luta fratricida! Afinal de contas láto é uma República de camaradas!...

  
Coleção  
Documentos  
**99**

# PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A SUCESSÃO PRESIDENCIAL

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



PERSPECTIVAS DA *CARETA*  
ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO  
BRASILEIRO DE 1929 E A SUCESSÃO  
PRESIDENCIAL





## Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)  
António Ventura (Universidade de Lisboa)  
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)  
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)  
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Francisco Topa (Universidade do Porto)  
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)  
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)  
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)  
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)  
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)  
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)  
Maria Eunice Moreira (PUCRS)  
Tania Regina de Luca (UNESP)  
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

# PERSPECTIVAS DA *CARETA* ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A SUCESSÃO PRESIDENCIAL



- 99 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande  
2025

## Ficha Técnica

Título: Perspectivas da *Careta* acerca do cenário político brasileiro de 1929 e a sucessão presidencial

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 99

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: CARETA. Rio de Janeiro, 17 ago. 1929; 24 ago. 1929 e 21 dez. 1929.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2025

ISBN – 978-65-5306-003-6

## O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

## ÍNDICE

A Revista *Careta*: brevíssimo histórico / 9

O cenário político brasileiro de 1929 e a sucessão presidencial a partir da perspectiva caricatural da *Careta* / 29



A REVISTA *CARETA*: BREVÍSSIMO  
HISTÓRICO

A década de 1920 foi marcada por uma profunda crise que a cada ano se agravou no Brasil, trazendo fissuras que resultariam, ao final do decênio, na ruptura definitiva do tradicional modelo oligárquico que caracterizou a República Velha. Tal processo histórico foi acompanhado e influenciado pela ação do jornalismo, em um contexto que a imprensa à época passava por uma fase de ampla expansão qualitativa, com a circulação de variados gêneros jornalísticos. Um deles correspondeu à edição de revistas ilustradas, normalmente mantidas com alto padrão gráfico e associando a imagem a um texto geralmente mais breve e direto, visando a uma comunicação mais simples e coesa com o público leitor. A inclusão da fotografia em larga correspondeu a um avanço significativo nesse tipo de publicação, tornando-se recorrente o uso da fotorreportagem para expressão das informações. Muitas delas também lançaram mão da arte caricatural, vinculada mormente na difusão de um olhar crítico e/ou satírico-humorístico acerca da sociedade, com ênfase para a crítica política, a social e a de costumes<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Sobre tal gênero jornalístico, ver: COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

Um dos periódicos mais característicos dessa fase de expansão das revistas foi a *Careta*, que começou a circular em 1908, com uma proposta inovadora, tornando-se popular como nenhuma outra, sendo encontrada nos mais variados lugares das cidades, além de contar com importantes colaborações de cunho literário. Através da arte caricatural, realizou verdadeira análise e tipificação da sociedade carioca, além de crítica política e de costumes<sup>2</sup>. Tal publicação era editada no Rio de Janeiro, mas sua distribuição atingiu grande parte do território brasileiro, trazendo seu conteúdo notável repercussão em meio à sociedade brasileira. Ela atuou como uma revista de variedades, com ênfase no humor, vindo a alcançar expressiva circulação e destacando-se na imprensa ilustrada da época<sup>3</sup>.

A *Careta* estabeleceu um conteúdo embasado na pilhéria, propondo um programa vasto e sedutor para o público apreciador das sessões galantes do jornalismo *smart*<sup>4</sup>. Desde a sua gênese, buscou constituir uma revista popular, atingindo um grande número de leitores, e demarcava sua pretensão de atender um “Público com P maiúsculo” ou, por outras palavras, uma audiência de âmbito nacional<sup>5</sup>. Desde o início a *Careta* granjeou sucesso, tanto que, logo no início foi consagrada com o Grande Prêmio da Exposição Nacional, de modo que viria a

---

<sup>2</sup> SODRÉ, 2007. p. 302.

<sup>3</sup> COHEN, 2008. p. 116.

<sup>4</sup> MAUAD, 2006. p. 374.

<sup>5</sup> CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). In: *Patrimônio e memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 81, janeiro-junho, 2012.

transformar-se em uma deliciosa criação gráfica, literária e artística, pelo bom gosto inalterável da sua arte sempre atual, surgindo daí o imenso prestígio que sempre desfrutou, não somente nas classes intelectuais do país, como em meio à população em geral<sup>6</sup>.

Ainda que tenha surgido nos primórdios do século XX, a *Careta* soube adaptar-se às transformações pelas quais passava o jornalismo brasileiro, vindo a equiparar sua feição editorial e gráfica aos padrões que marcavam as revistas da década de 1920 em diante. Por meio de crônicas textuais e imagéticas acerca do cotidiano brasileiro – principalmente o do Rio de Janeiro, epicentro político-ideológico e sociocultural do país –, abordando temáticas variadas como os bailes, o carnaval, as praias, o futebol, e mesmo o conjunto da vida política e cultural, a revista primava pelo uso da fotografia como um dos motes de sua feição, bem como se utilizou largamente da arte caricatural. Tais inserções de natureza iconográfica não foram apenas um complemento às suas edições, mas sim um elemento constitutivo essencial de cada número. Nesse sentido, informação e uma perspectiva jocosa, bem humorada e irônica conviviam harmonicamente nas imagens da *Careta*<sup>7</sup>.

Em sua edição inaugural, a revista dizia que o seu “programa cifra-se unicamente em fazer caretas”, propondo-se a oferecer “uma porção de caretas

---

<sup>6</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 149-150.

<sup>7</sup> Contextualização elaborada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *A Revolução de 1930 através das caricaturas e dos registros fotográficos da Careta*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2021. p. 9-12.

que iremos mostrando todos os sábados, à razão de 200 réis”. Com jocosidade dizia que as suas “caretas são sérias como as sessões do Instituto Histórico e a sua perfeição e semelhança garantidas” e que faria “tudo para que as nossas” caretas “não correspondam” às “de mau humor”, preferindo “francamente sorrisos”. Aceitava até mesmo de seu público um “muxoxo”, já que tal manifestação “é meia careta, pelo menos” e, para aqueles que se enfurecessem “ao mirar a *Careta*” deitaria “convictamente um palmo de língua de fora”. Concluindo, o magazine declarava que, “com um programa tão vasto, tão sedutor, tão *careterístico*” esperava “da simpatia do público o franco acolhimento que lhe não merecem tantas caretas por aí, bem conhecidas”, e arrematava que “a *Careta* é honesta e não é feia; é uma careta de lei”<sup>8</sup>. As repercussões da chegada da *Careta* na cidade em que era editada foram apresentadas pela revista em tons hiperbólicos no “Artigo de fundo” de seu segundo número<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 jun. 1908.

<sup>9</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 13 jun. 1908. De acordo com o editorial, o periódico afirmava: “Foi um dia festivo nesta casa, o sábado passado. A redação ficou cheia como um ovo. Já ninguém mais cabia e o pessoal a chegar, enchendo-nos a escada e transbordando afinal para a rua. Defronte, fez-se um ajuntamento. Interrompeu-se o tráfego dos bondes. Interveio a polícia civil, a militar depois, veio a Inspetoria de Veículos, o Corpo de Bombeiros acudiu, o diabo, nem imaginavam os leitores. Nós, apavorados diante de tão formidável nunca visto sucesso, encolhemo-nos modestamente. E o entusiasmo a crescer. E nós cada vez mais escolhidos. Cartas e telegramas juncavam as nossas rezas que vergavam, gemendo lamentosamente. Carteiros e telegrafistas, já indignados com a trabalhadeira, começavam a despejar aos cantos da casa os maços da correspondência congratulatória. O telefone não parava; era um tri-li-lim ensurdecador. Todo o mundo político, literário, *up-to-date*, canônico, acadêmico, militar, naval, operário, comercial, artístico, financeiro, teatral, etc. etc., correu à redação da *Careta*, para felicitar-nos. Quanta honra,

Ao completar o seu primeiro aniversário, a *Careta* trazia na capa o Jeca – que, assim como o Zé Povo, trouxe consigo o sentido da população brasileira que, fumando o seu palheiro, ria desbragadamente “das caretas da *Careta*”. Com humor, a revista expressava algumas de suas propostas, invocando, jocosamente, as razões de seu próprio título, demarcando que até então trouxera ao público uma “série de *caretas*” que teriam formado “um alentado álbum”, com todas elas “consagradas à sadia tarefa de provocar o riso”. Invertendo a postura da maioria dos jornais, que normalmente agradecia aos leitores, nesta oportunidade, o periódico ilustrado carioca dizia que, “sem falsa modéstia”, deveria ser o público a agradecer, por ter recebido “tantas caretas graciosas”. E completava a ideia, afirmando que aquilo fora dito “sem falsa modéstia”, explicando chistosamente que se tratava de “economia política, que é uma ciência muito séria”, e, segundo a qual, “as caretas obedecem à grande lei da oferta e da procura”, de maneira que, “se há caretas de sobra, custa menos a rir”,

---

leitores, quanta alegria! O Dr. Afonso Pena veio pessoalmente, acompanhado de toda a sua casa civil e militar, *au grand complet*. Veio o ministério incorporado, com uma longa cauda de secretários, oficiais de gabinete, auxiliares, secretários dos oficiais de gabinete, secretários dos auxiliares, secretários dos secretários, etc. etc. Mas a nossa comoção tocou ao auge quando, bandas militares à frente, defrontam com essa redação as duas casas do Parlamento, 212 deputados e 63 senadores! Chegamos à janela trêmulos, quase a desfalecer. Mas quando de todo aquele mundo de representantes da nação se destacou um e batendo palmas reclamou a nossa atenção e a atenção das demais pessoas, e nele reconhecemos a figura do deputado José Carlos de Carvalho, o mais valente orador dos tempos modernos, a emoção sucumbiu-nos. Caímos para trás, inanimados. Não há palavras no dicionário que está organizando a nossa Academia de Letras, para exprimir a gratidão da *Careta* a todos os que nos trouxeram saudações e aos colegas da imprensa que tão gentis foram conosco. E por isso, por essa grave falta que não é nossa e sim da referida Academia, aqui deixamos uma única palavra: Obrigados.”

PERSPECTIVAS DA *CARETA* ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

mas, “se mingam as ditas caretas, custa mais achá-las”, levando assim a estabelecer uma valorização do produto por ela oferecido<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> *CARETA*. Rio de Janeiro, 5 jun. 1909.



Na passagem de “mais um ano de vida” o magazine ilustrado enfatizava que sua publicação era “consagrada à risonha tarefa de tornar risonhos os seus leitores”. Negava-se mais uma vez os tradicionais artigos de fundo relacionados com os aniversários dos periódicos, realizando “uma vista retrospectiva” sobre a jornada e “agradecendo ao respeitável público” pela “sua proteção”, pois imaginava que “esse negócio de imprensa” seria “uma espécie de contrato bilateral”, no qual “as partes contratantes são os confeccionadores da revista de um lado e Zé Povo do outro”. Nesse quadro, declarava que, “enquanto as partes respeitam o contrato”, ou seja, “a revista cumprindo o seu sadio programa de fazer rir Zé Povo e este concorrendo” financeiramente “para a manutenção da revista”, então “vai tudo muito bem”. Por outro lado, ressaltava que “se a revista é mal feita, Zé Povo a refuga” e “se Zé Povo não compra, a revista vai por água abaixo”. Diante disso, concluía que, “se a *Careta* chegou ao fim do seu segundo ano, próspera, risonha e feliz, tantos parabéns merece ela como Zé Povo” e, não tendo “falsas modéstias” dava “os vivas de estilo” ao “Zé Povo” e à “*Careta*”<sup>11</sup>.

Em outra edição alusiva ao seu aniversário, a capa da revista trazia uma figura feminina trajada com as vestes típicas do arlequim, que abria a publicação de onde saíam os artistas do crayon para espalhar uma perspectiva bem humorada da sociedade. No editorial, a redação reforçava que na passagem de mais um “ano de existência”, a revista permanecia “próspera, radiosa e feliz” e, mais uma vez, dizia que iria evitar realizar o tradicional e solene discurso, “agradecendo o generoso apoio” dos leitores, dizendo que havia sido “cumprido

---

<sup>11</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 4 jun. 1910.

religiosamente” o programa original, pois considerava “isso tudo tão batido e rebatido” que já ninguém mais sequer lia tal conteúdo, virando-se a página e passando-se adiante. Frente a tais considerações a publicação humorística definia suas intenções por ocasião daquela efeméride natalícia<sup>12</sup>:

Só queremos afirmar a Zé Povo, Zé Nicolau, Zé Pagante que nos três anos decorridos fizemos rir a muita gente e chorar a outra tanta.

E isso porque a primeira função desta revista, a essencialmente característica, é a de chorar com um olho e rir com o outro, porque a vida não se leva só a rir ou só a chorar.

Alegremente, pois, aqui vamos cumprindo o nosso fadário, distribuindo afagos e ferroadas, recebendo elogios e apodos com a mesma careta indiferente de quem só nas próprias páginas busca a satisfação do programa cumprido.

Um dever, entretanto, nos leva a não pingar ainda aqui o suspirado ponto final. E é o de agradecer aos nossos fornecedores de assunto, razão de ser desta revista.

Aos três altos poderes da União, e à multidão dos poderes estaduais, aos senhores chefes das oligarquias, aos políticos em geral, ao digno funcionalismo público, à operosa classe comercial, à florescente e protegida indústria nacional, às classes armadas, inclusive o clero, aos colegas de imprensa, enfim a todos, do fundo do coração gratíssimos somos pelos motivos fornecidos, pelos assuntos dadivosamente proporcionados aos rabiscadores da *Careta*.

A eles é que deve tudo esta revista. As glórias do cantor são todas suas (...).

Cumprindo esse dever e como não nos queremos tornar perobas, pingamos ponto final, declarando que permaneceremos todo o dia à espera dos presentes obrigatórios aos aniversariantes, que necessariamente hão de trazer-nos os nossos milhares e milhares de amigos, constantes leitores, admiradores, e até mesmo engrossadores...

Será tudo pelo amor de Deus!

---

<sup>12</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 3 jun. 1911.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



Acerca de seus colaboradores, a revista demarcava que, “unindo os seus gloriosos esforços à boa vontade dos nossos redatores” trazia “ilustres artistas do verso e finos artistas da prosa”, que contribuíam “de modo brilhante para o esplendor intelectual” da publicação. Dizia-se “contente com os nossos leitores e eles satisfeitos conosco”, em uma “dupla ventura só é explicável pelo fato de existirmos”<sup>13</sup>. Ao comemorar outro “aniversário do seu feliz aparecimento”, a *Careta* demarcava possuir “a tranquila certeza de ter lealmente seguido o seu programa de servir, com despreocupada irreverência risonha as coisas belas e nobres, ao povo, a quem deve a sua prosperidade”<sup>14</sup>. Em outra oportunidade da mesma natureza, a redação da folha ilustrada destacava que “quaisquer que tenham sido ou venham a ser as consequências da nossa atitude no jornalismo, nela não encontramos motivos de arrependimento – estamos bem com a nossa consciência”<sup>15</sup>.

No sétimo aniversário, a *Careta* lembrava que “foi a 6 de junho de 1908 que saiu o primeiro número desta revista, com a capa ilustrada pela caricatura do Presidente Pena, e um recheio de inocentes charges”. A partir de tal constatação, citava que “por estas páginas têm passado os principais vultos políticos e sociais do nosso meio” e, “na berlinda em que se colocam, uns ouvem palavras amáveis, outros referências que preferiam não lhes fossem feitas”. Diante disso, esclarecia que “a *Careta* não fere; belisca apenas”, sendo “um *enfant terrible*”, o

---

<sup>13</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 8 jun. 1912.

<sup>14</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 7 jun. 1913.

<sup>15</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 jun. 1914.

que seria o “mais natural à sua idade”. Acerca de tal momento da vida, recordava um poema de Casimiro de Abreu, considerando que “o poeta era inocente”, ao passo que “a *Careta* já é sabida” e, ainda que não fosse “um título científico” nem acadêmico, possuía uma “produção bem avultada”, pois, “encadernada em volumes de semestre dá quatorze, grandes e grossos e pesados como chumbo, mas é por causa do papel, não pelo conteúdo”, já que “o espírito é leve, não pesa, salvo às vezes para suas vítimas”. Declarava também que “se alguns dos nossos duzentos mil leitores hão sofrido uma ou outra contrariedade com a leitura da *Careta*, estamos certos de que a maioria se solidariza conosco”. Ao final manifestava o desejo de que “a preciosa existência da *Careta* se prolongue ainda por muitas dezenas de anos”, estendendo os mesmos votos aos seus leitores, os quais formavam uma “elite intelectual e social”<sup>16</sup>.

Já na década de 1920, ao completar três lustros de existência, em seu editorial, a publicação ilustrada tratava do “Dia da *Careta*”<sup>17</sup>:

Num belo sábado de junho, dia 6 deste mês invernal que se recente dos perfumes de maio e conserva ainda no ar um resto de incenso das novenas, há quinze anos passados, *Careta* nascia como uma criança prodígio a discutir com os sábios e a rir dos árbitros despóticos do ridículo...

Como nasceu foi crescendo a rir e a sonhar no meio dessa multidão febril de figuras que formam as coletividades, refletindo-as em suas páginas, dentro das quais, algumas, mesmo caricaturadas, criaram fama e fizeram nome, sendo depois recolhidas à galeria de nossos homens célebres...

---

<sup>16</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 5 jun. 1915.

<sup>17</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 3 jun. 1922.

Está hoje uma moça quase mas apesar de seus quinze anos ainda ri tal qual em criança ria, e não só dos tipos grotescos da política e das megeras que se coroam de musas para levar manequins à imortalidade, como também dos fantoches que vão residir periodicamente em nome da República quatro anos no Palácio das Águias, como também dessas sombras temporárias de homens projetadas numa época que se julgam capaz de por si só se transformarem em estátuas para invulneráveis resistir o tempo através dos séculos.

*Careta* veio à luz para criticar rindo o mundo inteiro resumido nos nossos homens e nas nossas coisa, e rindo criticá-los-á, porque nasceu com o dom incorruptível de sonhar.

Se a realidade é a expressão final de tudo, pois todo o empreendimento realizado adquire outras funções para novos empreendimentos, a vida se reduz a um transitar eterno, no meio do qual o homem passa vertiginosamente, fazendo esgares como um alucinado.

Para bem observá-lo preciso é ao psicólogo afastar-se para um plano superior e do alto lhe seguir os movimentos da fisionomia e acompanhar-lhe os trejeitos do corpo.

Esse plano, fora da confusão em que ele se agita, é o abrigo único do qual se pode rir e criticar a humanidade, porque ela é vista como através do sonho, e assim observada até nos transes trágicos se torna cômica.

Nesse plano, há quinze anos, apenas vinha à luz, era *Careta* colocada.

Passaram-se os meses, vêm e vão os dias no turbilhão rítmico das horas, e lá, no alto de sua coluna, *Careta* continua, continuará sempre, e nada há de forçá-la a descer para rir cá em baixo como os que não sabem sonhar riem, porque seu riso jamais esconde no anonimato sarcástico da máscara o ódio a ninguém.

Certo, o seu bom humor, irritando os impertinentes, tem provocado contra o espírito alegre que a anima o despeito de alguns maus, mas estes mesmos, nas horas de calma, hão de reconhecer que ela tem razão, se é que ao passar por um espelho não tenham coragem de renegar a própria imagem negando que sejam ridículas.

O riso movido pelo ódio desmancha a figura como um choro convulso.

O que assim ri transforma-se em manequim automático de cujo cérebro a própria consciência foge apavorada, deixando-o à mercê da forma material.

## PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A SUCESSÃO PRESIDENCIAL

Confundindo-se com os outros, pois essa mesma forma o identifica, pode fazer o mal, praticar impune o crime.

Empunhe a pena ou o lápis, nada poderá impedir que ele os transforme em escalpelo, em punhal, num facão de matto até...

Mas no cérebro do qual a própria consciência foge não pode permanecer a faculdade confortadora do sonho.

Entre os que manejam o lápis e agitam a pena, o buril que dão vida à *Careta* nunca existiu um só cuja inspiração não seja ditada pela consciência.

Se um, pensando de modo diverso a outro, colocar-se em plano oposto, a opinião de ambos é respeitada, porque um e outro têm o direito de julgar-se com a razão, e a razão, única fórmula pela qual pode o homem firmar a sua individualidade, essa mesma não passa de um ponto de vista.

O sonho, porém, estabelecem o equilíbrio estimulante da solidariedade, o belo sonho de todos nós, de todo o que pinta, e escreve ou esculpe, que se resume em ter graça na pena e espírito no lápis.

Durante quinze anos este semanário se vem mantendo com essa solidariedade que foi e é o verdadeiro ideal de quantos já trabalharam e trabalham nesta casa, sob a mesma direção, que o vem orientando nas mais terríveis lutas pela diretriz que o guia à consciência do povo.

Os aplausos que tem recebido dos demais colegas e o auxílio espontâneo que o público continua a lhe dispensar demonstram que a diretriz que segue está perfeitamente dentro da cultura e da civilização de nosso Brasil...

*Careta* completando os seus quinze anos sente-se imensamente feliz porque sabe que todo o mundo gosta dela, pois os mesmos que lhe têm fornecido modelos para as suas charges, folheando-a com cuidado verão que não há fel numa só, mas uma porção de calungas, algumas pilhérias, e preocupação artística de reproduzi-los em bonecos mais bonitos que os próprios originais.

Na chegada de seu milésimo número, o magazine trazia capa com um cenário de espetáculo, com duas figuras histriônicas e uma mestra de cerimônias que trazia o crayon à mão – como símbolo da arte caricatural – a

qual era identificada com a base editorial do periódico, o humorismo. A matéria editorial enfatizava “O número mil”<sup>18</sup>:

*Careta* publica hoje o seu milésimo número. São vinte anos de ininterrupta publicação representando um dos raros esforços de imprensa coroados, de pleno êxito. O que foram esses mil números já pertence à história do periodismo ilustrado do nosso país; eles respondem pelo sucesso que faz justiça aos méritos intrínsecos e extrínsecos desta revista.

Sem paixão, porque não tem partido, alegre nos seus propósitos de encarar a vida, liberal no seu programa de ironia e de crítica, *Careta* ficou sempre a mesma “rapariga honesta” que tem para todos um sorriso e passa sem malícia entre os que a cumprimentam, sem admitir que lhe falem ao ouvido.

Hoje, como há vinte anos, o seu espírito conserva aquele viço de flor de ressurreição cujo segredo consiste em viver no seu tempo e limitar-se ao seu jardim. Os meses e os anos não lhe causaram o irreparável ultraje, de que falou o poeta.

Por aqui passaram duas ou três gerações de inteligências, cada um com o senso de sua época e o idealismo de suas aspirações.

*Careta* não foi arrastada em nenhuma corrente literária, intelectual, filosófica ou política.

Se os maus passaram mal em suas páginas, os bons passaram melhor, e isso, é de se ver, porque a sua função não foi de endireitar o mundo, mas de embelezar a vida. Jovial e sensata, pelo lápis e pela pena riu e ralhou das coisas desta terra onde tudo se faz em desafio ao bom humor dos homens.

Apaixonar-se? Para que?

A experiência de mil números mostrou que as exaltações e os trilhos fixos são maus conselheiros e guias errados para uma marcha vitoriosa e normal. Com a arte de saber o que vale a pena, *Careta* nasceu com o juízo, por assim dizer, dentro da cabeça de todo mundo.

Foi por ter ido ao encontro e não de encontro a esse fino senso comum que os nossos mil números desfilaram sem atritos, sem escândalos, sem farandolas, alegremente e fielmente, em paz com os homens e sem ódios de ninguém.

---

<sup>18</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 20 ago. 1927.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



Enquanto isso ao lado do problema moral e mundano, as suas páginas iam refletindo a perfeição da técnica, fazendo-se pelo seu aspecto material sempre à altura do progresso das artes gráficas que, sem modéstia, podem ter em nossas publicações o seu melhor ponto de referência.

Boa de corpo e alma, melhor por dentro e por fora, *Careta* viu cinco quadriênios, irrepreensivelmente asseada entre situações mal varridas, estados de lenço ao nariz e gentes contaminadas.

Mas, com a ciência experimental de não generalizar, soube escolher onde passar sem contatos perigosos e sem compromissos desastrosos.

Só se pode sorrir bem quando a saúde é boa, e foi por ter sabido conservar-se imune não só dos grandes como dos pequenos males que os nossos mil números são invariavelmente joviais e sadios. E não foi, por exemplo, o caso de ser alheia aos fatos e às ideias do seu meio e do seu tempo que o nosso periódico se enfuna na branca nuvem que passa. Ao contrário. Daqui se ouviram gritos e se fizeram gestos que o meio e o tempo impuseram ao liberalismo e à tolerância das civilizações modernas.

Olhando para trás, para o caminho percorrido, contemplando a pilha de mil números passados, *Careta* se regozija do seu labor, de seu sucesso, de suas campanhas e do seu destino.

É natural que se conserve para o público leitor aquela dose de gratidão que só se pode retribuir dando-lhe o que há de melhor, e é do melhor o que há em mil números redondos feitos para o prazer dos olhos e a alegria dos outros sentidos, que nós damos, lamentando apenas que os nossos sentidos sejam cinco, porque se mais houvesse melhor seriam as mil CARETAS publicadas.

Nesse sentido, ao chegar ao final da década de 1920, a *Careta* já tinha um largo know-how na prática da crítica política, percorrendo mais de duas décadas apresentando os personagens políticos de modo humorístico, satírico, irônico e sarcástico, abordando suas facetas escancaradas e revelando as ocultas, ao escrachar abertamente suas boas e más, abertas e veladas intenções.

Foi a partir de tal experiência que a revista ilustrado-humorística carioca observou o fenômeno histórico marcado pela mais grave ruptura oligárquica da época da República Velha. A escolha de um paulista para a sucessão presidencial, em detrimento de um mineiro, rompendo com a tradicional rotatividade São Paulo – Minas que marcou o modelo oligárquico e a formação de uma frente dissidente e oposicionista com a Aliança Liberal, constituíam a culminância de uma crise que crescera ao longo daquele decênio e chegava ao seu auge em 1929<sup>19</sup>, sendo o olhar da *Careta* acerca dessa conjuntura o objeto de pesquisa deste livro.

---

<sup>19</sup> A respeito de tal contexto, observar: BONAVIDES, Paulo & AMARAL, Roberto. *Textos políticos de História do Brasil*. 3.ed. Brasília: Senado Federal, 2002.; CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil contemporâneo (1922-1938)*. São Paulo: DIFEL, 1977.; CARONE, Edgard. *Brasil – anos de crise (1930-1945)*. São Paulo: Ática, 1991.; FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.; FERREIRA, Marieta de Moraes & PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O tempo do liberalismo oligárquico – da proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 388-390.; IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.; e MENDES JÚNIOR, Antonio & MARANHÃO, Ricardo. *Brasil História – texto & consulta (Era Vargas)*. São Paulo: Hucitec, 1989.



O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO  
DE 1929 E A SUCESSÃO  
PRESIDENCIAL A PARTIR DA  
PERSPECTIVA CARICATURAL DA  
*CARETA*

A questão da sucessão presidencial já teria eco nas caricaturas da *Careta* no primeiro quadrimestre de 1929, quando apareciam pretendentes que representavam três diferentes Estados, que ostentavam os princípios liberais, referindo-se o Presidente Washington Luís a uma “epidemia de apóstolos”, em alusão aos candidatos, ao que o Jeca argumentava que estava chegando a hora de colocar “um deles ao poste do sacrifício”, demarcando a proximidade do processo eleitoral<sup>20</sup>. A movimentação da oligarquia sul-rio-grandense, que seria importante para a formação da Aliança Liberal, também já era demonstrada pela revista, que trazia um gaúcho, representando o situacionismo do Estado, que buscava empurrar o líder republicano Borges de Medeiros em direção ao senado, para livrar-se de sua presença no âmbito estadual, contando com a resistência do chefe, que, ironicamente, não gostaria de participar do “meio parlamentar”, pois preferia um “meio honesto” e de “homens de caráter”<sup>21</sup>. Levando em conta a alternância entre paulistas e mineiros na Presidência da República, a publicação ilustrada trazia o governador de Minas, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, e o de São Paulo, Júlio Prestes, trajados de misses, como os dois principais pretendentes ao cargo, enquanto, ao fundo, o Jeca conversava com um velho parlamentar, Antônio Francisco de Azeredo, sobre qual seria o candidato favorito<sup>22</sup>.

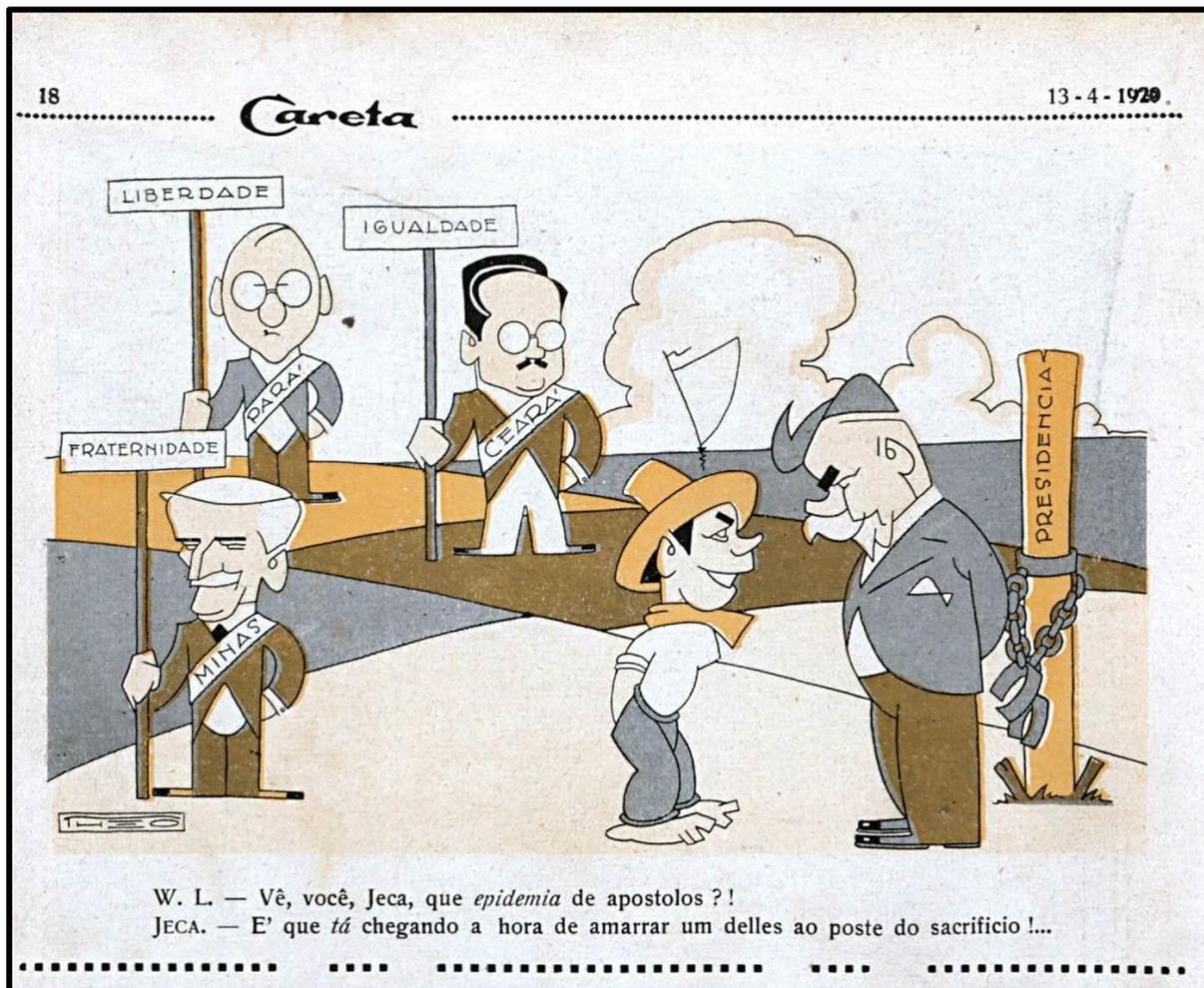
---

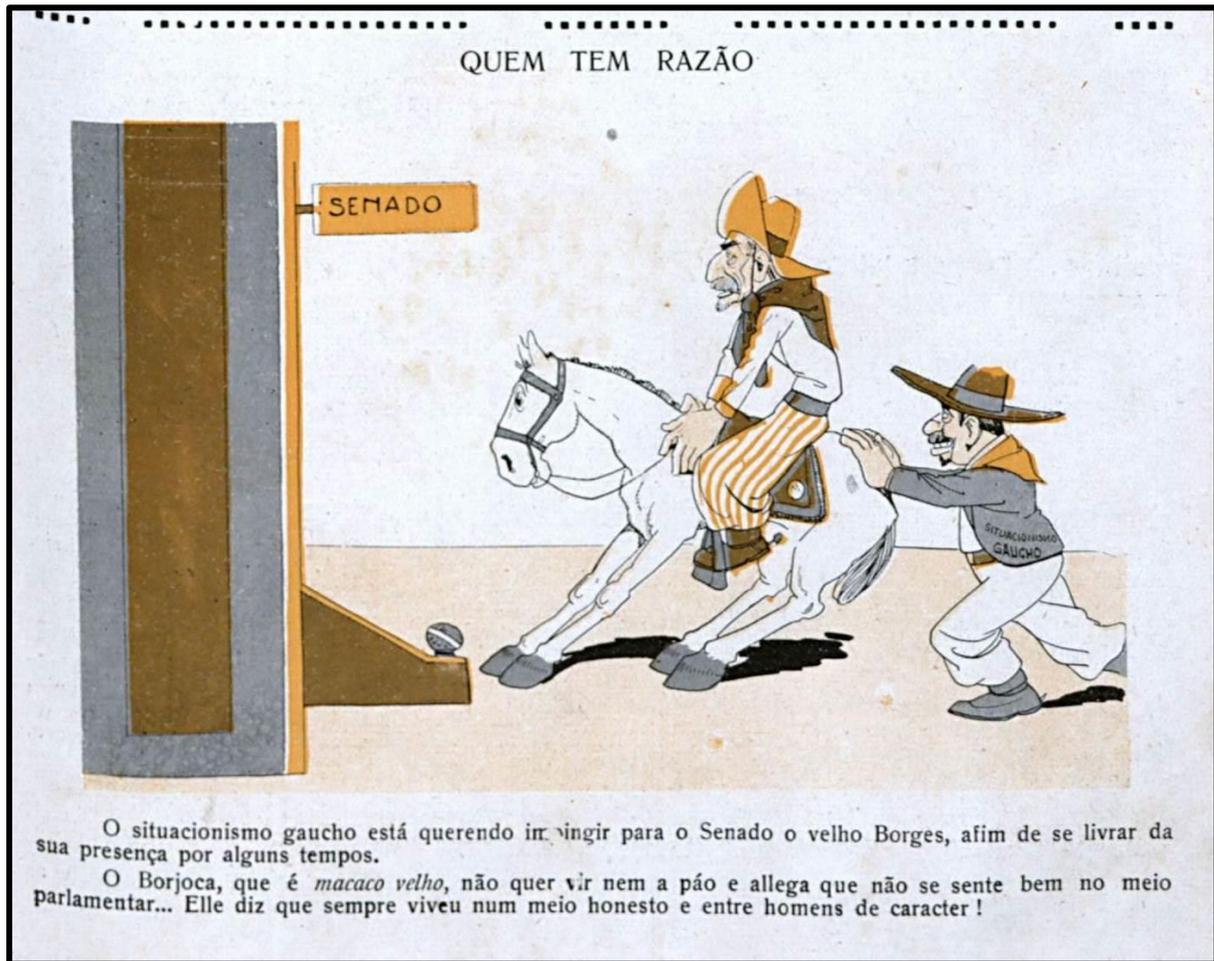
<sup>20</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 13 abr. 1929.

<sup>21</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 20 abr. 1929.

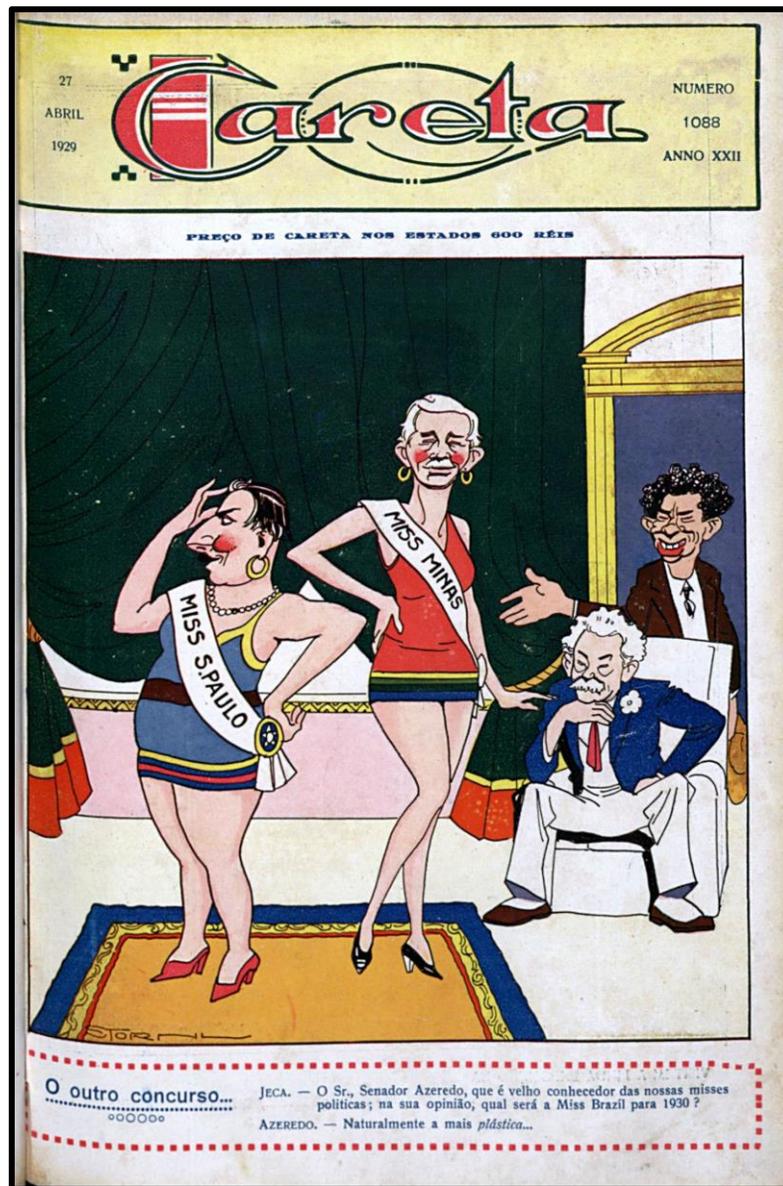
<sup>22</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 27 abr. 1929.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



Em outra caricatura, o Presidente da República conversava com o Jeca, referindo-se aos políticos que já estariam discutindo a sua “herança em vida”, ou seja, pretendendo assumir o seu cargo, comparando-os a “piratas”, que já estariam “cuidando da sucessão”, ao que o interlocutor constatava que aqueles cometeriam qualquer diabrura em busca da ascensão ao poder. O governante de Minas era comparado a um egípcio que tentava decifrar uma esfinge com o barrete frígio, identificada com a sucessão presidencial da Presidência da República, em referência a não ter sido ainda anunciada a decisão presidencial, mantendo-se as suas esperanças de ser o escolhido<sup>23</sup>. Os políticos mineiros eram apresentados como uma “classe desunida”, por estarem buscando ocupar um possível vazio no poder estadual, caso houvesse a saída de Antônio Carlos do Estado, sendo o mesmo aconselhado pela figura feminina que representava a Presidência de Minas, a não optar pela candidatura na esfera federal. Uma magérrima e fraca dama republicana ia até a drogaria para encontrar um lenitivo aos seus males, ao que o farmacêutico/político lhe indicava como remédios frascos identificados com alguns dos possíveis interessados, ou seja,, Júlio Prestes, Antônio Carlos, Getúlio Vargas e Assis Brasil<sup>24</sup>. Os pretendentes – Vargas, Ribeiro de Andrada e Júlio Prestes – apareciam mais uma vez como misses, enquanto o Jeca perguntava a Washington Luís qual critério deveria utilizar para promover a escolha.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 4 maio 1929.

<sup>24</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 11 maio 1929.

<sup>25</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 18 maio 1929.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



A DECIFRAÇÃO



— Lá vae o Andrade deixar-se engulir pela esphinge!



11 - 5 - 1929

Careta

27

REMEDIOS

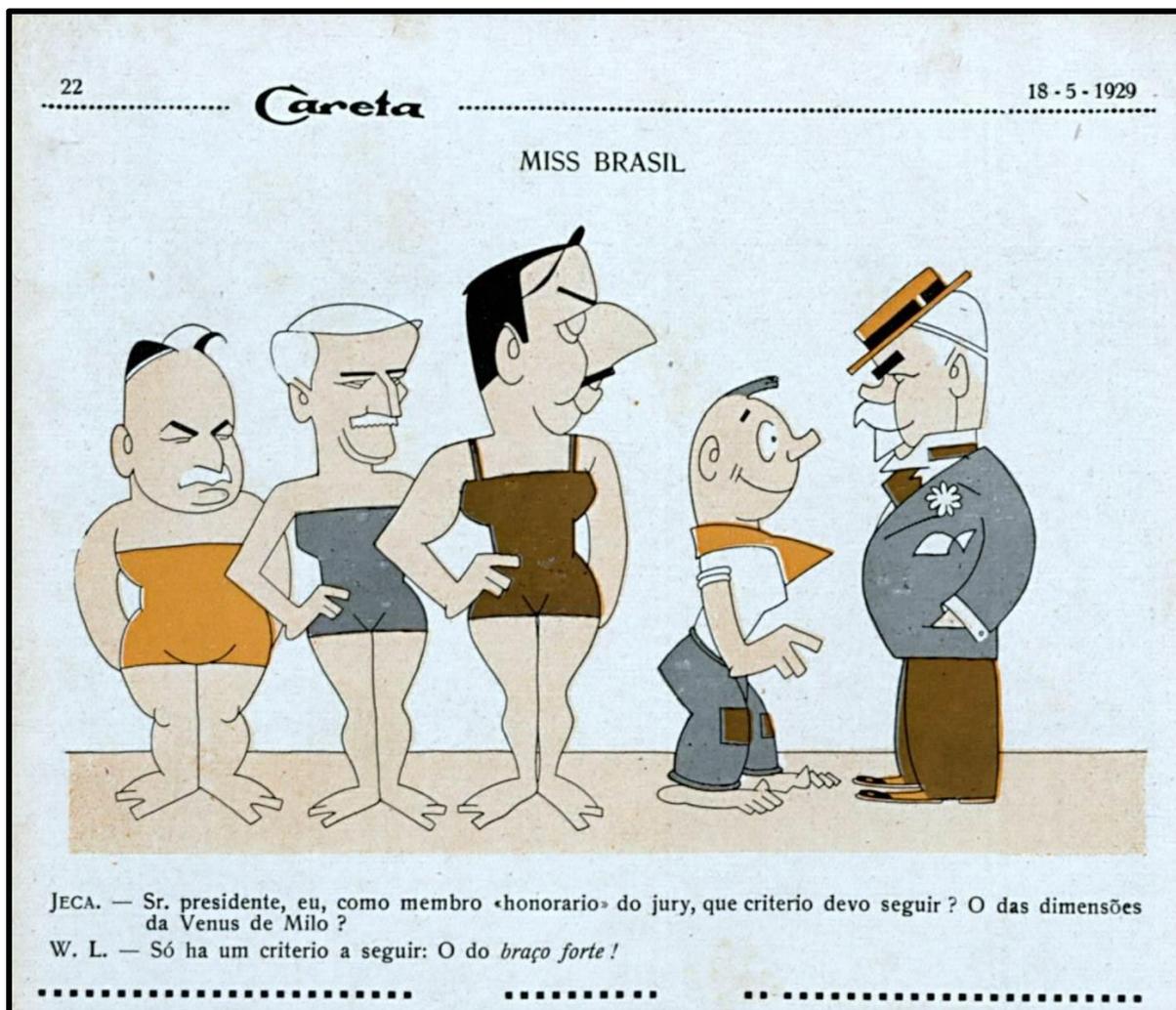


O POLITICO — Tenho duas formulas de «preparados» excellentes para te revigorar o regimen...

ELLA — Mas eu prefiro um remedio suave, sinto-me tão fraca...

O POLITICO — Nesse caso, temos a xaropada democratica, que é doce e inoffensiva.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



A situação financeira do país e a questão da política de proteção ao café foram temas bastante debatidos por ocasião da sucessão presidencial, em desenho no qual Washington Luís aparecia como um aviador, que prometia ajudar dois mendigos – o povo e o comércio – depois que conseguisse a estabilização do país. Ainda interessado no cargo presidencial, Antônio Carlos aparecia nas montanhas mineiras, como um transformador dos destinos republicanos, ao propor a instauração do voto secreto<sup>26</sup>. Enquanto ao fundo, Antônio Carlos e Júlio Prestes apareciam como os pretendentes, enquanto uma figura feminina em trajes militares representava a convenção, ou seja a cerimônia que servia para apresentar o candidato, e que era definida como um momento em que a República melhorava para pior<sup>27</sup>. O poder unipessoal do Presidente na escolha de seu sucessor foi demonstrado em caricatura na qual Washington Luís aparecia de cajado à mão, como um “supremo pastor”, que dominava o mundo político de então, que era comparada a uma “carneirada” plenamente controlada. Lembrando o ditado popular, a sucessão presidencial era apresentada como uma cumbuca, na qual os dois macacos – Prestes e Andrada – pretendiam colocar a mão<sup>28</sup>. As disputas pela sucessão entre os governantes paulista e mineiro era apresentada como uma guerra, ao passo que os gaúchos, representados por Assis Brasil e Batista Luzardo aguardavam dentre aqueles quem seria “o primeiro a disparar”<sup>29</sup>.

---

<sup>26</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 25 maio 1929.

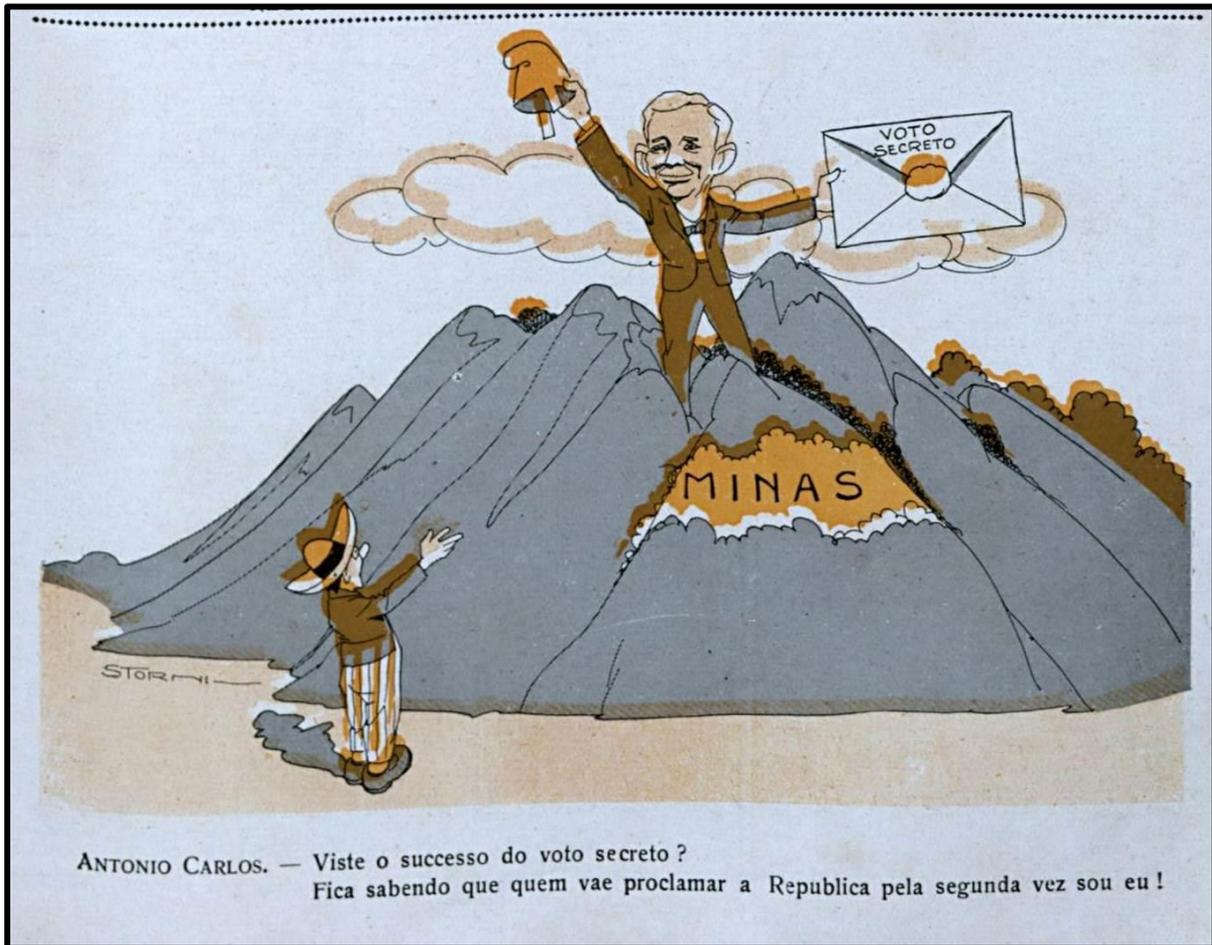
<sup>27</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 1º jun. 1929.

<sup>28</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 15 jun. 1929.

<sup>29</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 22 jun. 1929.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



A PARADA DOS "MÉS" ESTADUAES...

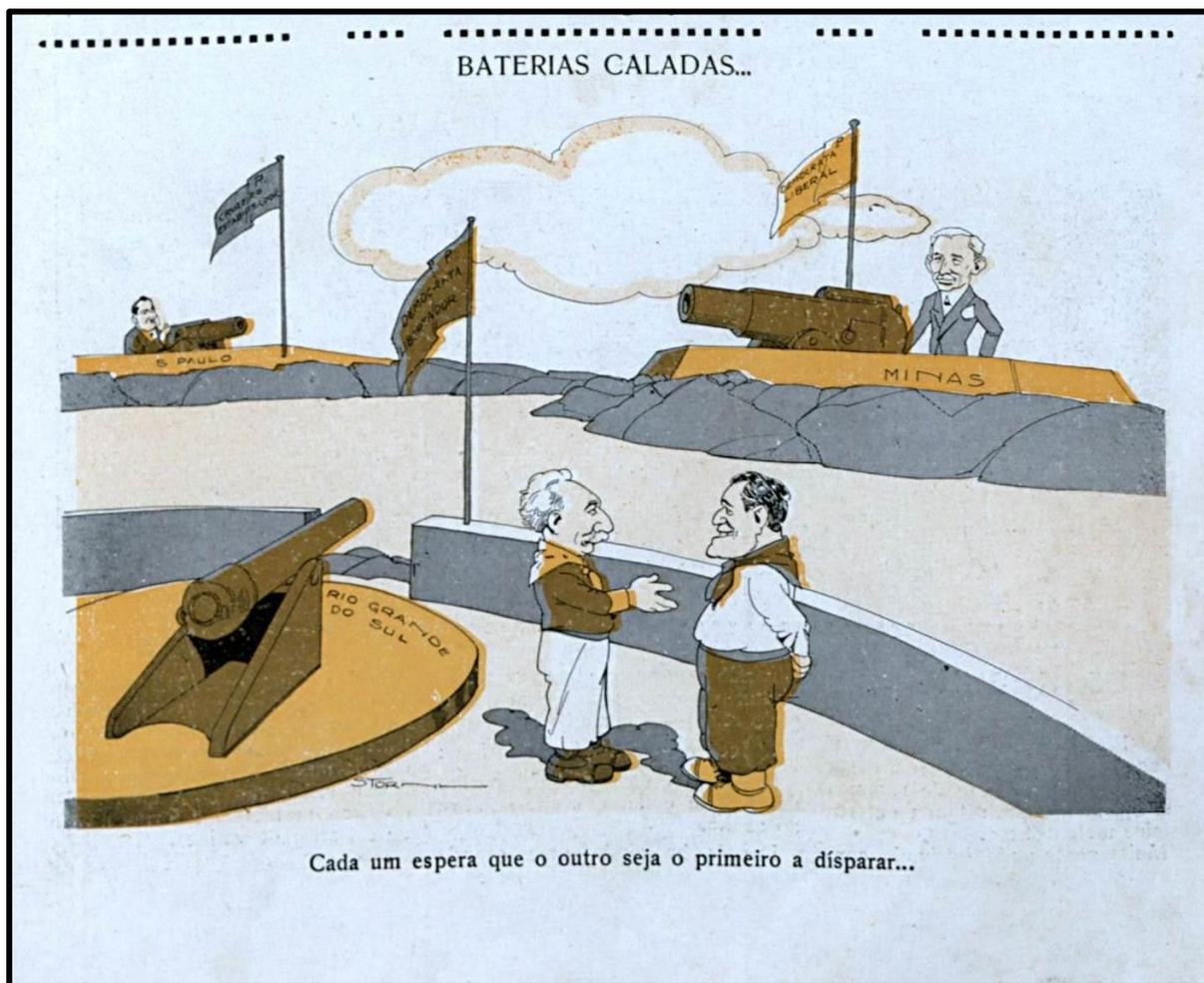


O desfile legislativo perante o supremo pastor.

A carneirada unida e cohesa mantém inabalável o princípio positivista : A submissão é a base da perfeição!

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





Sobre a falta de identidade partidário-ideológica dos políticos, a folha humorística criticava uma figura feminina que designava a representação política cuja postura poderia variar entre a oposição e o apoio a uma possível candidatura<sup>30</sup>. Uma suposta negociata entre os governos de Minas e do Rio Grande do Sul envolvendo a aquisição de bondes era apresentada em desenho no qual Washington Luís dirigia tal veículo em direção ao Catete – símbolo do poder presidencial –, enquanto o passageiro sugeria ter cuidado “o mineiro” – Antônio Carlos –, que se encontrava no caminho. A figura feminina da República era criticada por estar mais uma vez procurando um homem, o que se repetia a cada quatro anos, em alusão à eleição presidencial. Em conversa com o Jeca, Antônio Carlos dizia não entender o motivo de não conseguir chegar à Presidência, tendo em vista aquilo que prometia, ao que o interlocutor respondia, lembrando o velho axioma, segundo o qual o pobre sempre desconfiava quando a esmola era muito expressiva. O olhar crítico recaía também sobre os parlamentares, representados por papagaios – em referência ao hábito de falarem por falar –, que mantinham intensas discussões, até que fosse escolhido o candidato oficial. O parlamentar Azeredo desaconselhava o chefe político gaúcho Borges de Medeiros a abandonar um dos princípios positivistas, quanto a viver às claras, o que não seria concernente à vida política nacional. Outra ilustração satírica trazia o Jeca a desmentir a promessa do Presidente da República de que o Brasil deixaria de ser um país devedor<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 22 jun. 1929.

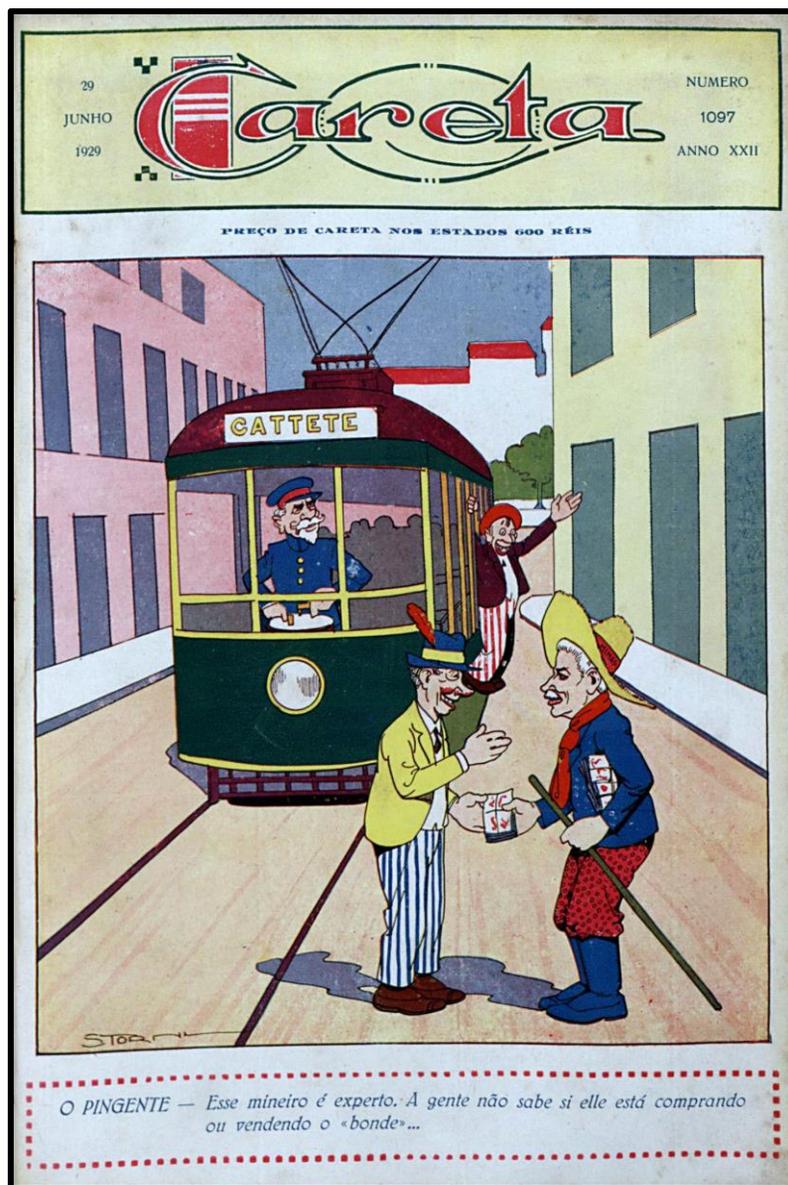
<sup>31</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 29 jun. 1929.

MISS ADHESÃO



- Já está a *esqueida* á espera do candidato do governo para metter-lhe o páo.
- Não creia nisso. Isso é um paiz perdido. Ella está esperando, para *seguir* o farrancho...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



DE 4 EM 4 ANNOS



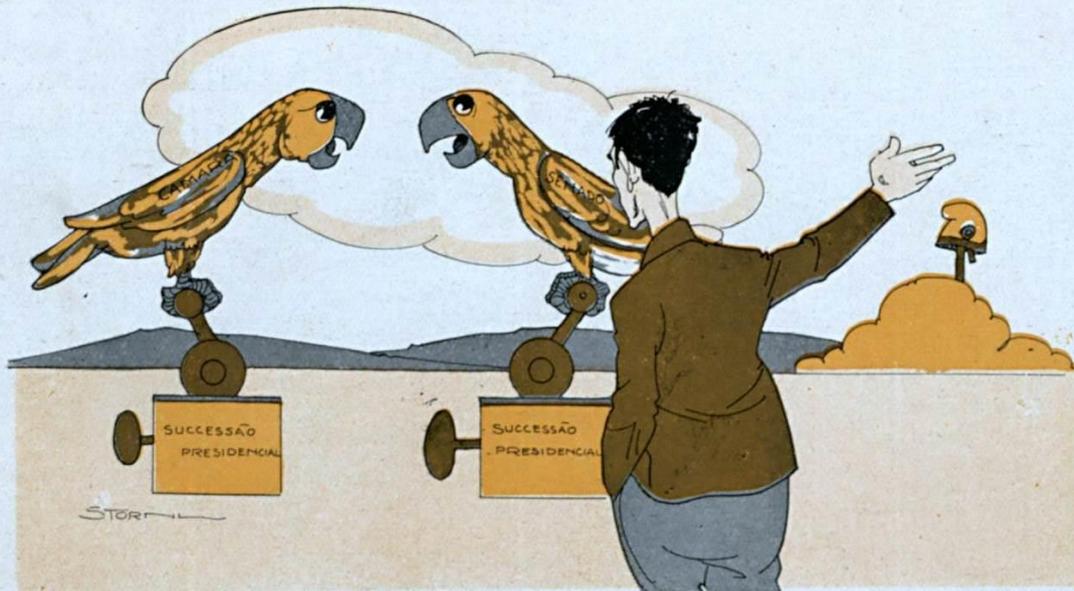
ELLE. — O que está *percurando*, madama?

ELLA. — Um «homem»...

ELLE. — Outra vez? Desde que lhe *conheço* a senhora não tem feito outra coisa! Se vocêmecê tivesse aparecido no tempo da monarchia teria encontrado tantos...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





O POPULAR. — Eil-os fallando á vontade sobre o maior assumpto que os empolga ! Uns contra outros a favor deste ou daquelle provavel condidato á futura presidencia...

O bate boca é empolgante e divertido e a divergencia se mantem até que o «papavel» se defina no horizonte. Só então é que se calam e, num exemplo edificante de cohesão *sub democratica*, todos elles adherem...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



VER PARA CRER



W. L. — E' como digo na mensagem. Hoje somos devedores, porem chegará a epoca em que empresta-  
remos tambem !  
JECA. — Me inscreva, seu doutô, no bloco dos «santomés»...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

A escolha de Washington Luís pelo nome de Júlio Prestes foi representada como uma disputa de automobilismo, em que aquele buscava instruir este quanto à corrida. Em “a dolorosa interrogação”, o velho parlamentar Antônio de Azeredo lamentava o momento em que o político tinha de tomar a decisão quanto à adesão a uma candidatura<sup>32</sup>. Como só a arte caricatural poderia fazer, um repórter entrevista o Patriarca da Independência, antepassado de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que menosprezava a ação política de seu descendente. A dama republicana era apresentada como uma noiva pronta a desposar o candidato Júlio Prestes e, diante da pergunta se faria aquilo por “espontânea vontade”, o Jeca atalhava que ela nunca tivera vontade própria<sup>33</sup>. O pleno controle presidencial sobre o Congresso Nacional ficava expresso em caricatura na qual Washington Luís teria engarrafado os parlamentares e arrolhado a questão sucessória, enquanto a opinião pública ficava ao largo, sem condições de manifestar-se. Em certas oportunidades, a revista associava a crítica política a de costumes, como ao comparar o casamento de um homem com uma viúva que tinha uma filha com a aquisição de um bonde com reboque, em referência à negociata que envolvera esse tipo de transporte público. Comparado ao aviador espanhol Ramon Franco, o político mineiro Antônio Carlos era dado como desaparecido em meio ao trajeto Belo Horizonte – Catete, em referência à sua pretensão frustrada de candidatar-se à Presidência da República<sup>34</sup>.

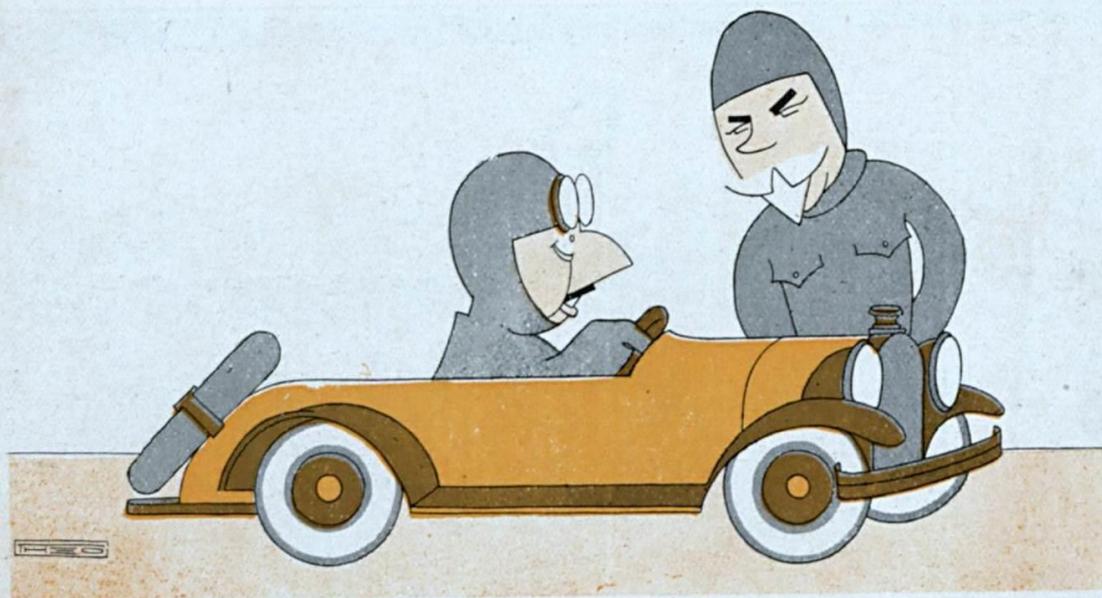
---

<sup>32</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 jul. 1929.

<sup>33</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 13 jul. 1929.

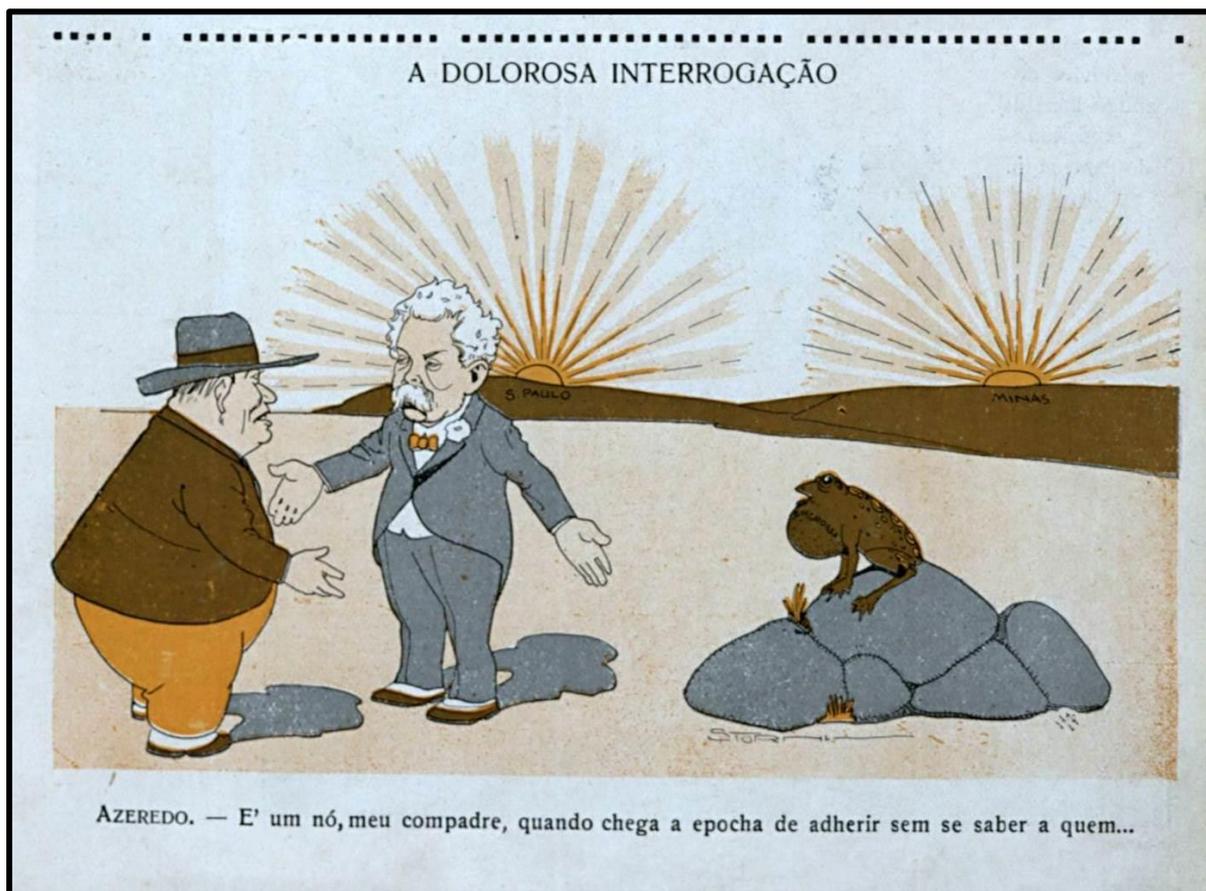
<sup>34</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 20 jul. 1929.

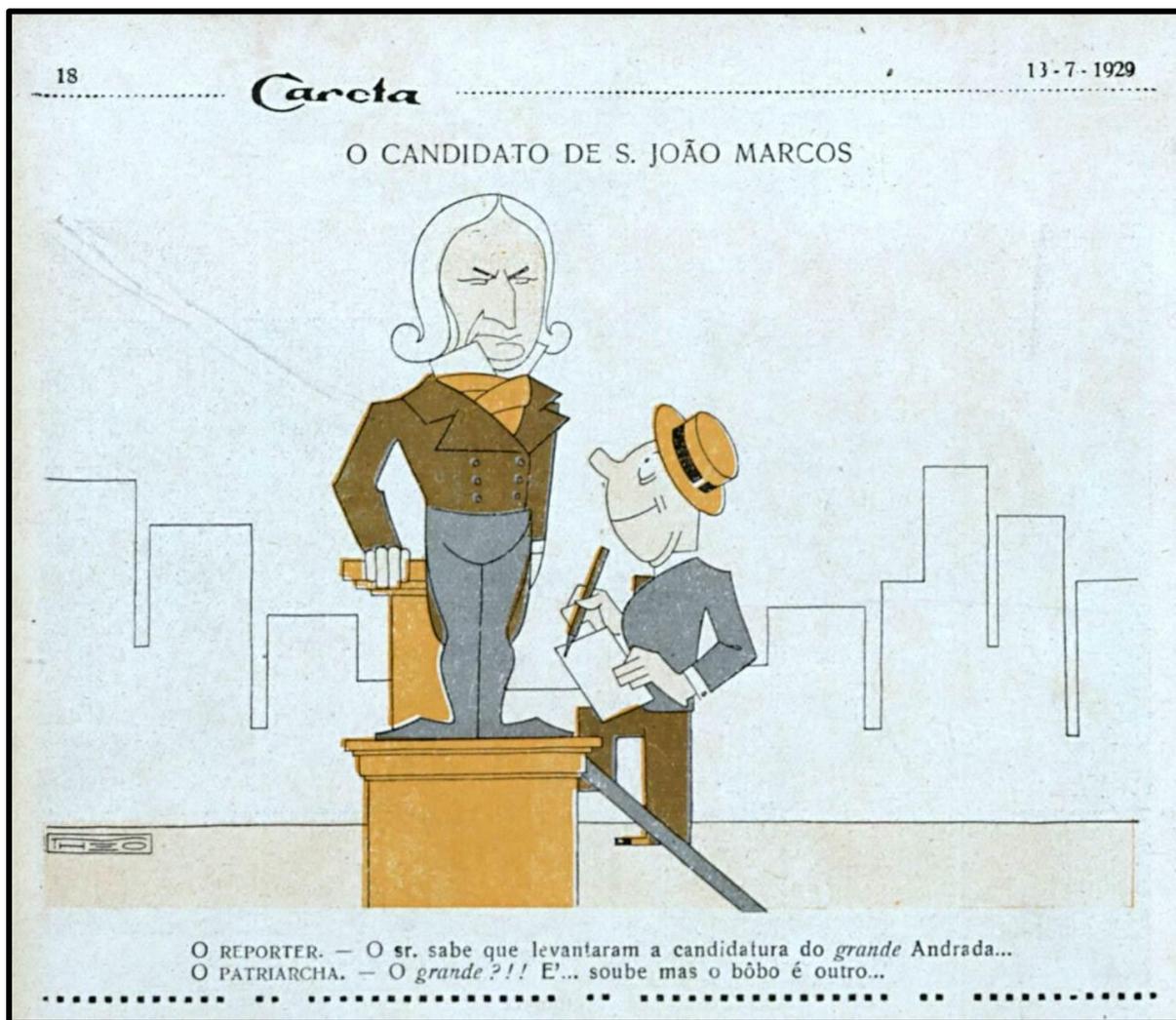
DOS ELYSEOS AO CATTETE



W. L. — Então, está pronto para a corrida ?  
PRESTES. — Si não encontrar alguma *pedra* pelo caminho...

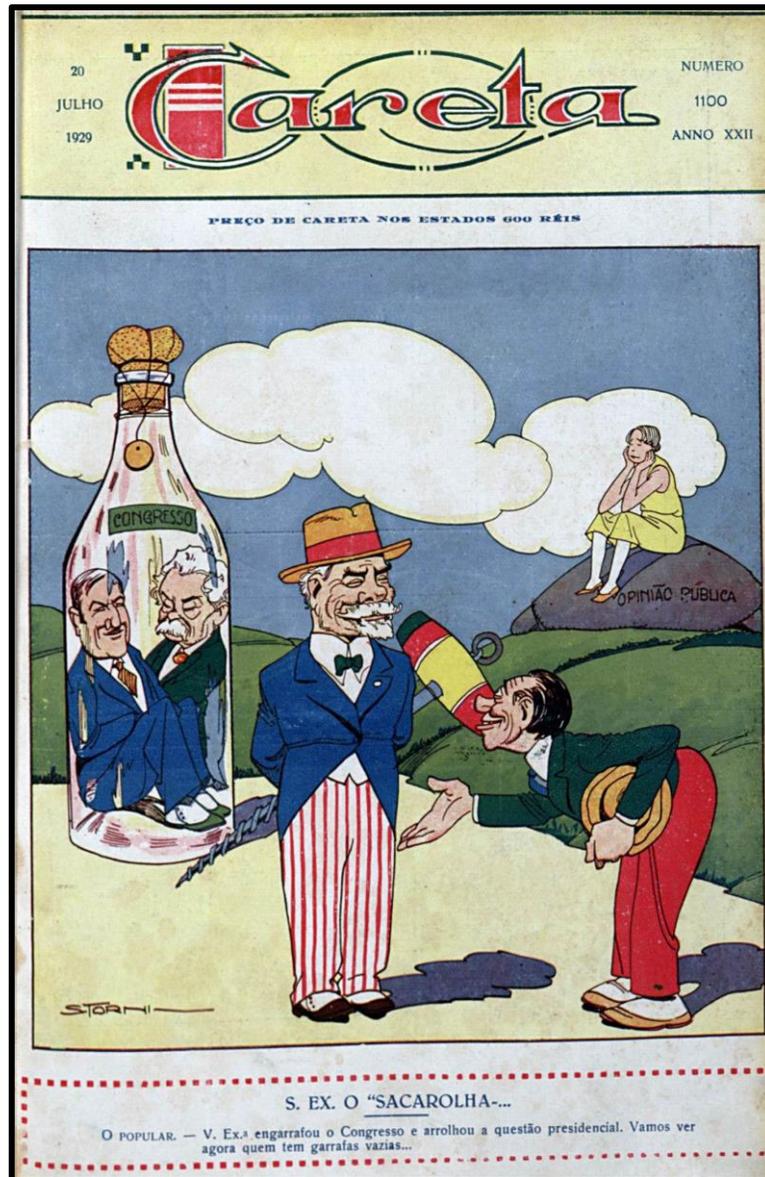
PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



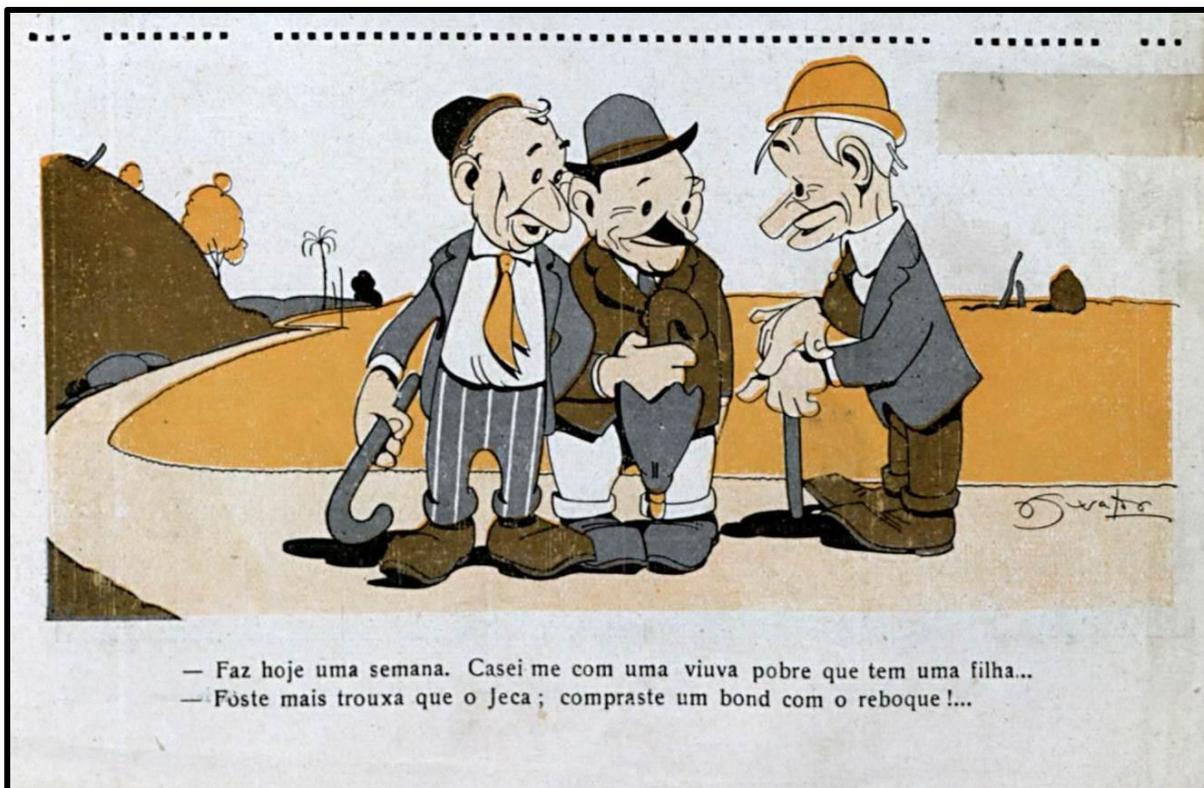


PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



O SUSTO DE RAMON FRANCO



— O avião Minas Geraes, que fazia o raid Bello Horizonte-Cattete, desapareceu no *Mar de Hespanha* e está, com certeza, á espera de uma *bandeira* que o salve !

No desenho denominado “Sacrilégio”, Washington Luís figurava em meio a vários dos atores políticos de então, que estariam parodiando os doze apóstolos, mas ficava demarcado o caráter não-confiável e traiçoeiro de tais homens públicos, uma vez que iriam sobrar vários deles para representar o Judas<sup>35</sup>. As disputas políticas de então eram configuradas como um pugilato entre O Presidente da República e Antônio Carlos, mediados pelo parlamentar Azeredo e tendo como torcedores Jecas de vários lugares do país, sendo o primeiro representado como “peso pesado” e o outro como “peso pena”, com o esclarecimento de aquele tipo de luta o único ferido viria a ser o tesouro público. Alguns membros da Aliança Liberal se propunham a jurar pela liberdade, embora houvesse contestação quanto à definição de tal princípio. Washington Luís aparecia mais uma vez como pastor, surgindo os políticos como ovelhas, diante do que o Jeca perguntava se aquele receava que alguma delas se desgarrasse, obtendo por resposta que isso não ocorreria porque o Presidente teria o poder de dominar o processo eleitoral. Como dois militares, Ribeiro de Andrada conversava com o ex-Presidente Artur Bernardes, que aderira à Aliança e que, “por ironia do destino”, uma vez que exercera um governo calcado no autoritarismo, seria o responsável por libertar o Brasil<sup>36</sup>. Em outra caricatura, Getúlio Vargas recebera o bonde mineiro da sucessão, mas recebia o conselho de Borges de Medeiros que seria prudente esperar pelos reboques, ou seja, obter mais apoios<sup>37</sup>.

---

<sup>35</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 27 jul. 1929.

<sup>36</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 3 ago. 1929.

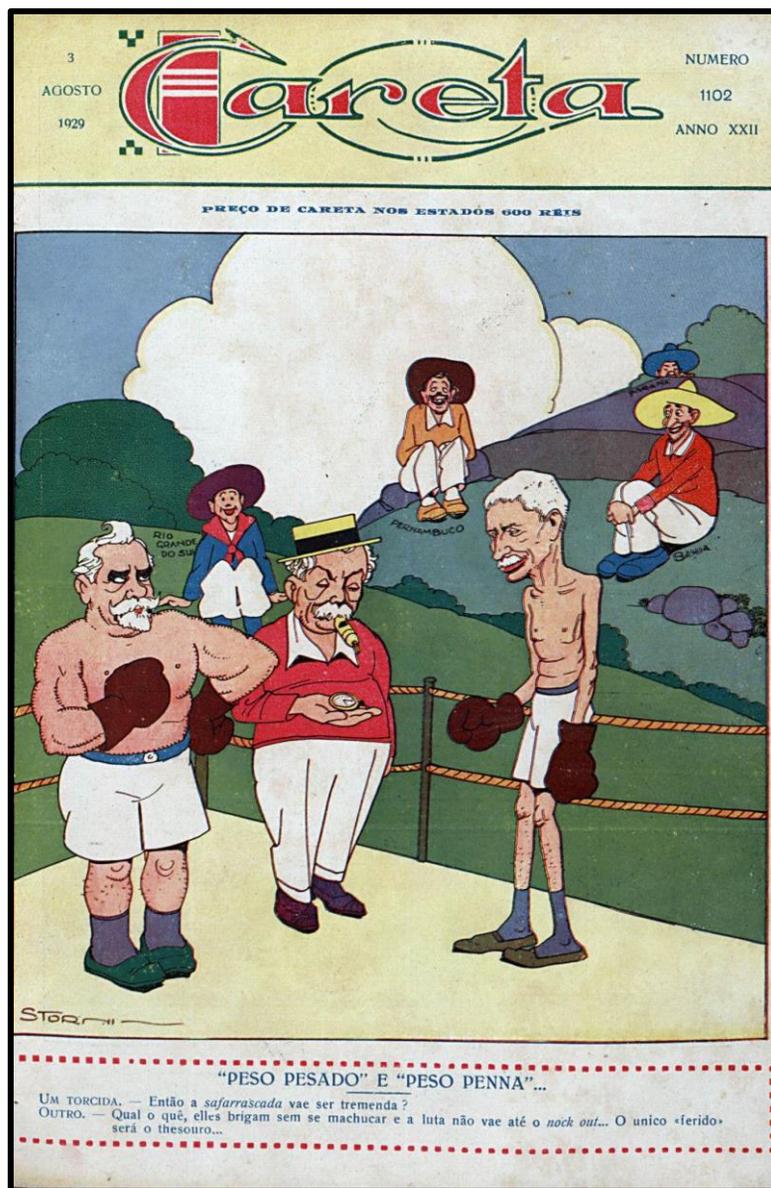
<sup>37</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 10 ago. 1929.

SACRILEGIO



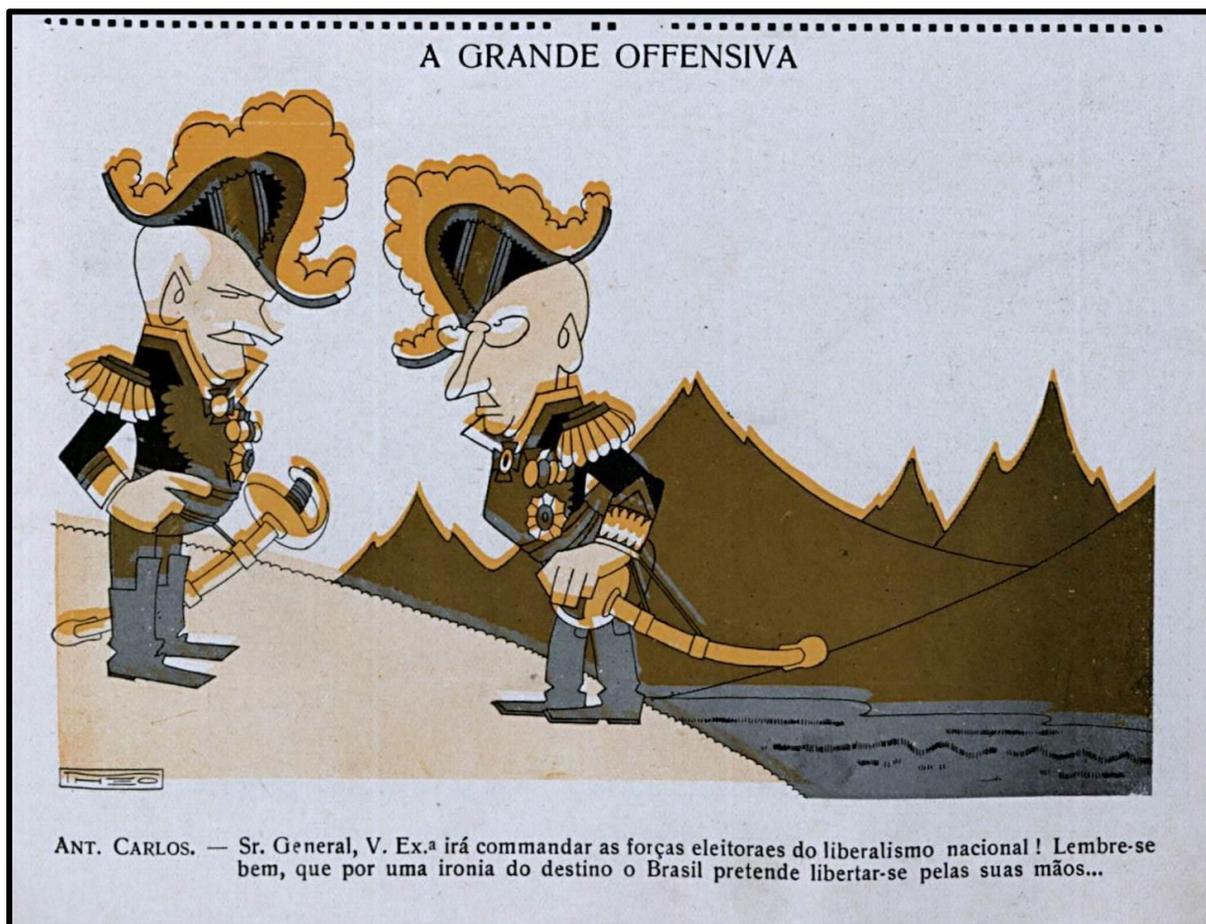
O apóstolo Simões (ao apóstolo Sodré). A sua ideia de parodiarmos os 12 apóstolos está gozada, mas o diabo e que vamos ter uma meia dúzia de Judas...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL









PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



Enquanto Washington Luís, como um garçom, oferecia um café com leite para o Jeca, que se considerava insatisfeito com a oferta, preferindo um churrasco, em referência a uma opção pelo gaúcho Vargas, em relação à candidatura oficial que representava o modelo vigente. A falta de participação popular no processo eleitoral ficou demarcada em ilustração na qual o povo levava a dama democracia na garupa de seu cavalo e confessava que sua vontade não tinha nenhuma relevância na vida política, uma vez que o poder decisório estaria nas mãos dos “chefões”, em alusão ao mandonismo local. O alto poder presidencial era um tema retomado ao mostrar dois indivíduos conversando sobre o fato de que Washington Luís até abria mão quanto à sucessão no que tange ao Vice-Presidente, mas que não faria o mesmo em relação à cabeça de chapa. Como um motorista que dava carona ao Jeca, Antônio Carlos discutia quanto a ter ou não receio em ter se colocado na oposição à candidatura oficial. Parecendo cansado e desacorçoado, Washington Luís lançava dúvidas quanto à confiabilidade daqueles que atuaram como auxiliares ministeriais em seu governo. Em diálogo entre a dama republicana e um cidadão, frente a um cartaz que continha os nomes do Presidente da República, do governador mineiro e do paulista, ela perguntava qual deles seria o preferido do outro, ao que ele tem uma quarta opção, pois, com partes dos nomes anteriores, formara-se “Luís Carlos Prestes”, o líder tenentista, que seria o seu escolhido<sup>38</sup>

---

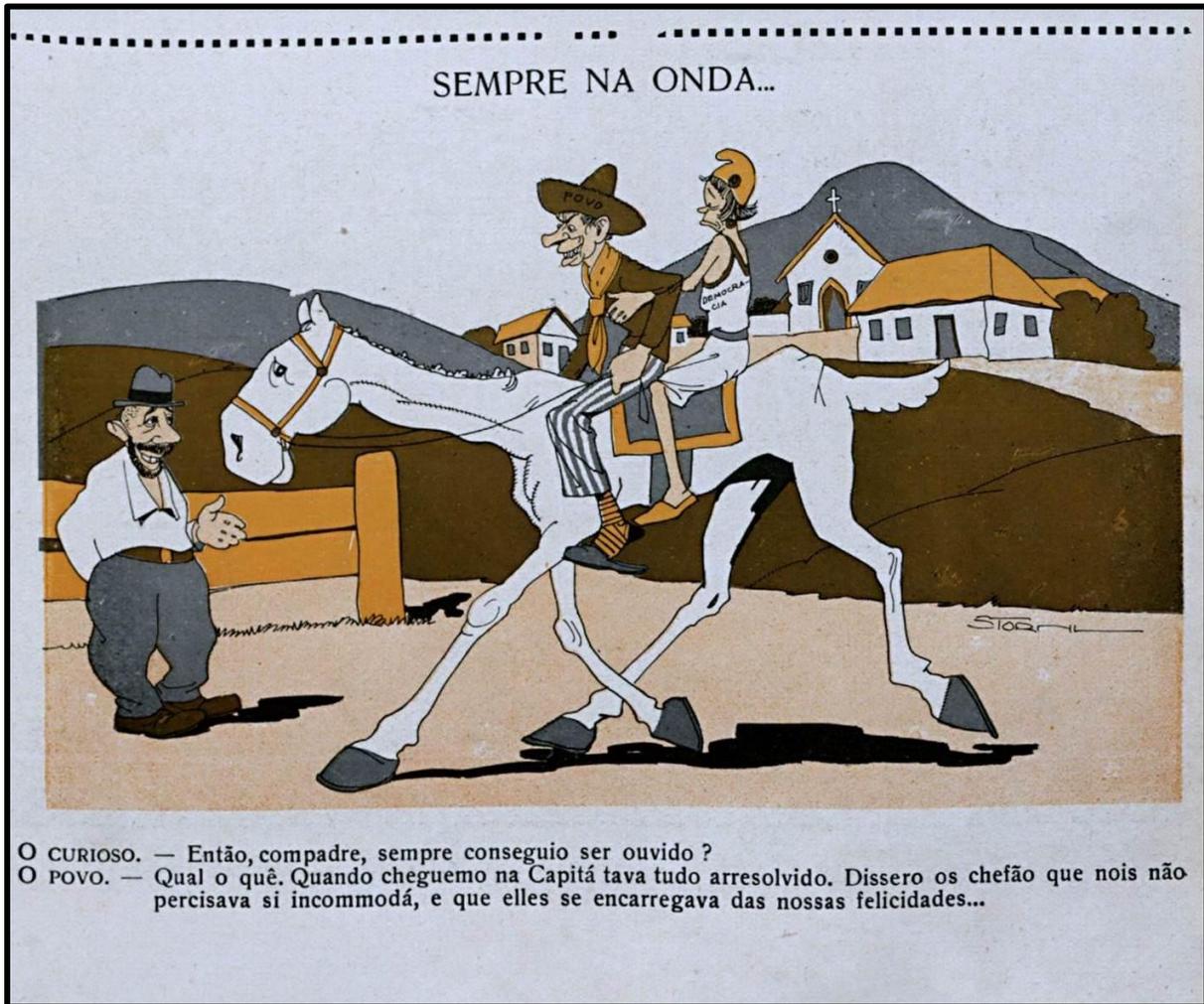
<sup>38</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 10 ago. 1929.

VARIANDO O PALADAR



W. L. — Café com leite ?

JECA. — Essa historia de café com leite já está páo ! traga-me um *churrasco*...



PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



COM MEDO DO PAPÃO ?



O JECA. — Então, Dr., vosmecê se *espantou-se* ? Tá cum medo ? Qué arrecuá ?  
ANTONIO CARLOS. — Não é o medo que tenho. E' medo de metter medo a elles...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



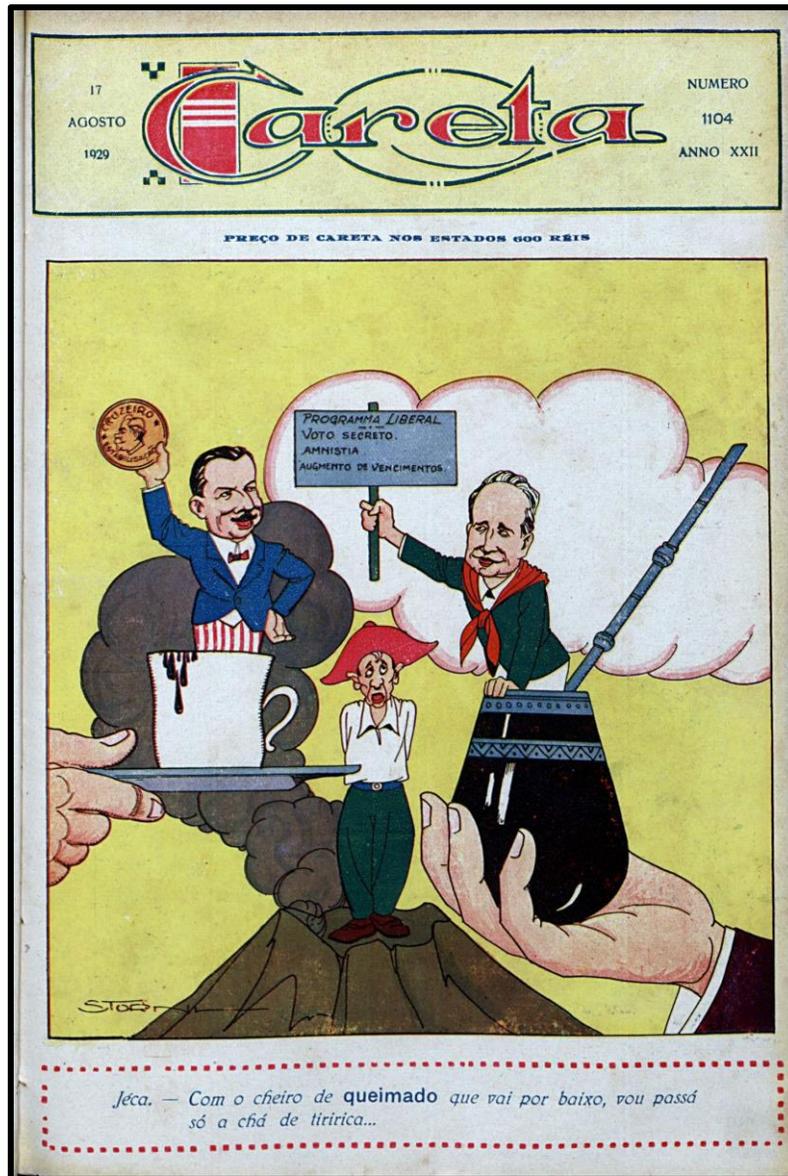


PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

A disputa entre os dois candidatos à Presidência foi representada por Júlio Prestes, associado ao café e à “estabilização” econômico-financeira, e Getúlio Vargas, vinculado ao mate e apresentando algumas propostas de seu programa, enquanto, ao fundo, o Jeca se mostrava preocupado com a intensidade dos debates, tanto que estava sobre um vulcão que anunciava iminente erupção. Artur Bernardes, Epitácio Pessoa e Borges de Medeiros, políticos com tradição autoritária pareciam mostrar-se constrangidos na opção pelo liberalismo, tanto que revelavam seu desejo de confessar-se a um clérigo, para obterem uma absolvição em relação a seus atos anteriores. Colocados no plano sideral, Artur Bernardes e Assis Brasil eram representados como indivíduos que estariam pouco conectados com a realidade do momento. Quanto a uma possível ampliação de acordos em prol da candidatura oficial, Washington Luís aparecia como um pescador, cujo sucesso seria improvável segundo um “popular” que se fazia presente. A folha mostrava também a ação de três políticos aliancistas no parlamento, João Neves da Fontoura, José Bonifácio de Andrada e Silva e João Vespúcio de Abreu ao defenderem, cada um a seu estilo, a causa liberal. A disputa eleitoral era mais uma vez comparada a um conflito bélico com as fortalezas mineira e alagoana, ao passo que militares de outros Estados nordestinos decidiam os caminhos a seguir. Entre os dois candidatos, em uma corda bamba, o parlamentar André Gustavo Paulo de Frontin tentava equilibrar-se para não ter de abrir sua postura na disputa<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 17 ago. 1929.





UM DIA DEPOIS DO OUTRO

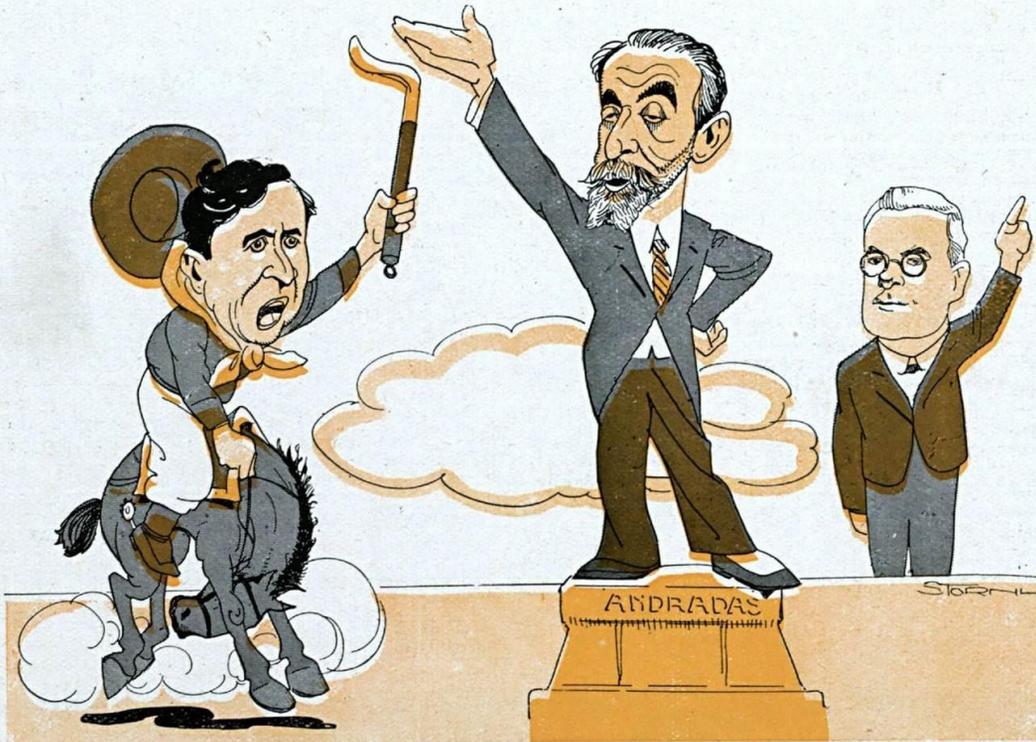


Bernardes e Assis Brasil se encontram no mundo dos espiritos ou no mundo da lua?...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

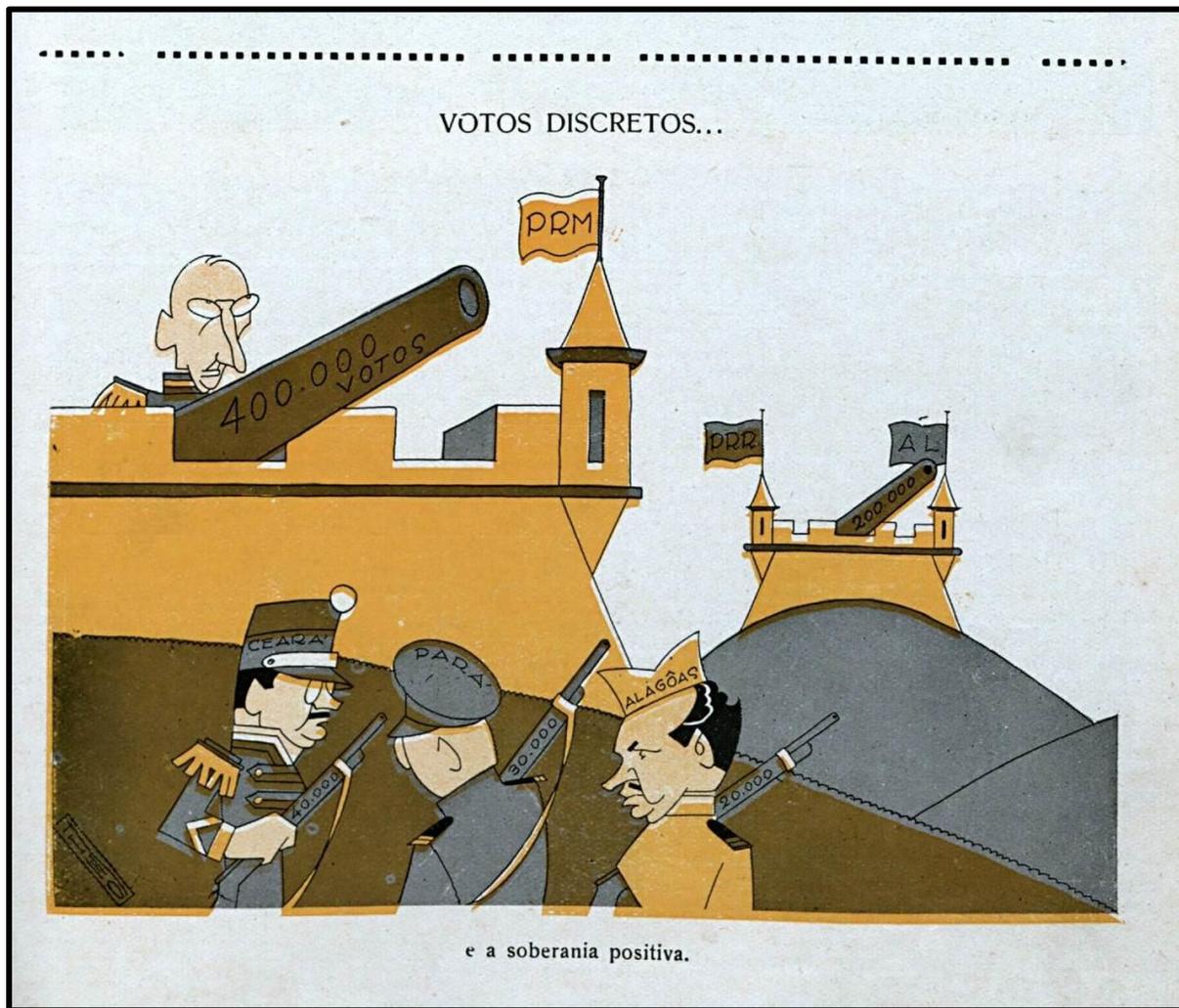


A LINGUA NÃO TEM OSSOS...



Neves da Fontoura, Zé Bonifácio e Vespúcio de Abreu defendem no Congresso os ideais do liberalismo, dentro das linhas correctas de uma campanha digna e superior...  
Os cascudos do recinto correm por conta própria.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



O EQUILIBRISTA



JULIO E GETULIO. — E' um bicho esse Frontin! E' tão neutro que contenta a qualquer um dos dois e mesmo ao terceiro.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

Vestido à gaúcha, cheio de ironia, Getúlio Vargas garantia que manteria uma “campanha dentro da ordem e da tranquilidade”, mas, ao mesmo tempo, afiava seu facão para o caso do enfrentamento tomar caminhos mais violentos. Dois brasileiros conversavam despreocupadamente sobre alistar-se e ser liberal, havendo entre eles a desilusão de que entre os candidatos o predomínio não era pela questão ideológica e sim da compra de votos. A disputa entre situação e oposição surgia como oportunidade única para que “o marisco” – o povo – pudesse vir a ter alguma vantagem sobre “o rochedo” – o Presidente da República<sup>40</sup>. O enfrentamento eleitoral era comparado também a uma corrida de turfe, na qual um jóquei era Vargas, treinado por Antônio Carlos, e o outro Júlio Prestes, cujo treinador Washington Luís, lembrava de tudo que estava em jogo naquele páreo. Epitácio Pessoa conversava com o parlamentar Irineu de Melo Machado sobre a sucessão, ao que este revelava que, acima da política, estavam os interesses pecuniários. Indivíduos representavam a potencialidade eleitoral dos três principais Estados aliancistas, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, mas preocupavam-se com a “megera” que representava o sistema de apuração dos votos, discutindo que de havia de um lado o senador piauiense José Pires Rebelo e, do outro, o senador sergipano José Joaquim Pereira Lobo. A representação dos parlamentares como cordeiros dóceis e facilmente dominados voltou à baila, com Washington Luís e Júlio Prestes aparecendo para indicar-lhes o caminho a seguir<sup>41</sup>.

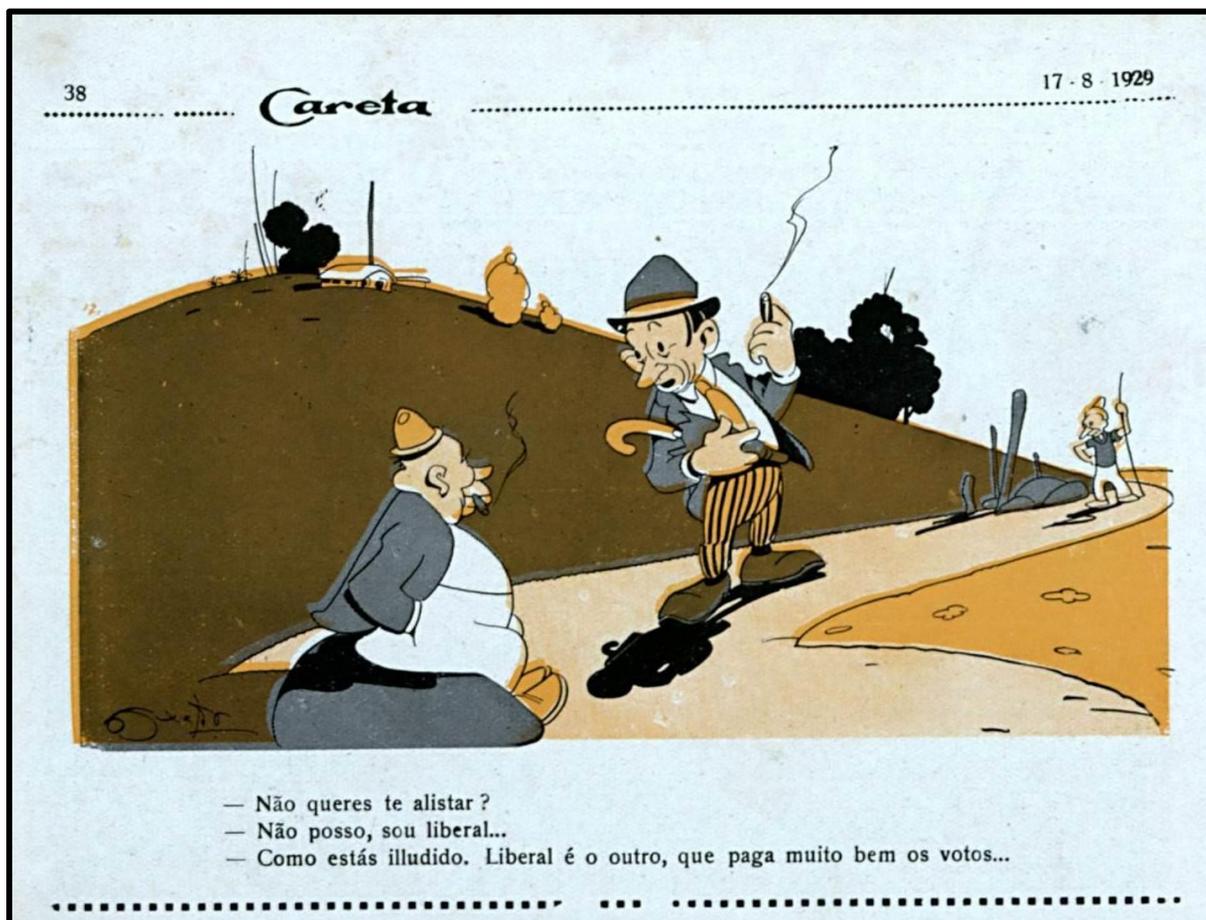
---

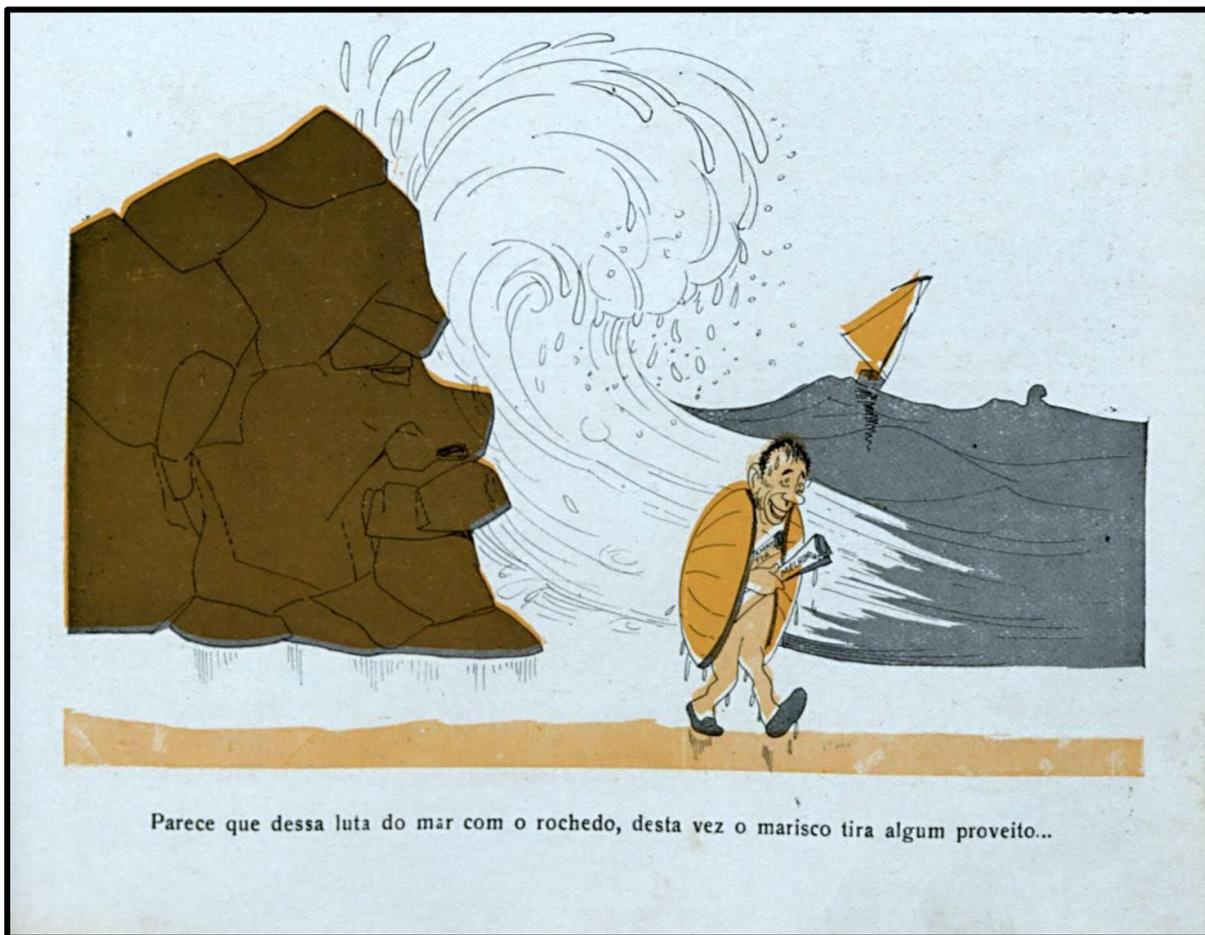
<sup>40</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 17 ago. 1929.

<sup>41</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 24 ago. 1929.

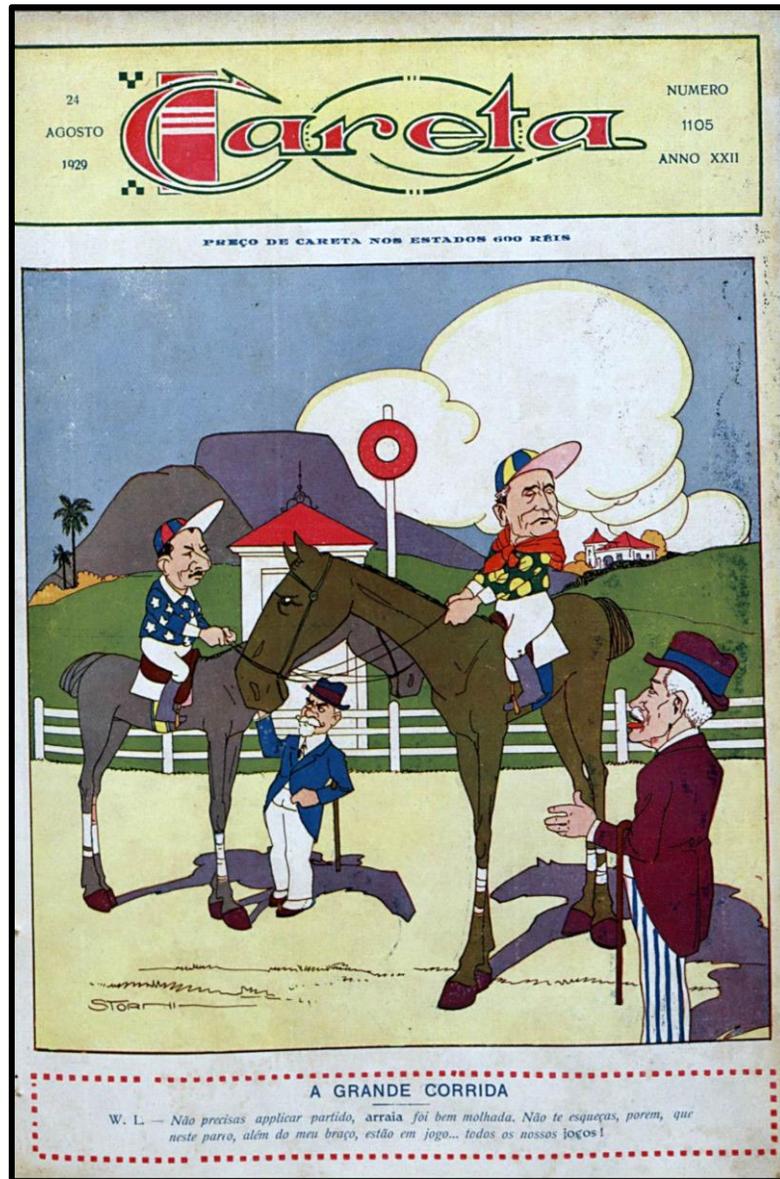


PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

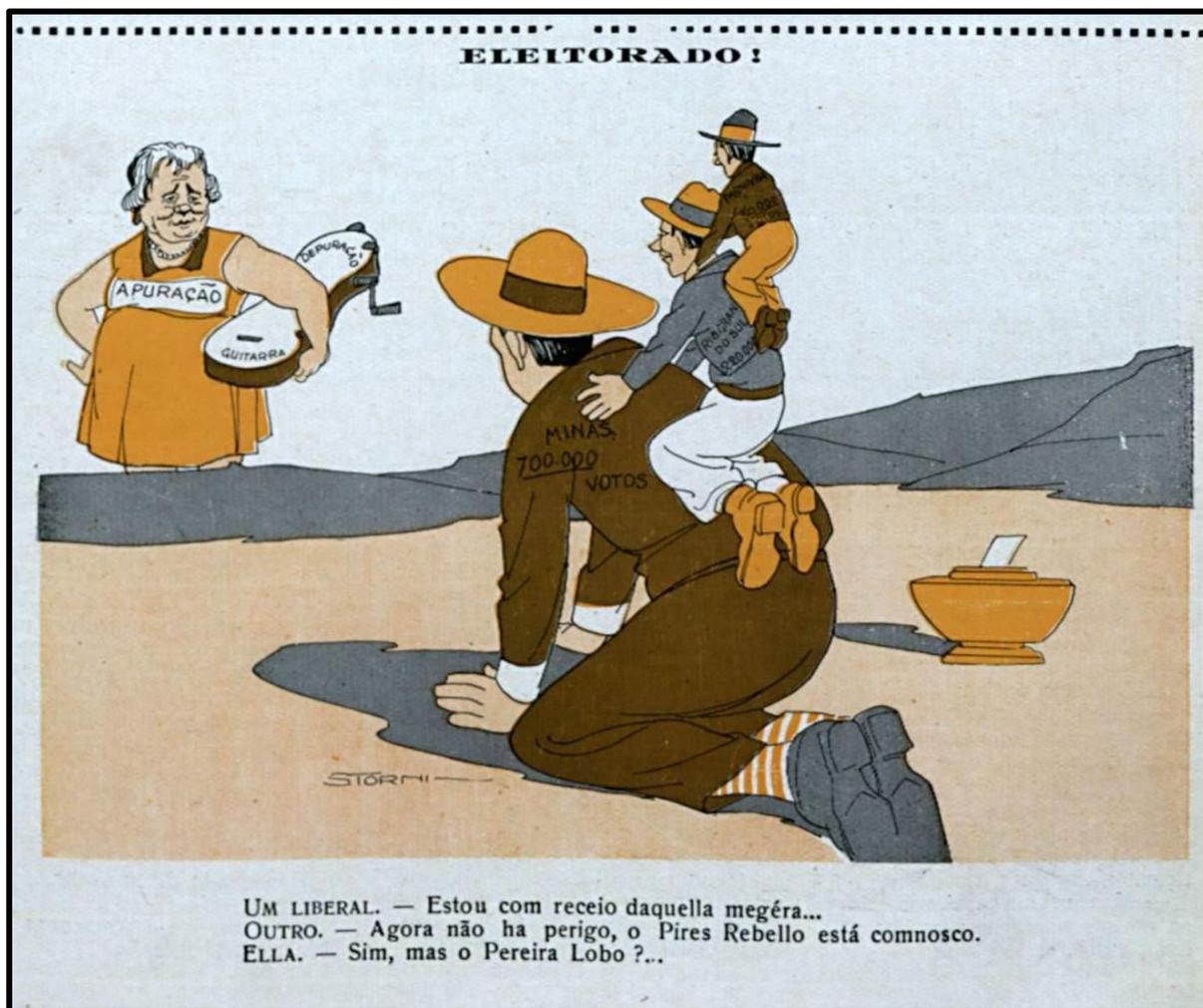


O DEPUTADO YANKEE...



EPITACIO. — Ainda não sentes coegas ?  
IRINEU. — No, sir, time is money.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



OS PRESTIMOSOS...



UOXITON: — Cumpriste as minhas ordens?

PRESTES: — Nem foi preciso retirar a cerca, com *prestesa* pularam!

A respeito da ruptura entre São Paulo e Minas, a *Careta* apresentava “O Povo” a comentar que pela “primeira vez um Presidente paulista fica com a faca e sem o queijo”, com as figuras de Washington Luís controlando o instrumento cortante da “maioria”, enquanto Getúlio Vargas e Antônio Carlos apropriavam-se de um enorme queijo mineiro. Em outra cena, o Presidente se mostrava satisfeito com o Jeca por ele votar em Júlio Prestes, ao que o símbolo do povo colocava em dúvida, pois poderia ser outro Prestes, no caso o representante do tenentismo, Luís Carlos, que aparecia ao fundo. Em “A grande lavagem”, alguns congressistas tinham enorme trabalho para eliminar a “sujeira” política, imaginando que assim a figura feminina da “democracia” poderia sair mais limpa. As campanhas de Vargas e Prestes apareciam também como duas mulheres que cortejavam um “tribuno” em busca de seu apoio. A negociata envolvendo os bondes retornava ao debate, na conversa entre dois populares, na qual um deles se dizia um político intransigente, pois se negava a vender ou comprar aquele tipo e veículo. Em outro diálogo, um indivíduo dizia que tivera de mudar de opção, tendo em vista a obtenção de um empréstimo, bem de acordo com a compra de votos tão comum à época. A crítica política mais uma vez era associada à de costumes, quando um homem que mostrava uma postura ambígua, sendo em política e em casa, ao mesmo tempo, “intransigente” e “liberal”<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 24 ago. 1929.



PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

26

Careta

24-8-1929

O BARBADO É OUTRO...



W. L. — Muito bem, Jeca, soube que ias votar no Prestes !  
JECA. — Qual delles, seu doutô ?



PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



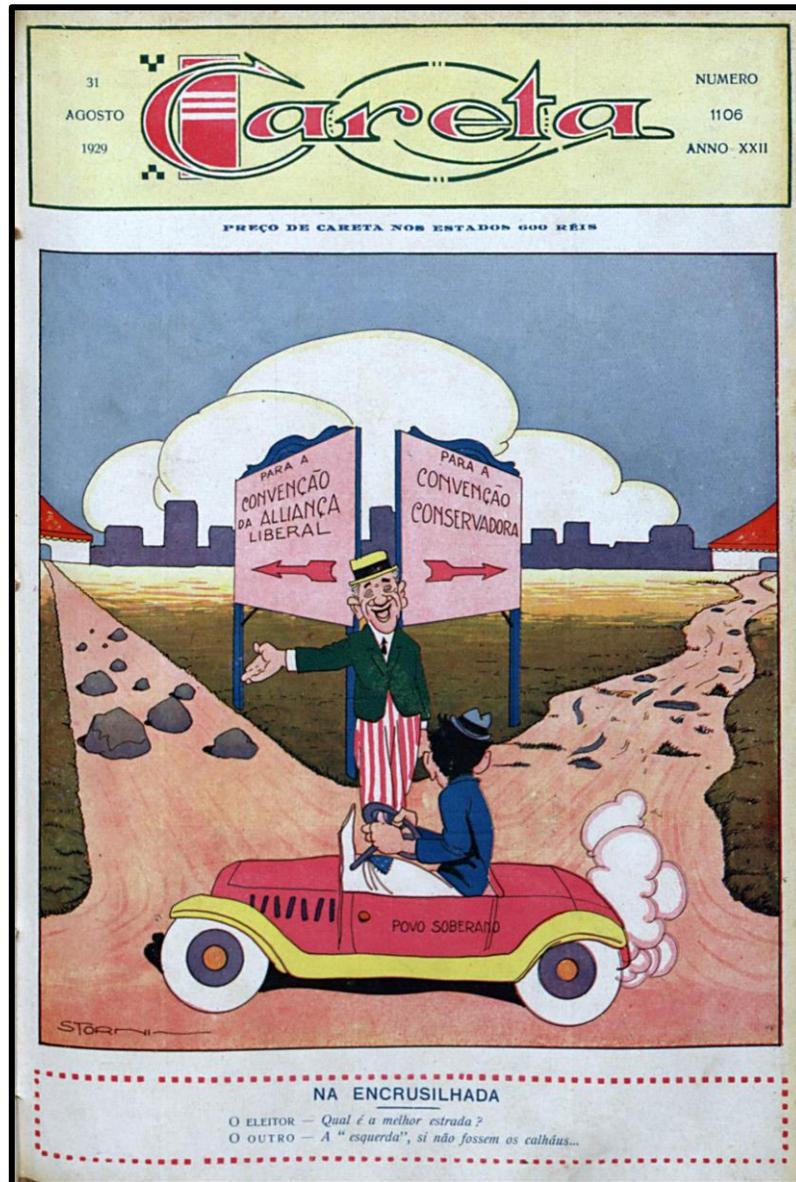


O “povo soberano” diria um automóvel e na encruzilhada para a convenção liberal ou a conservadora, perguntava qual seria o melhor caminho, sendo-lhe indicado que seria o primeiro, mas que este era interrompido por enormes pedras. A dama republicana perguntava a um astrônomo se havia algo de novo nos céus, ao que ele respondia que o enfrentamento eleitoral no Brasil poderia vir a provocar uma “desagregação das estrelas”. Os parlamentares aliancistas se protegiam de uma chuva de “apartes” dos adversários, mas eram avisados de que poderia vir uma ainda pior, formada por pedras. Sob a inspiração de outras rupturas oligárquicas representadas pelos retratos de Rui Barbosa e Nilo Peçanha, o Jeca perguntava a Getúlio Vargas porque não deixava crescer a barba, ao que ele contrapunha que sua intenção era exatamente “botar o cavanhaque abaixo”, em referência a Washington Luís. A matemática eleitoral passou a ser tema do cotidiano, como foi o caso do parlamentar Pereira Lobo que era entrevistado a respeito dos cálculos em torno da votação na eleição presidencial<sup>43</sup>. Uma outra capa da revista trazia uma figura feminina que representava a política, a qual, misturando ingredientes oriundos de vários Estados, cozinhava na efervescente panela da “agitação partidária”, avisando ao Presidente, que passava ao largo, que deveria tomar cuidado para não se queimar. Os políticos governistas e aliancistas foram apresentados como a formarem duas bandas distintas, cada qual defendendo sua candidatura. A música também aparecia como mote para o comportamento de velhos parlamentares<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 31 ago. 1929.

<sup>44</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 7 set. 1929.





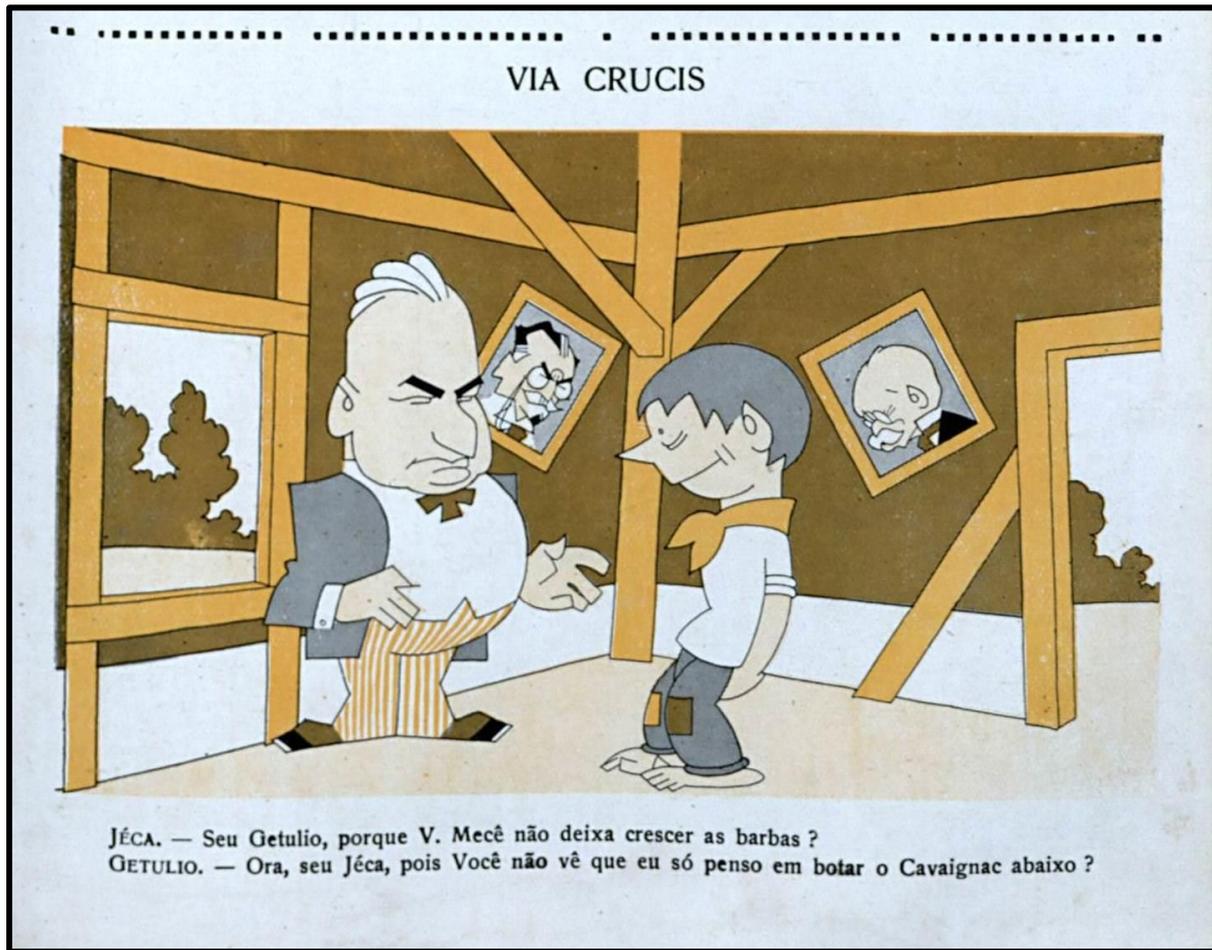
COMEÇOU A TEMPESTADE..



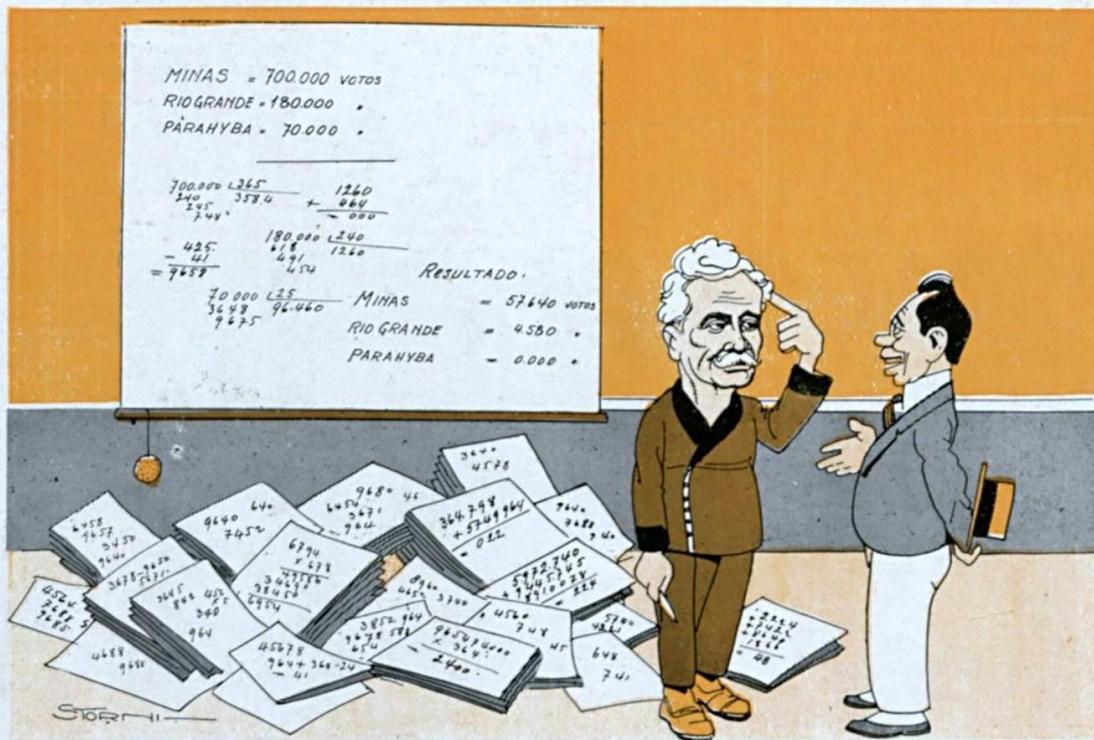
— Aguenta firme, rapaziada, essa chuva *molhada*, que eu cá fóra terei que aguentar a outra : a chuva de pedras...

.....  
PETROPOLIS

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

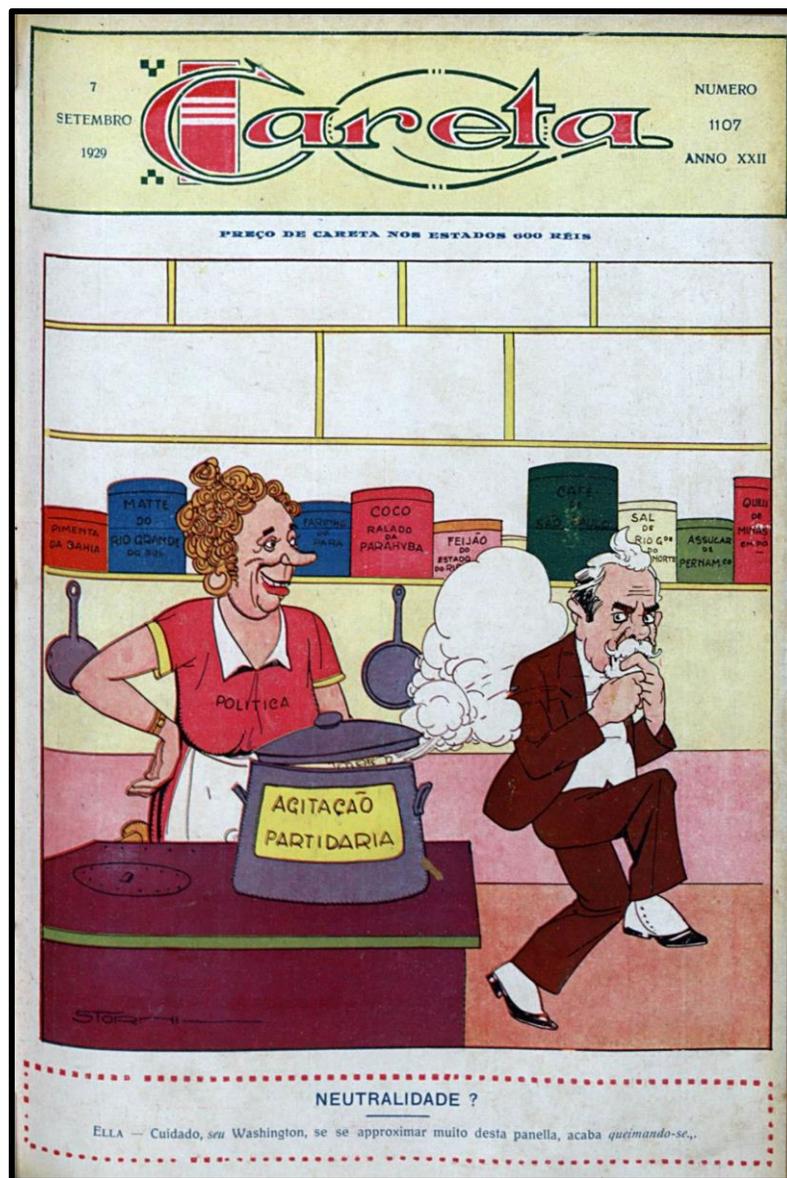


## THEORIA DA RELATIVIDADE..



O REPORTEUR. — Então, Sr. Pereira Lobo, como vae essa força? Já está em actividade?  
 PEREIRA LOBO (modestamente). — Em actividade ainda não, estou apenas treinando...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

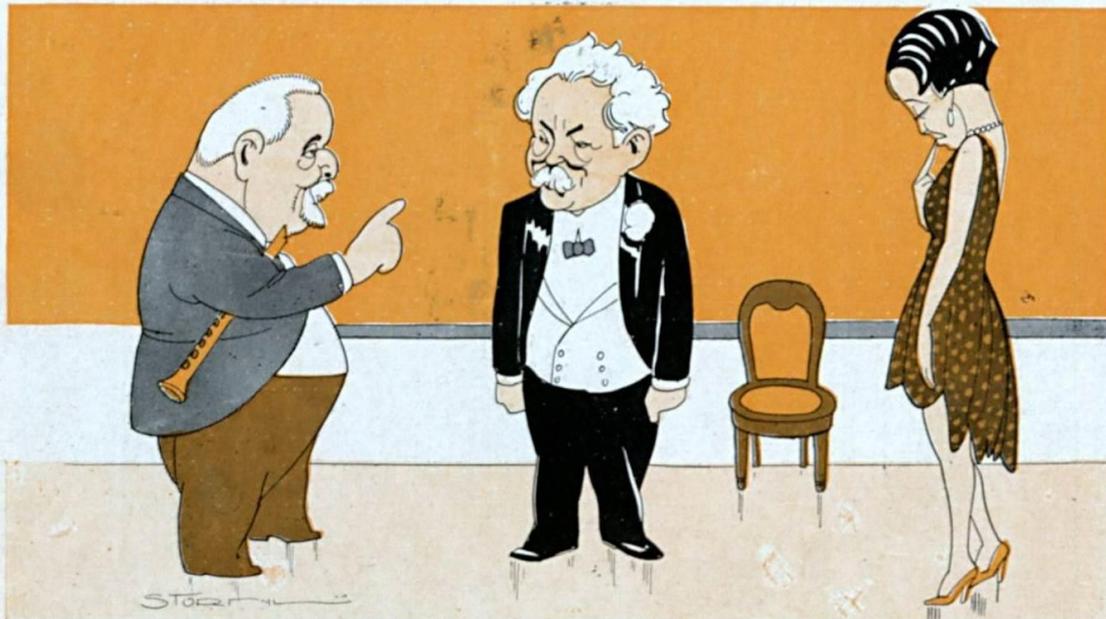




PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



LES VIEUX MARCHEURS...



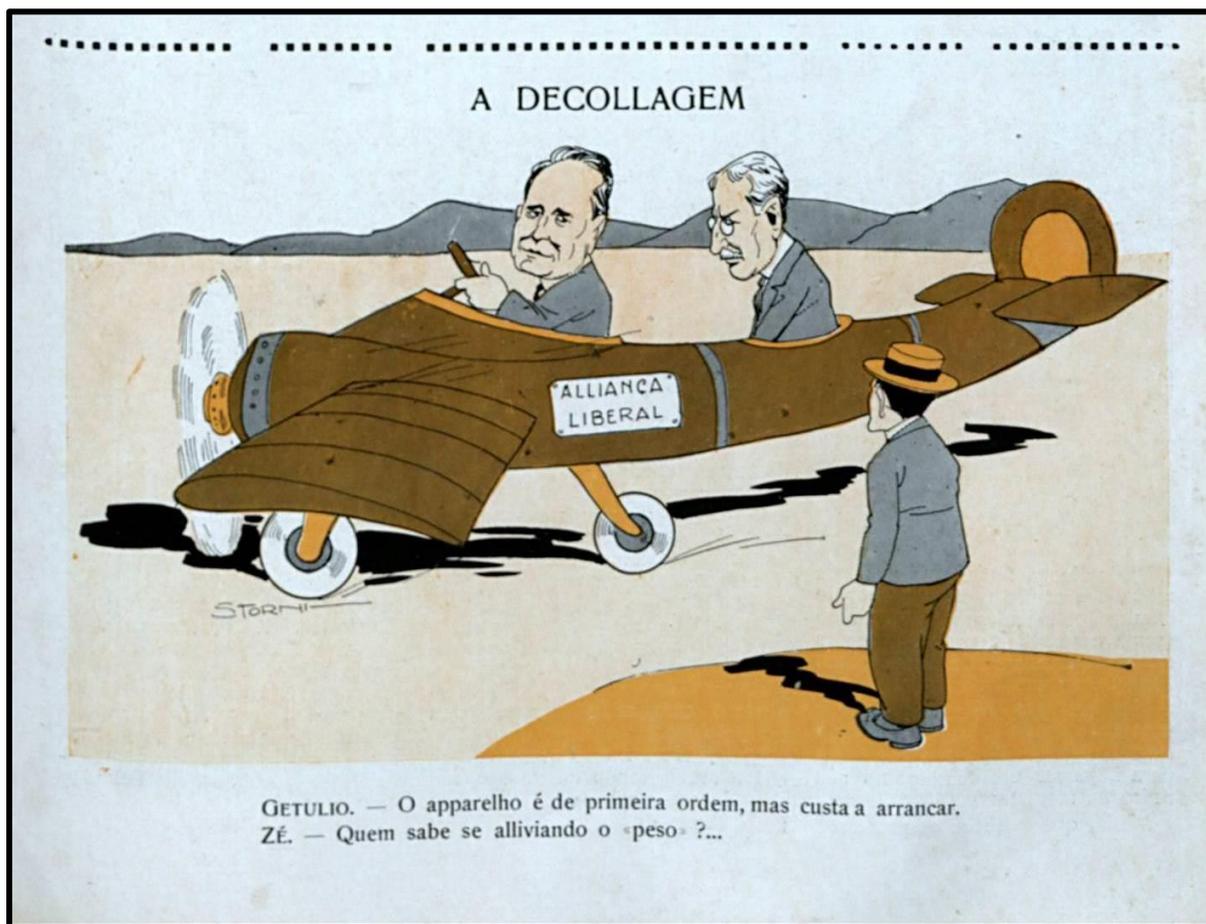
AZEREDO. — Convence-te, amigo Brandão, que ella (a politica), não se deixa mais illudir pela musica da tua requinta. Ella aprecia mais a «labia» do velho sabido como eu...

O ex-Presidente Artur Bernardes foi apontado pelo Zé Povo como um “peso” extra que estaria dificultando a decolagem do avião da Aliança Liberal, pilotado por Getúlio Vargas. A agitação político-partidária foi vista também como uma enorme tempestade que ameaçava a integridade de um frágil bote que carregava o Jeca e a mulher-república. No mesmo sentido, a “política” aparecia como alguém que pretendia transformar uma montanha em um vulcão<sup>45</sup>. O debate eleitoral era apresentado ainda na forma da exibição de um filme, que trazia o desinteresse do público, que se retirava, e da dama republicana, que bocejava. A “questão presidencial” transformou-se também uma bota incômoda da qual Washington Luís buscava se livrar, com a ajuda do parlamentar Manuel Pedro Villaboim. Diante dos deslocamentos do candidato situacionista do Rio de Janeiro a São Paulo, o Jeca fazia graça ao dizer que “a questão nacional” se reduziria ao “dilema” sobre a vinda de Prestes. Uma conversa entre populares revelava possíveis dificuldades de parlamentares que estavam acostumados a apoiar o governo e agora se viam na necessidade de defender a oposição. Uma viagem de campanha de Epiácio Pessoa não parecia tão bem sucedida no momento em que ele teria de enfrentar o “Leão do Norte”, em referência aos Estados do eixo Nordeste/Norte. Uma referência à promessa dos gaúchos que amarrariam seus cavalos no obelisco, em caso de vitória defendida por Neves da Fontoura, tornou-se tema de conversa entre cariocas a respeito de uma possível necessidade de reforma no cenário urbano carioca<sup>46</sup>.

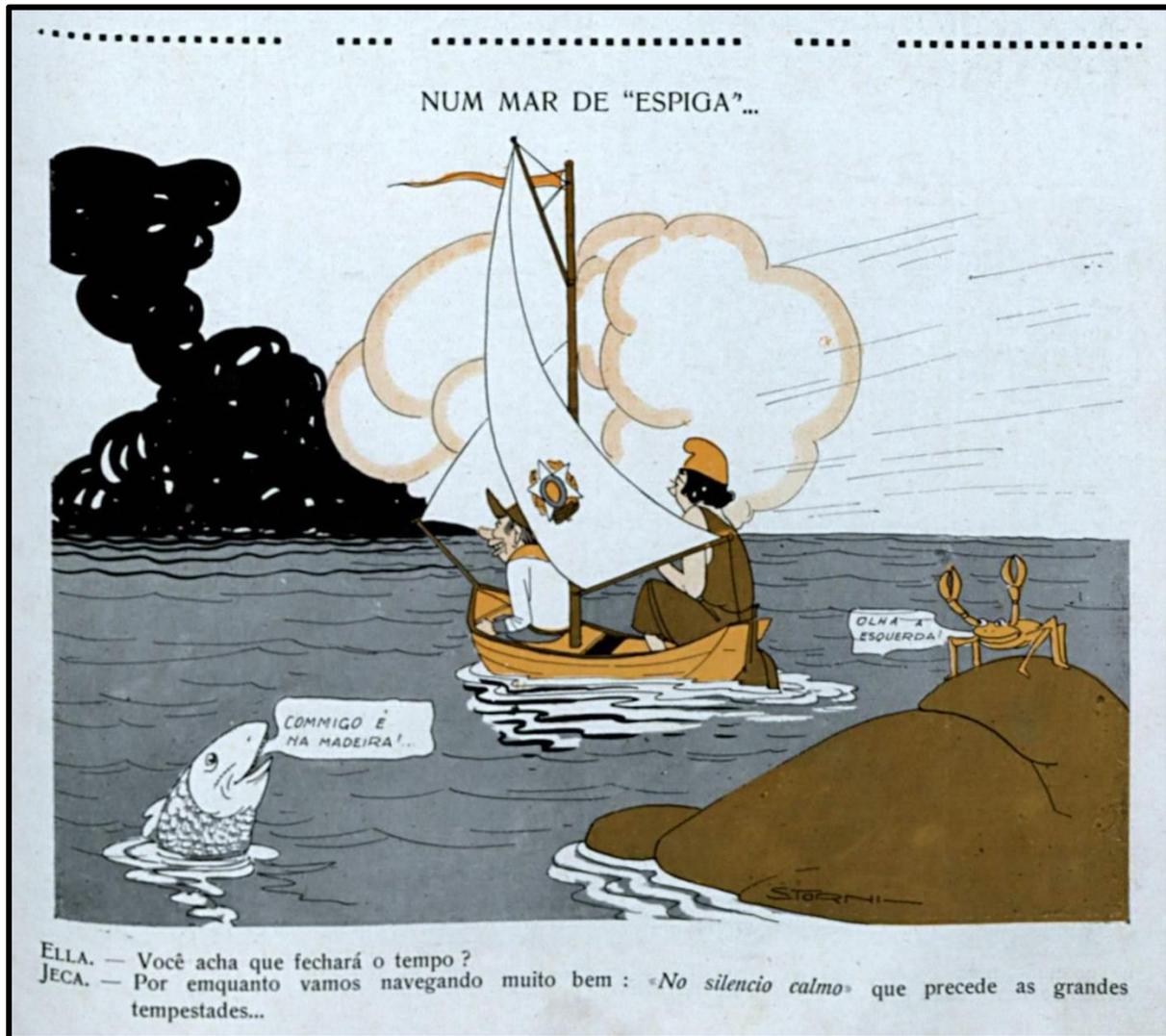
---

<sup>45</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 7 set. 1929.

<sup>46</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 14 set. 1929.

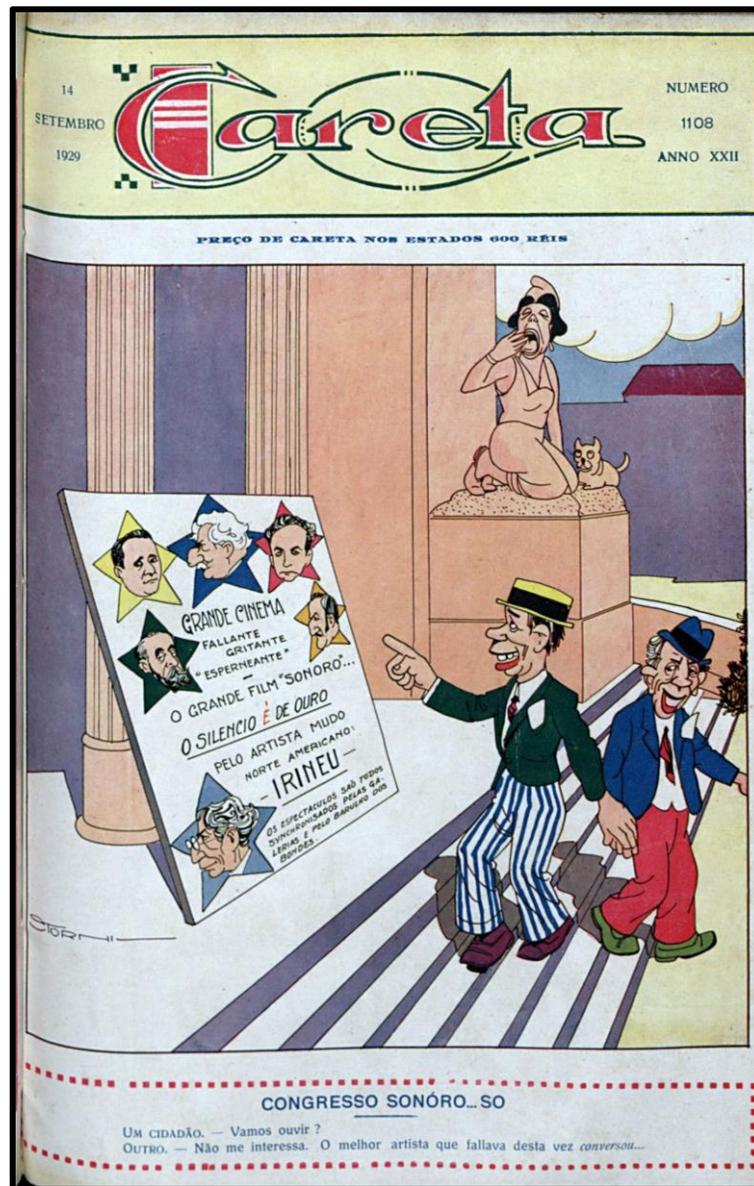


PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



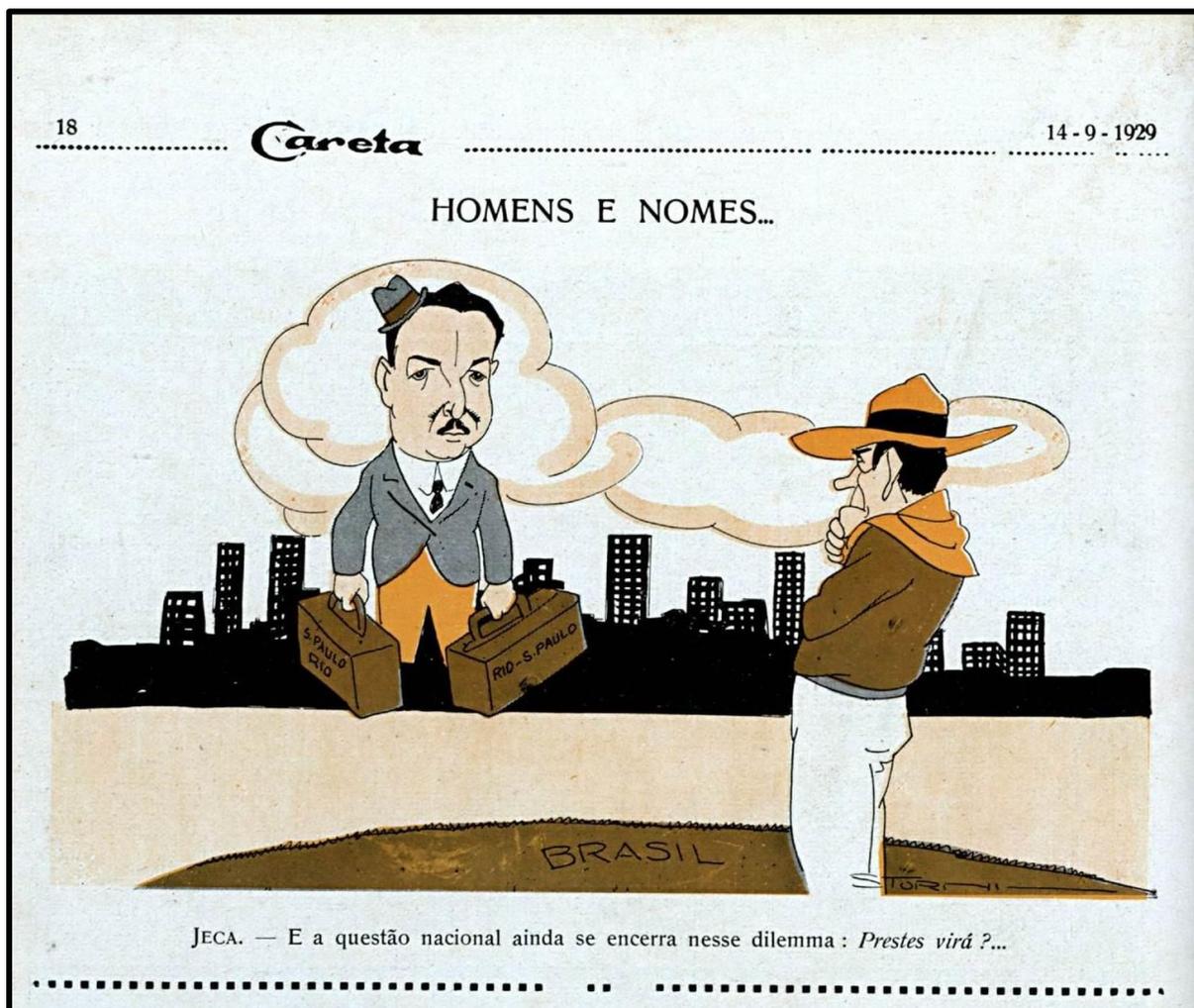
QUERENDO DESCALÇAR...



W. L. — Villaboim, a bota me aperta no pé mas é na barriga que me dóe.

VILLABOIM. — Eu bem disse que V. Ex. não devia deixar a língua com farofa para entrar no mineiro com botas...

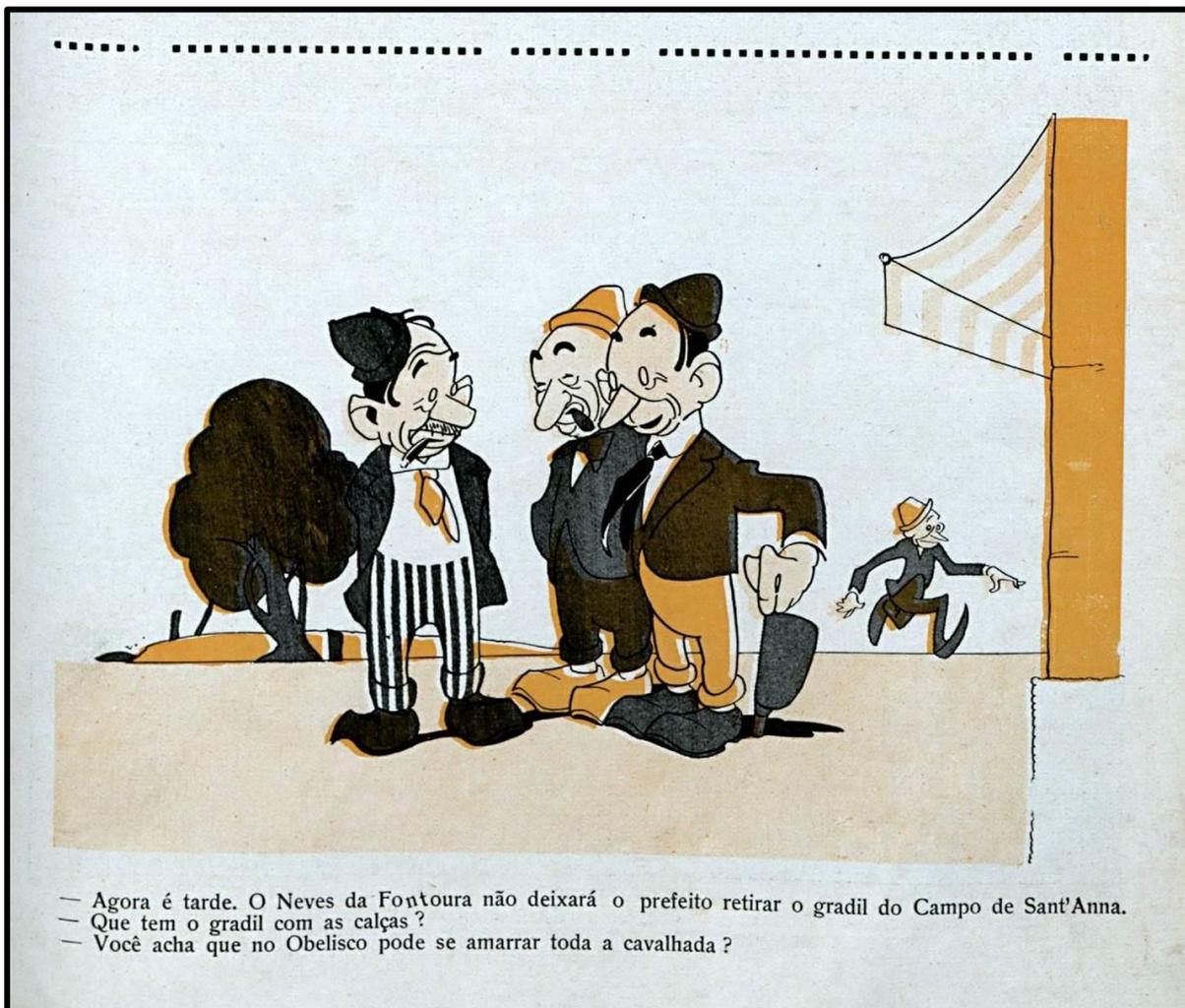
PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





A política, representada por uma mulher, dava ao “Povo” a opção de escolha quanto à bebida oriunda do tonel “liberal” ou “conservador”, ao que ele se mostrava indiferente pois seria “tudo vinho da mesma pipa”. Os frequentadores das galerias do parlamento não se mostravam muito convictos, pois limitavam-se a seguir o cabo eleitoral que indicava a vaia aqueles que foram vivados no dia anterior. A falta de coerência entre os políticos era demonstrada com a presença de três Presidentes da República que representavam a mistura que constituiria a “autocracia democrática” brasileira. Sob o olhar de um policial, um bebum dizia que no Brasil tudo se dobrava menos Washington Luís<sup>47</sup>. O Estado Brasileiro era representado como um barco, que se encontrava encalhado por causa das brigas entre “liberais” e “conservadores”, para desgosto do Zé Povo e angústia da dama republicana. A convenção que levava à escolha da candidatura presidencial era apresentada como uma parteira que carregava ironicamente a maleta da “soberania popular”, pois, quando chegara, a criança já tinha nascido, ou seja, a decisão já estaria tomada. A disputa entre aliancistas e situacionistas quase teria chegado às vias de fato, no confronto entre Borges de Medeiros e Júlio Prestes. A questão do obelisco voltava à pauta com um indivíduo sendo interpelado pela polícia por estar sentado no monumento, ao que ele argumentava que era gaúcho e estaria a esperar a chegada de seus patrícios. Vargas aparecia como um cavaleiro que se preparava para uma carreira levando a dama democracia na garupa, garantindo a vitória, se a disputa fosse limpa<sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 14 set. 1929.

<sup>48</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.

PALADAR ESTRAGADO...

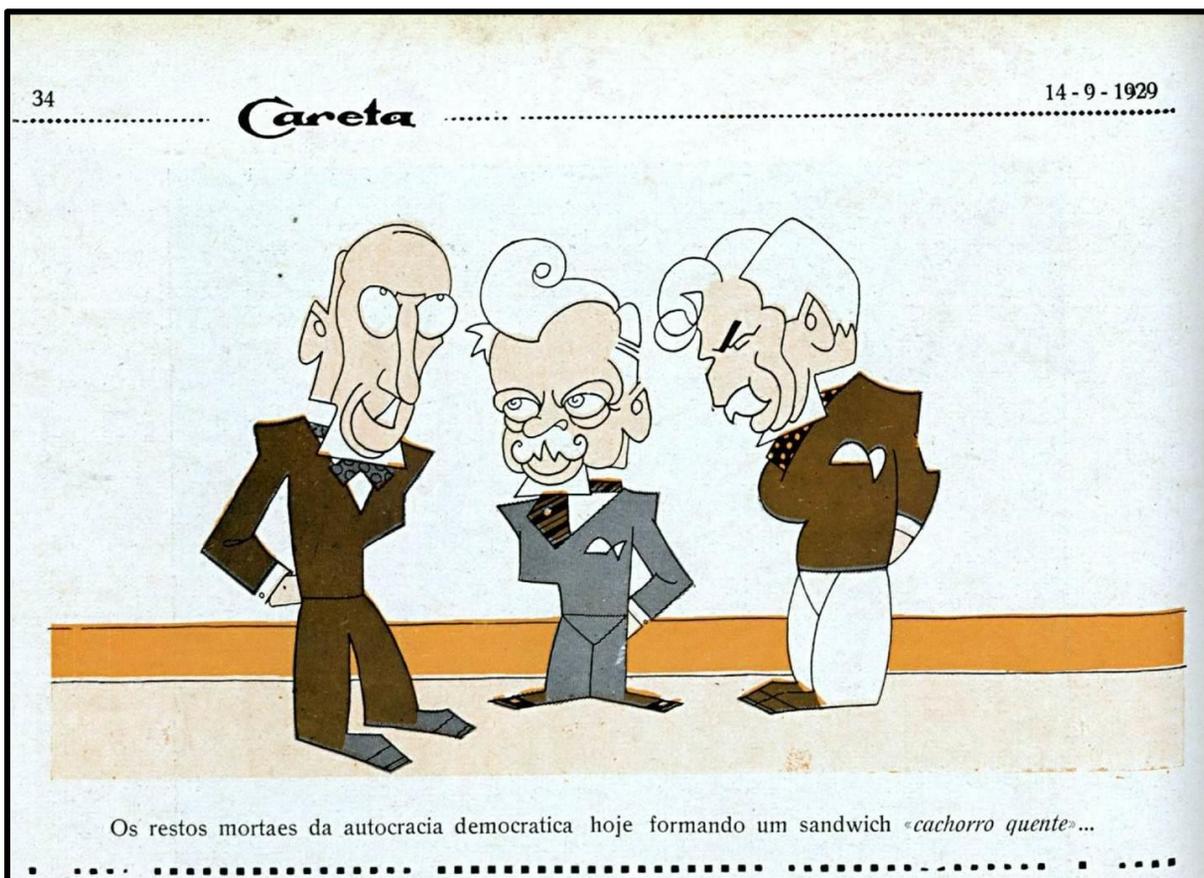


ELLA. — Qual é que preferes dos dois ?

ELLE. — Para mim tanto se me dá. Tudo isso é vinho da mesma pipa...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





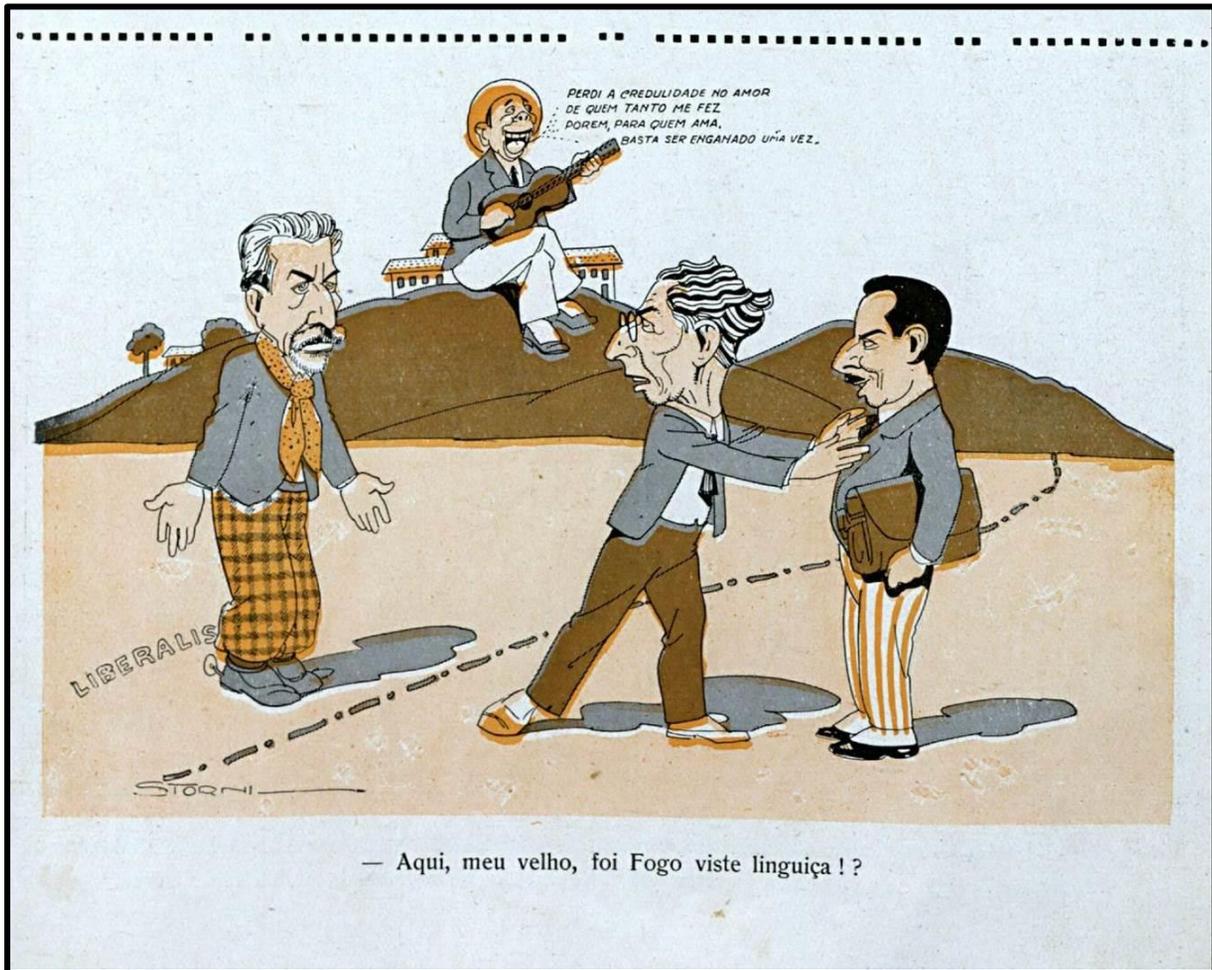
PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL









O GAUCHO. — «Se a carreira for limpa, ganharemos de boqueirão, mas se, nos atravessarem cachorro na cancha...»

O magazine ilustrado ressaltava que nem todos estariam interessados nos “princípios’ dos políticos”, demarcando o descrédito e a desilusão de funcionários públicos, comerciantes e agricultores<sup>49</sup>. Diante da anistia e da chegada dos tenentes liderados por Luís Carlos Prestes, “liberais” e “conservadores” davam as boas vindas, buscando angariar o apoio do recém-chegado. A corrupção eleitoral foi mostrada por meio de caminhão que representava a “soberania” popular, que carregava as cédulas de votação já preenchidas. Frente a uma mais desenfreada agitação de alguns dos aliancistas, Borges de Medeiros surgia como uma força mais moderada, jogando “água fria” na fervura<sup>50</sup>. O assunto do obelisco tornou-se recorrente, como no caso da capa em que os defensores da chapa governista tratavam de esconder o monumento para evitar que, em qualquer eventualidade, os gaúchos viessem a amarrar ali os seus cavalos. A “política profissional”, como uma mulher obesa, utilizava-se de um recipiente para fazer coquetel, no intuito de promover mais ainda a “agitação partidária”. A estátua de Tiradentes era saudada pelo Presidente da República, cujo personagem se mostrava insatisfeito por ser chamado de “precursor do liberalismo mineiro”, trazendo uma possível associação com os aliancistas. A agitação política no âmbito parlamentar era vista por meio dos discursos de Neves da Fontoura, comparados a um foguetório que espantava os demais deputados<sup>51</sup>.

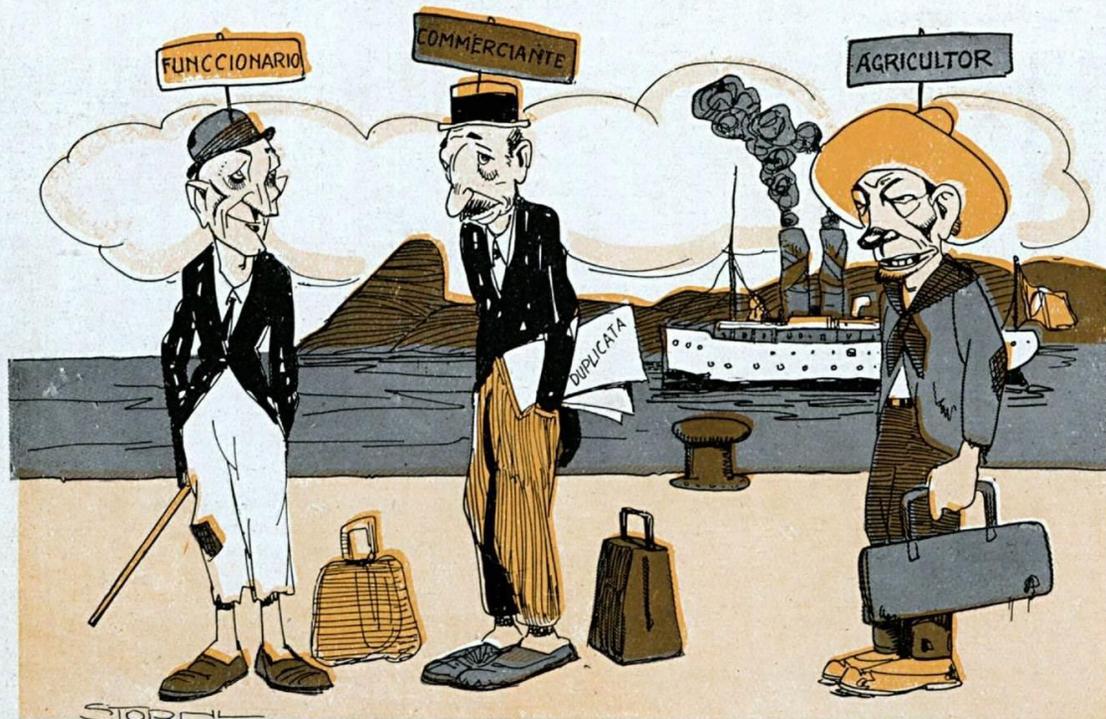
---

<sup>49</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.

<sup>50</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 28 set. 1929.

<sup>51</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 5 out. 1929.

DESCRENTES...



Os que não se interessam pelos «principios» dos políticos, mas que esperam pelo fim d'elles todos...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

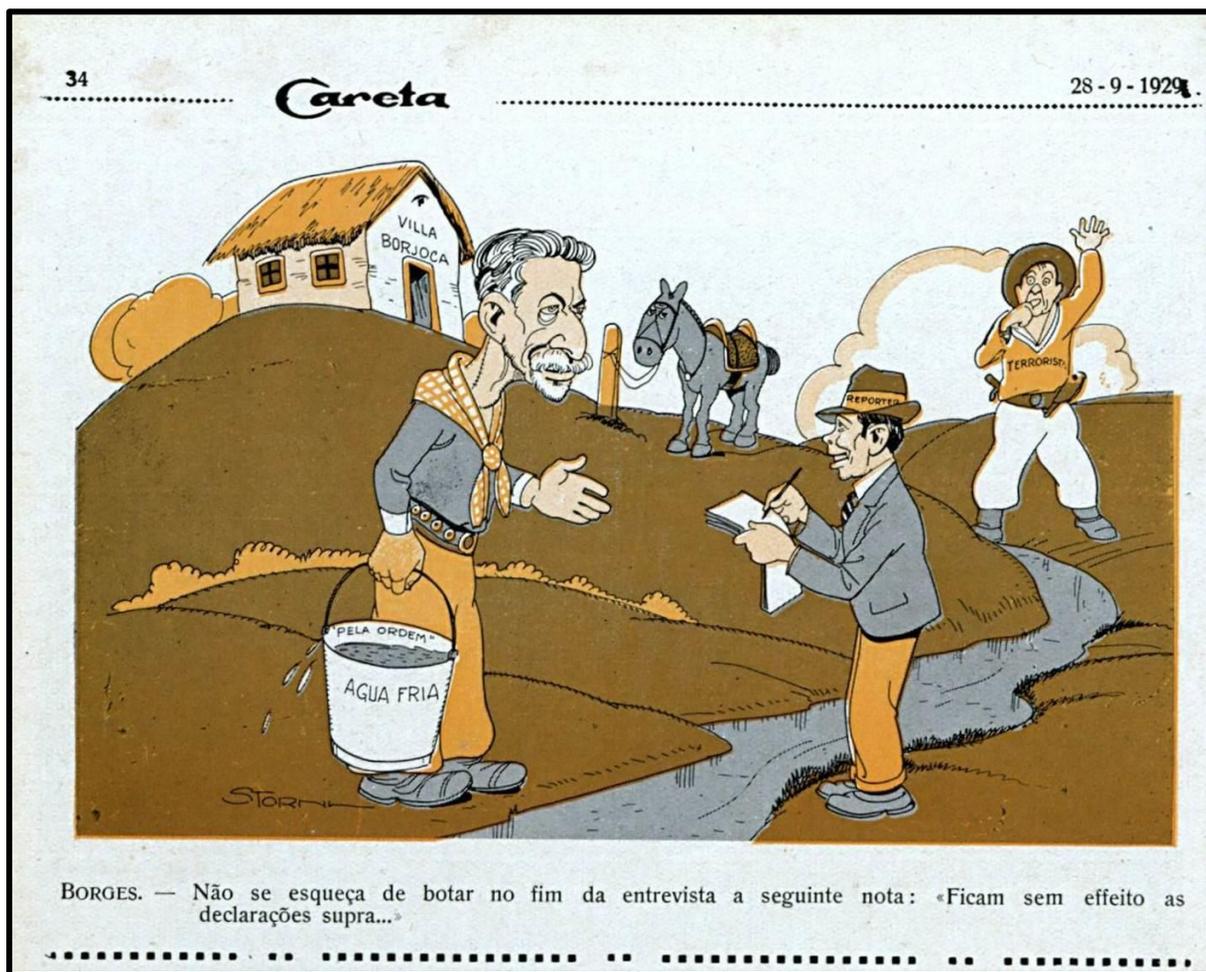


TEMPO PERDIDO



JECA. — Só não *fizero* as cedulas do que vem *memo* !

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL







IRONIAS...



W. L. — Salve, Tiradentes. Martyr da Inconfidencia e precursor do liberalismo mineiro !  
TIRADENTES. — Eu não admitto debiques! Vamos deixar de intimidades !

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



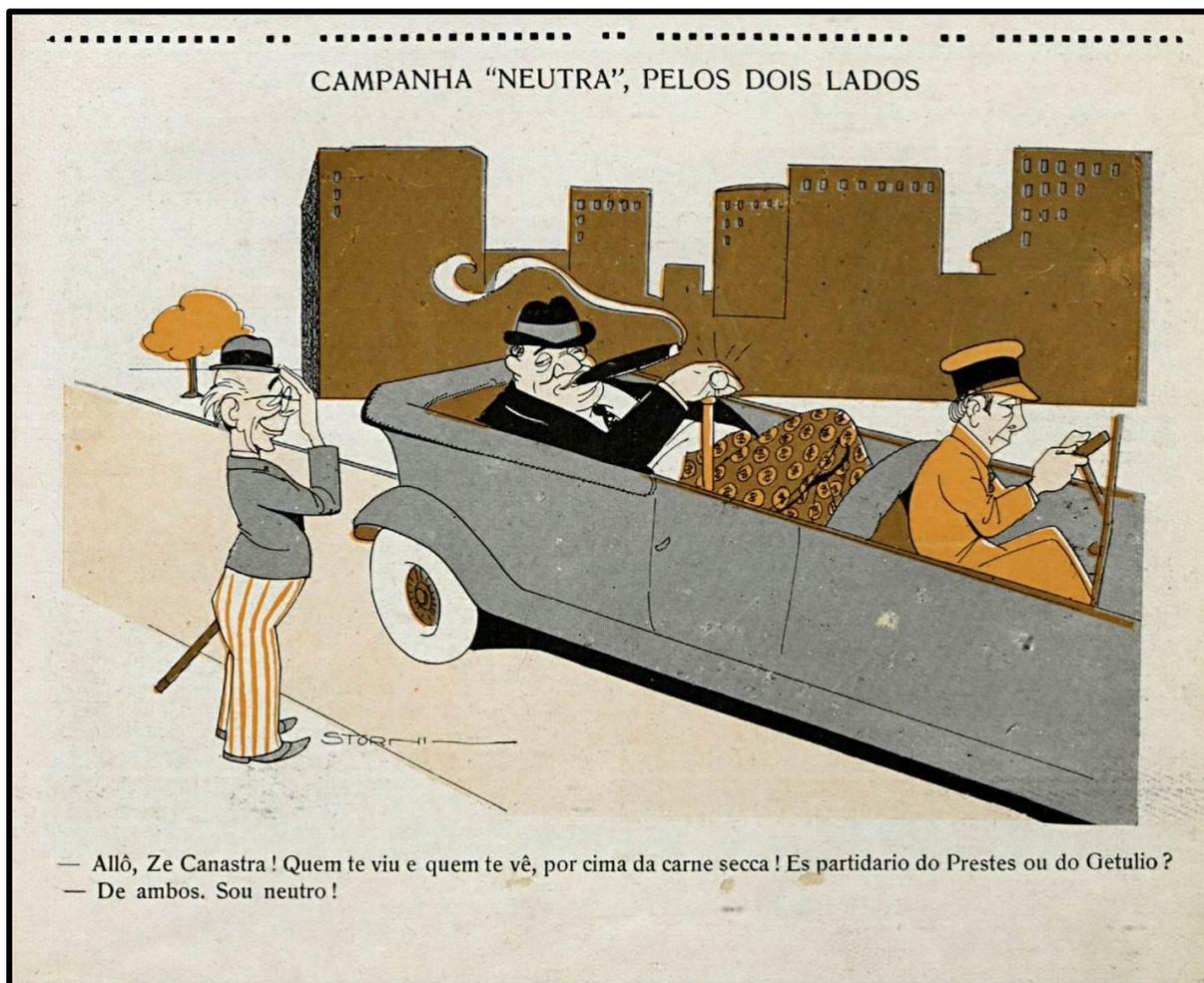
Um homem que enriquecera repentinamente protagonizava caricatura na qual revelava o segredo de sua riqueza vinculado uma neutralidade política, em que apoiava ambas as candidaturas. Crítica de costumes e política eram mais uma vez associadas em quadro no qual uma “tia velha” dava instruções comportamentais a uma “garota moderna”, a qual fazia uma aproximação entre o uso da aliança e a adesão à frente liberal. A presença de um representante britânico, membro de uma missão econômica questionava o Jeca quanto à situação financeira do país, obtendo por resposta que ele só conseguiria algum tipo de informe após as eleições<sup>52</sup>. Uma “dolorosa dúvida” colocava o nome de Getúlio Vargas identificado com o sol, que se escondia atrás de uma montanha, sobre o qual dois indivíduos dialogavam, questionando se seria um “poente” ou um “levante”, em relação a um sucesso ou insucesso da candidatura varguista. O confronto eleitoral era visto também como uma rinha de galos, travada por um político de cada um dos lados, sob o olhar do Presidente da República. Tal disputa era comparada ainda aos palhaços de circo, que, segundo Washington Luís, tinham exatamente a mesma origem. A tradicional máquina eleitoral típica da República Velha era apresentada como um instrumento de “mecânica política”, lubrificado “com gotas de ouro”, em alusão à malversação das verbas públicas. O Presidente da República e o candidato governista tentavam sustentar-se em um pequeno bote, com grande dificuldade para enfrentar a “maré” oposicionista<sup>53</sup>.

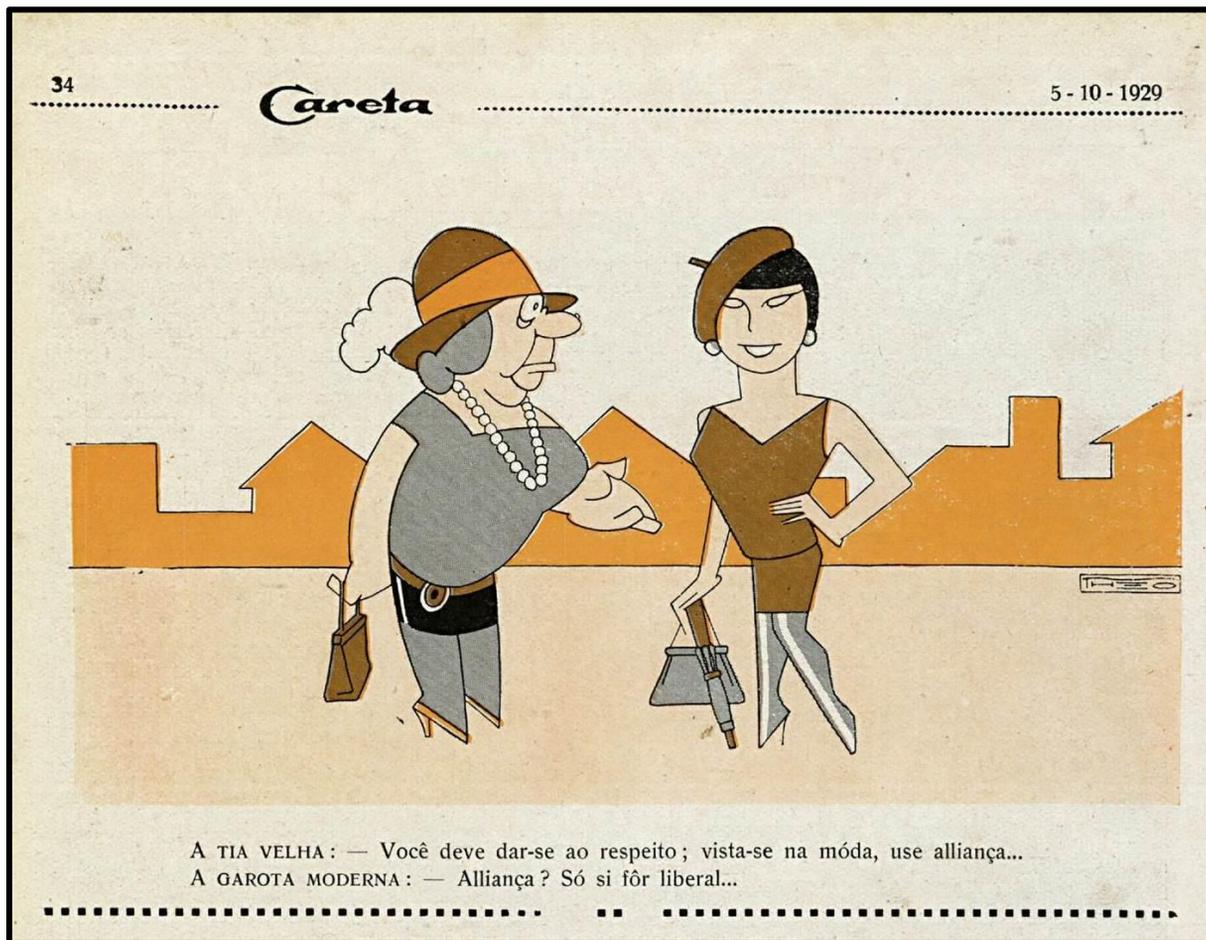
---

<sup>52</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 5 out. 1929.

<sup>53</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 12 out. 1929.

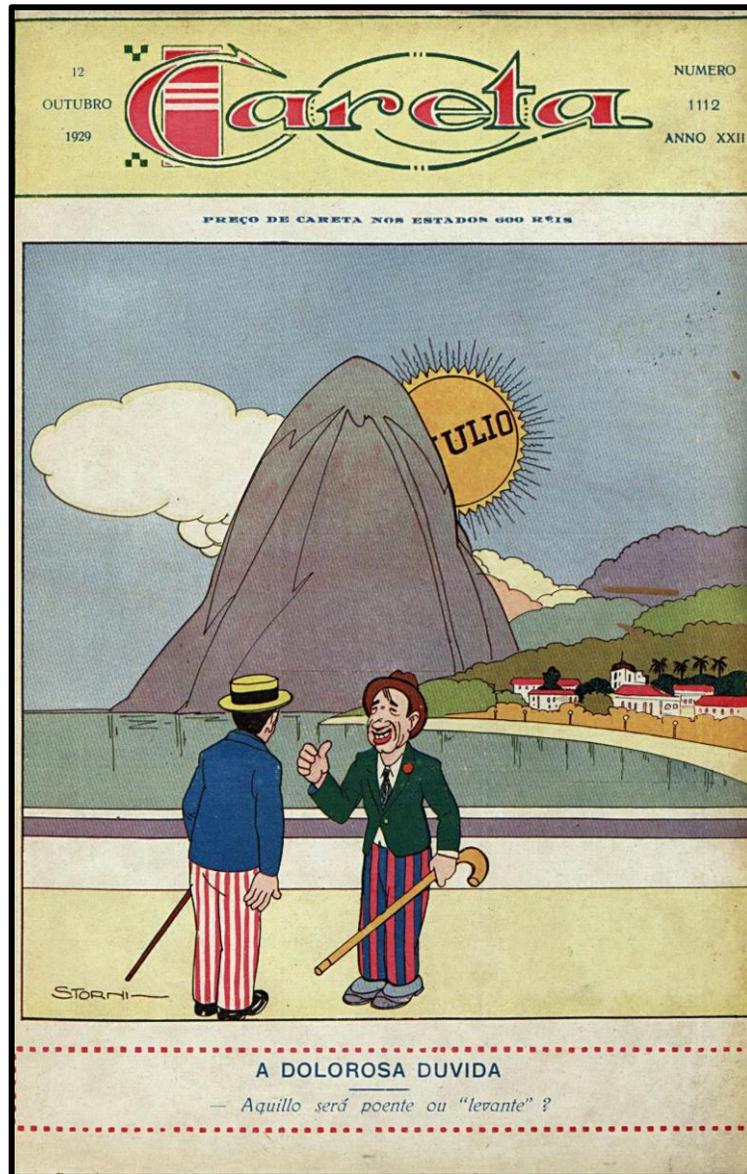
PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



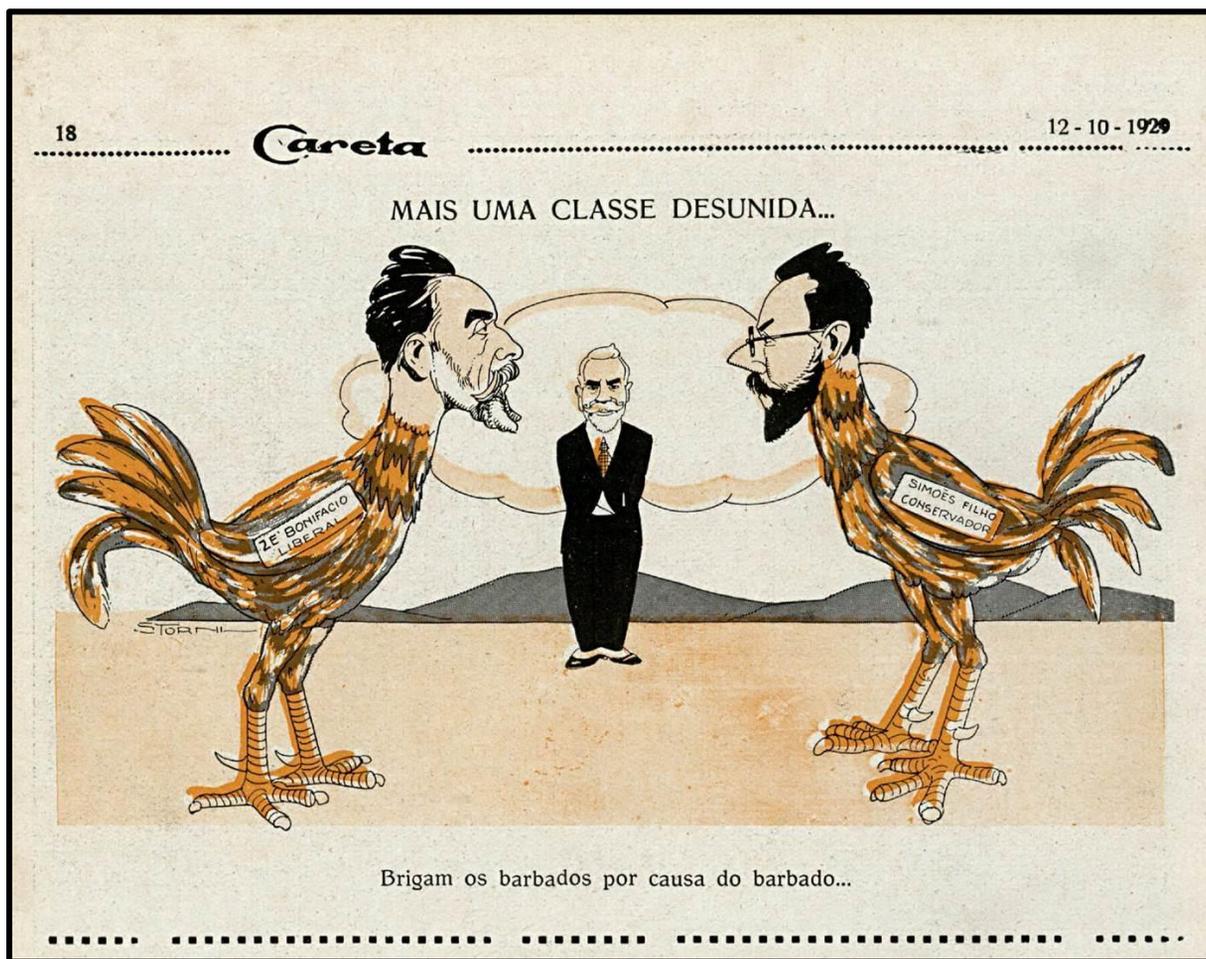


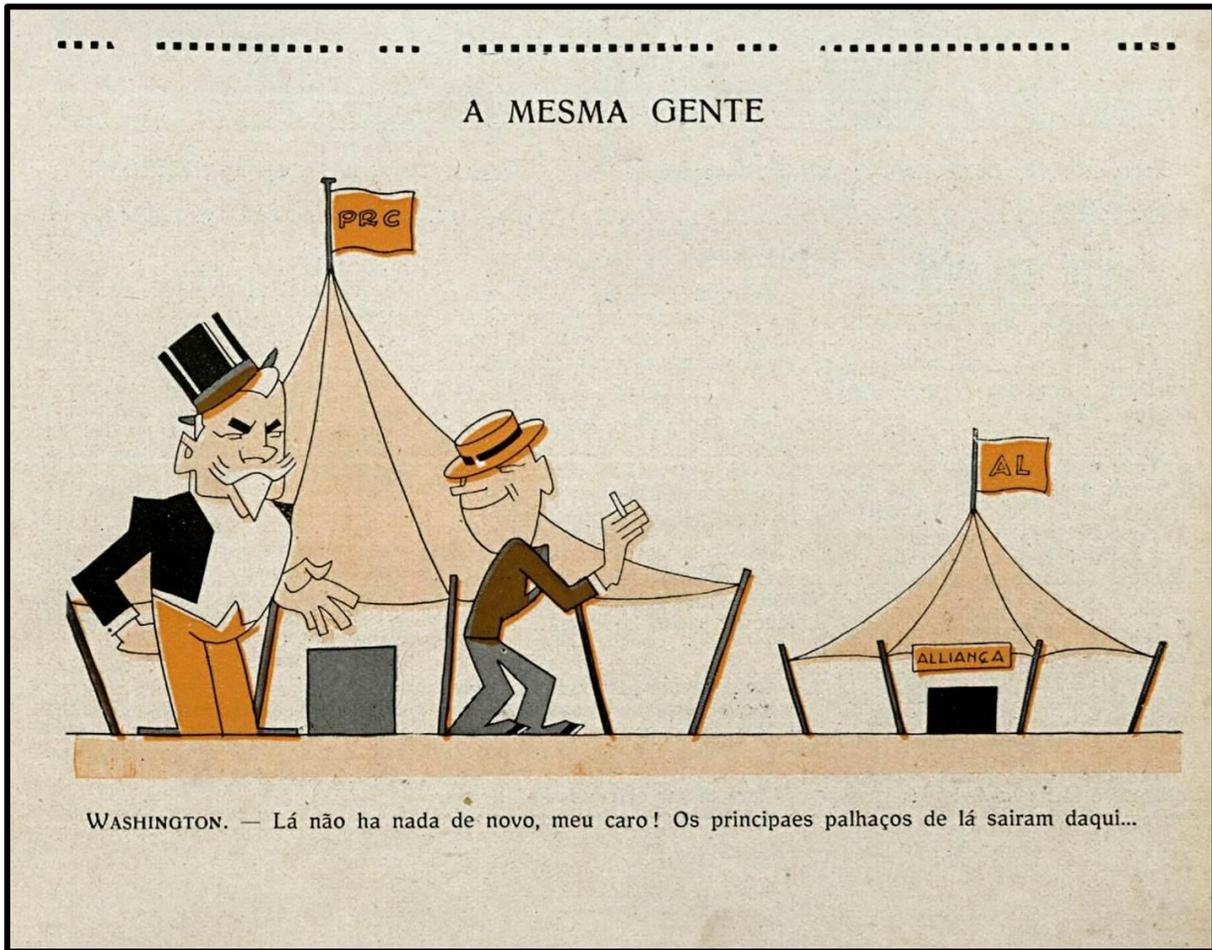
PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



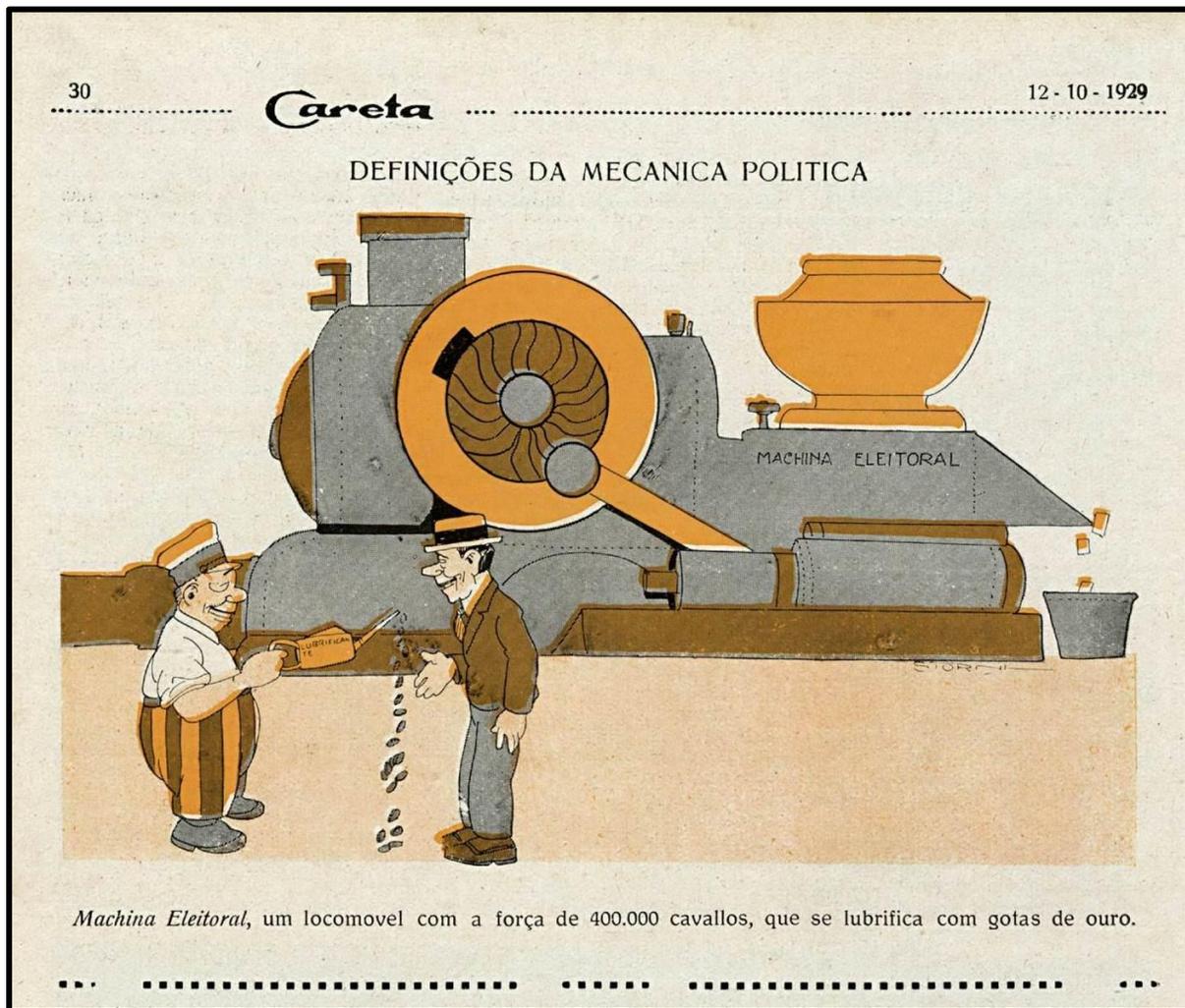


PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





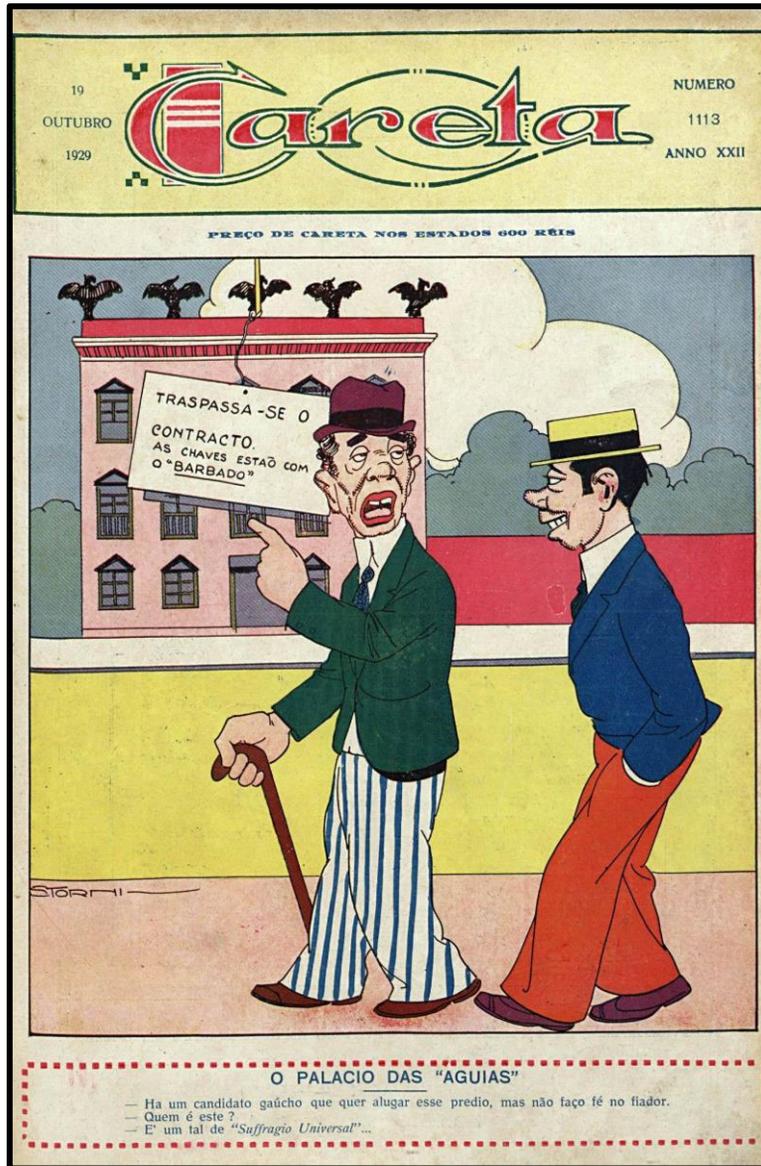
PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

O Palácio das Águias, ou seja, o Palácio do Catete, símbolo do poder presidencial aparecia como estando à disposição para aluguel, enquanto dois passantes conversavam, dizendo que havia um “candidato gaúcho” interessado em alugar o prédio, mas o problema seria o fiador da candidatura, demarcando uma desconfiança para com Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. O período fazia troça com um novo hábito que estaria ocorrendo entre os defensores da chapa governista, vinculado a deixar crescer o cavanhaque, para demonstrar uma similaridade com Washington Luís. Uma ação política era vista como um enorme temporal que viria do Brasil meridional e estaria “*prestes a desabar*”, fazendo uma correlação com o nome de Luís Carlos Prestes. A ambiguidade dos políticos voltava à tona, com um deles procurando manter uma ponte entre as candidaturas aliancista e situacionista, permitindo-lhe idas e vindas em seu posicionamento. O Estado Brasileiro era apresentado como um carro de bois, que os condutores tinham dificuldade de conduzir, por causa do “peso da política”, uma mulher que “atrasa tudo”. Segundo a versão do Jeca, o político de esquerda Maurício de Lacerda tivera de peneirar os seus escrúpulos para apoiar a Aliança Liberal<sup>54</sup>. Em visita a um profeta, a dama republicana pretendia descobrir quem seria o futuro Presidente, ao que o adivinho dizia não poder responder por temer a repressão policial. A potencial violência na campanha eleitoral era vista por meio de dois indivíduos que ao mesmo tempo ensaiavam o uso de instrumentos musicais e armas de fogo para promover as candidaturas<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 19 out. 1929.

<sup>55</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 26 out. 1929.



PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

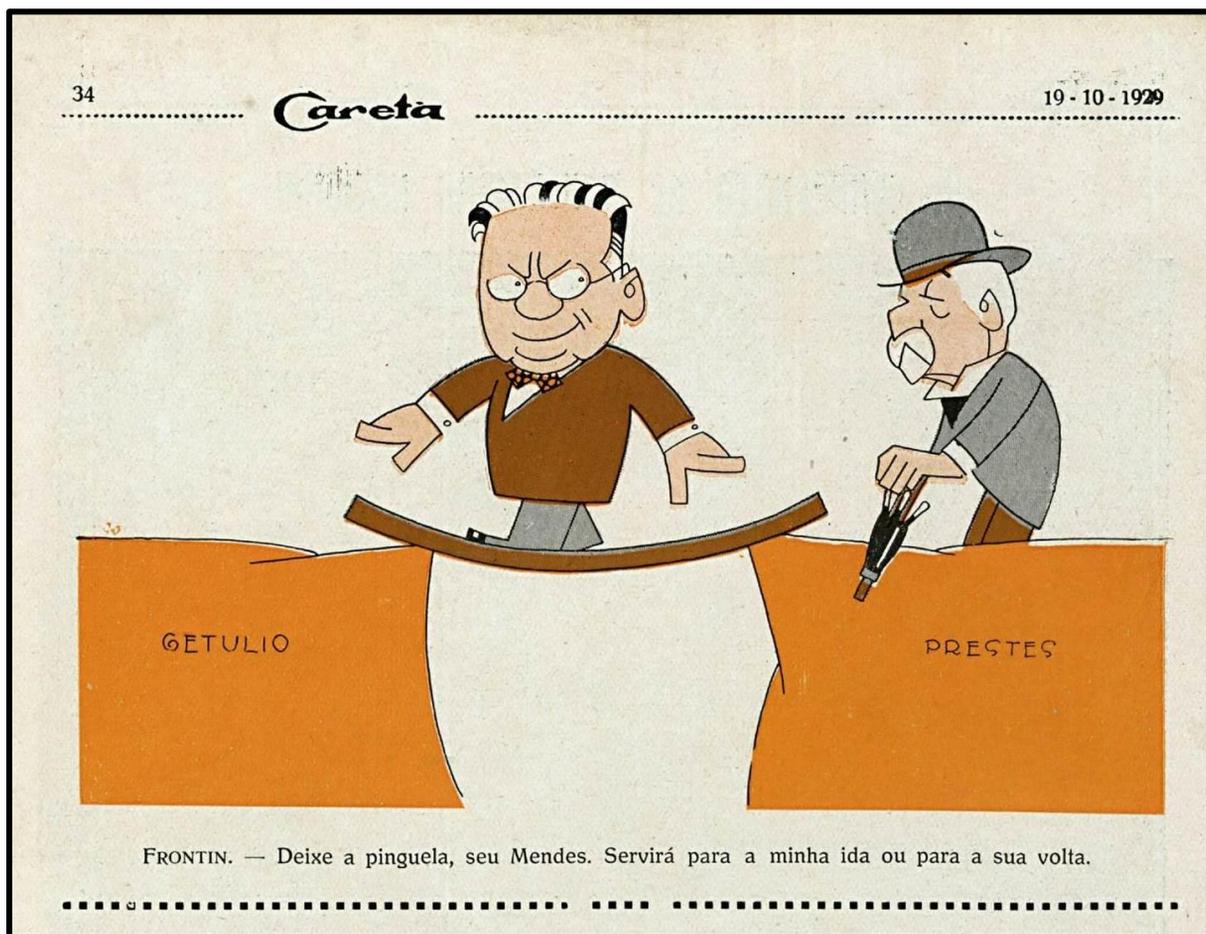


A COUSA ESTÁ FEIA



— Chiiii! — seu compadre! Temos um temporal ahi pelo sul, *prestes* a desabar!...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



O CARRO DO ESTADO, OU O ESTADO DO CARRO...



Os produtores animam, os bois puxam, o carro quer sair do buraco, mas o peso da politica atraza tudo!...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



As disputas internas na política mineira entre apoiar ou não a Aliança Liberal, apareciam com a preocupação de Antônio Carlos e Artur Bernardes quanto aos destinos de Fernando de Melo Viana, que viria a opor-se a eles. Na campanha de uma provocante mulher identificada com a política, um repórter entrevistava o ex-Presidente Venceslau Brás, que se mostrava indisposto a retornar aos embates políticos. Quanto à dubiedade nos posicionamentos frente às duas campanhas, o semanário mostrava um pintor que ainda não tivera a ordem definitiva para completar o letreiro na fachada de um prédio, em relação a qual das candidaturas aquele “centro político” seria “pró”. O escritor, jornalista e ministro João Pedro da Veiga Miranda conversava com o “Povo” acerca de uma recente publicação de sua lavra que envolvia a expressão “vaia”, aparecendo, ao lato da montanha, muito preocupado com tal termo, o articulador aliancista Antônio Carlos. A campanha eleitoral era enquadrada novamente como uma luta de boxe travada na Câmara dos Deputados, na qual os contendores eram extremamente díspares entre si<sup>56</sup>. A questão da política de proteção ao café, tão discutida durante a campanha presidencial foi representada pelo Jeca carregando uma enorme saca do produto, sob o olhar debochado da “política” e desolado da “lavoura”, invocando a intermediação de São Pedro para que houvesse uma proteção divina, a qual foi considerada de execução difícil. A força política de São Paulo era demonstrada por uma enorme caravana a favor da candidatura governista, chamada jocosamente de “atual Coluna Prestes”<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 26 out. 1929.

<sup>57</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 2 nov. 1929.

ALLIANÇA DO OUTRO LADO...



ANTONIO CARLOS. — Seu Bernardes, o lugar de Presidente é um dos melhores que ha.

BERNARDES. — E' optimo. Tanto assim que o nosso Mello Vianna anda a caval-o por qualquer preço !

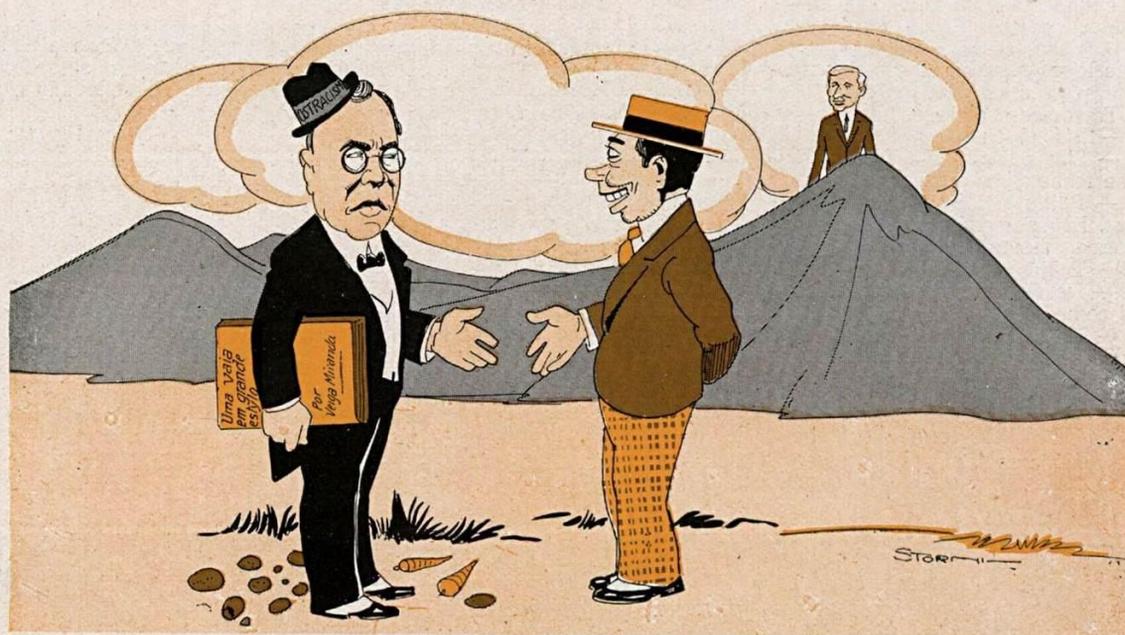


PATRIOTAS



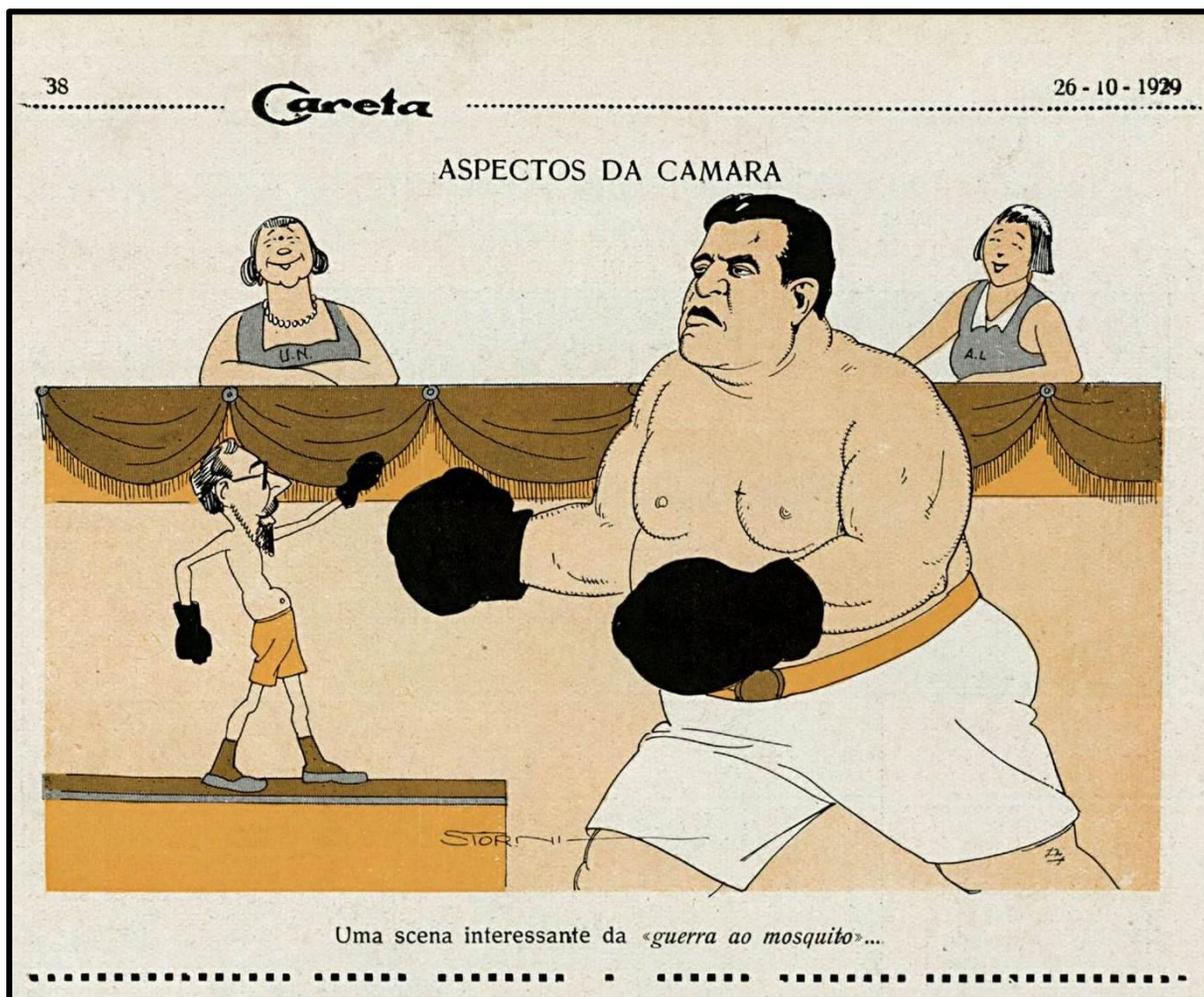
— Seu pintor, suspenda o PRÓ. O homem do «guichet» ainda não se manifestou...

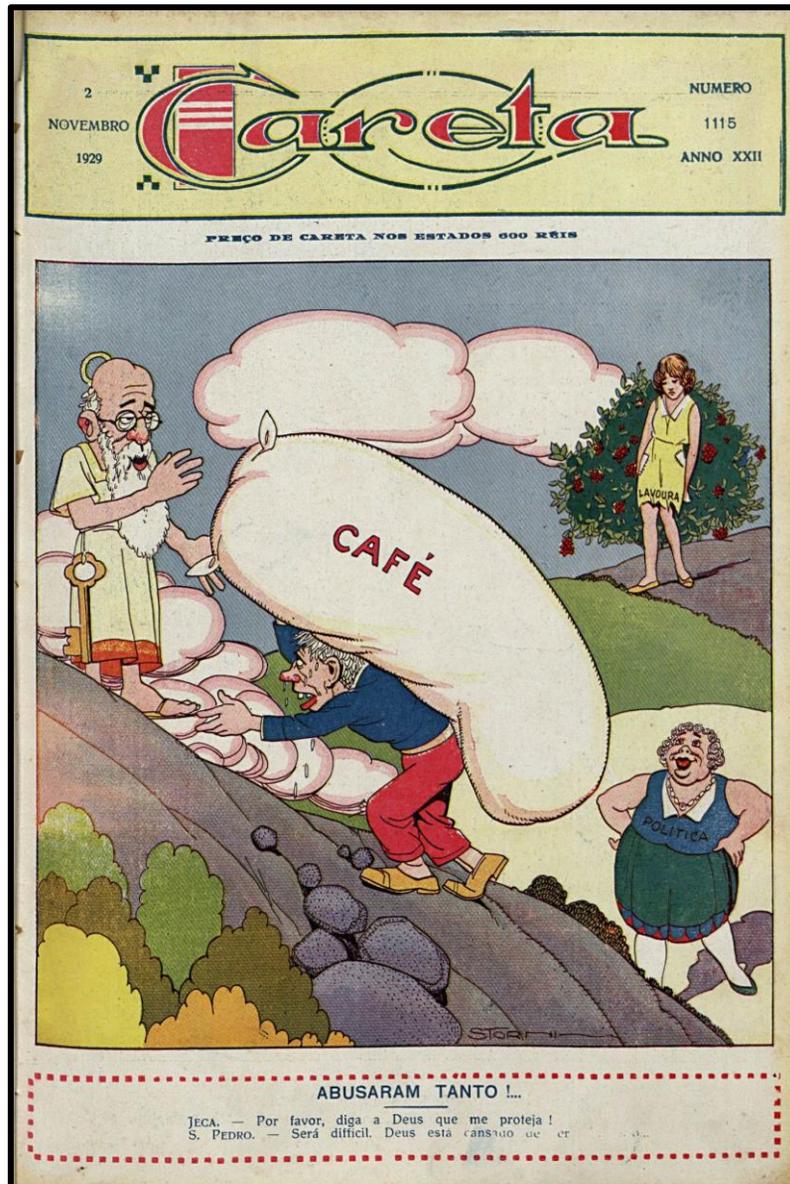
A VAIA LIBERAL



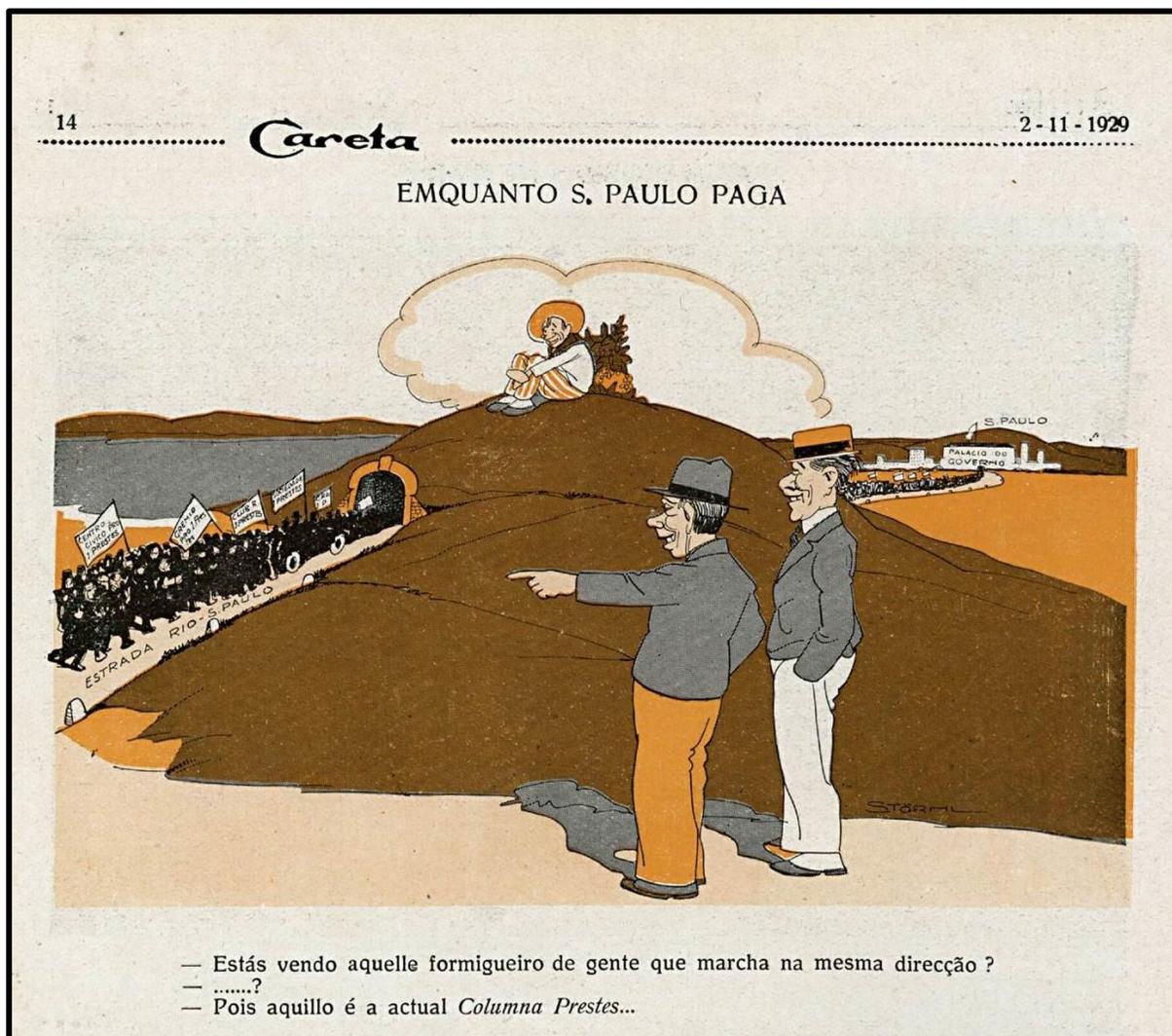
VEIGA MIRANDA. — E' o meu ultimo livro : «Uma vaia em grande estylo».  
Povo. — Está errado o titulo. Deveria ser : «Uma vaia e um grande estrilo...»

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



Perante a ferrenha disputa entre Vargas e Prestes, um bêbado observava os cartazes com as efigies dos candidatos, além de outro de prevenção ao alcoolismo, que ele confundia com um terceiro nome “de conciliação”. Entusiasmado Getúlio Vargas convidava seu correligionário João Neves da Fontoura para partir em campanha e “colher os frutos do liberalismo” que defendiam, os quais já deveriam estar “amadurecendo”, ao que o outro recomendou pressa pois muitos daqueles já poderiam estar “murchando”. A desvalorização do processo eleitoral era apontada em uma conversa do cotidiano em que um dos indivíduos comparava o ato de “tomar partido” ao de jogar na loteria, ao que outro atalhava lembrando que o este ato poderia trazer algum retorno, enquanto a execução daquele equivaleria a bancar “o idiota”. As indecisões políticas ficavam evidenciadas em figura na qual um indivíduo não conseguia identificar qual seria a parte anterior e a posterior de uma embarcação. A falta de crédito para com os compromissos assumidos pelos candidatos era demarcada também em cena na qual, frente às efigies de Vargas e Prestes, um funcionário lançava dúvidas quanto às promessas estabelecidas no que tange a um aumento de seu ordenado<sup>58</sup>. Uma outra comparação entre a disputa eleitoral e o esporte deu-se com o uso do futebol, estando em campos Getúlio Vargas e Antônio Carlos, imaginando que uma vitória seria dificultada por causa da atuação do juiz. A indefinição quanto ao lado a ser adotado foi também apresentada no caso do político mineiro Francisco Antônio de Sales, que estaria a pular ambigualmente entre as candidaturas<sup>59</sup>.

---

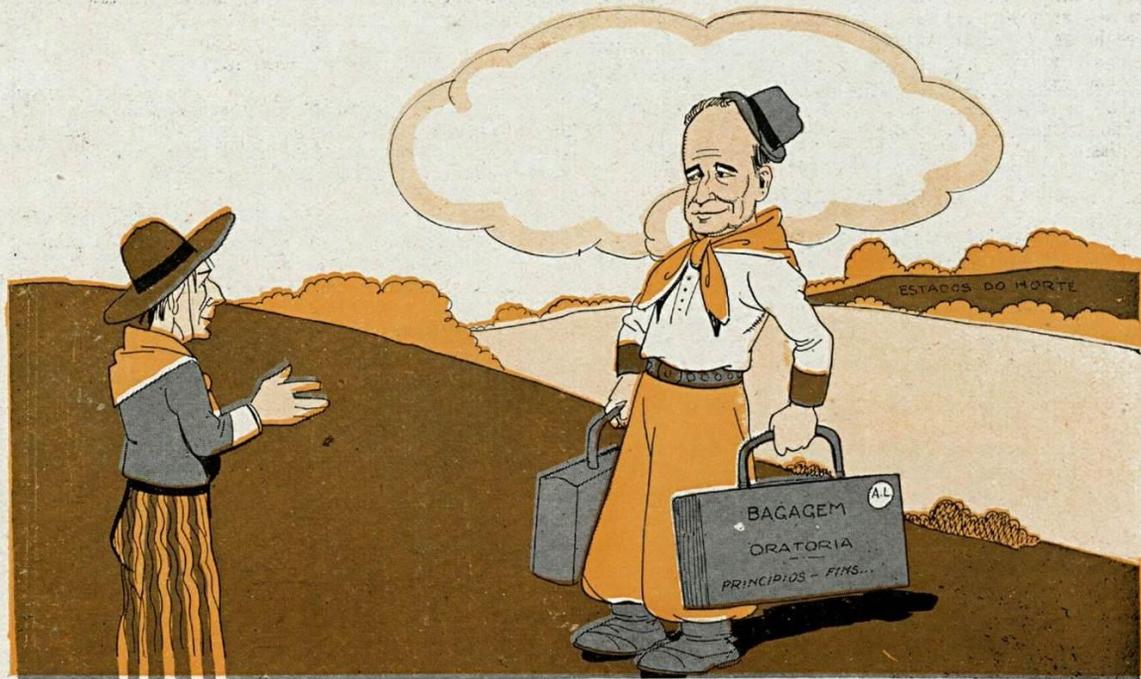
<sup>58</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 2 nov. 1929.

<sup>59</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 9 nov. 1929.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



A ESPERANÇA...

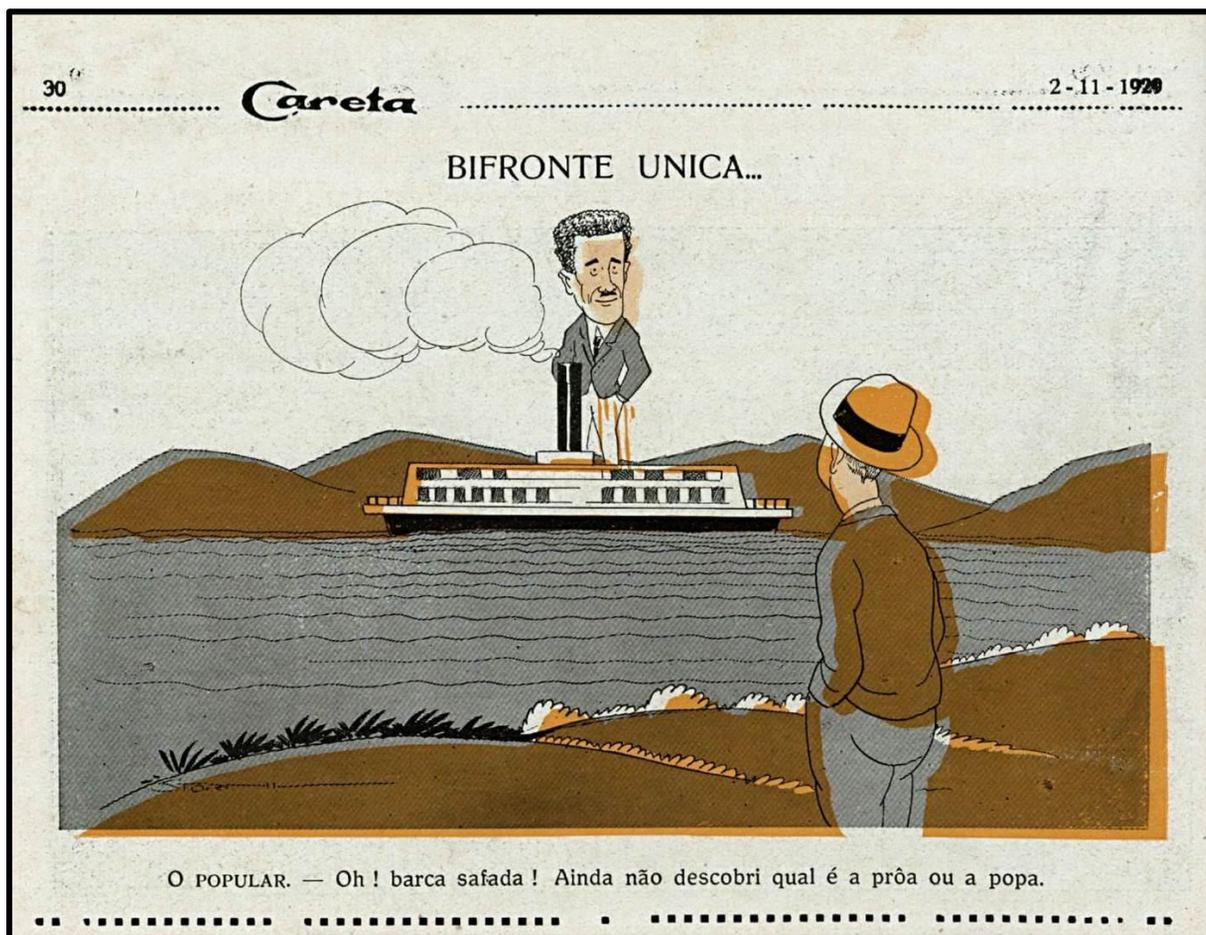


GETULIO. — Vamos amigo, Neves! Vamos colher os frutos do liberalismo que semeamos pelo Brasil, que devem estar amadurecendo...

NEVES DA FONTOURA. — Então vamos depressa, porque alguns já estão murchando...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

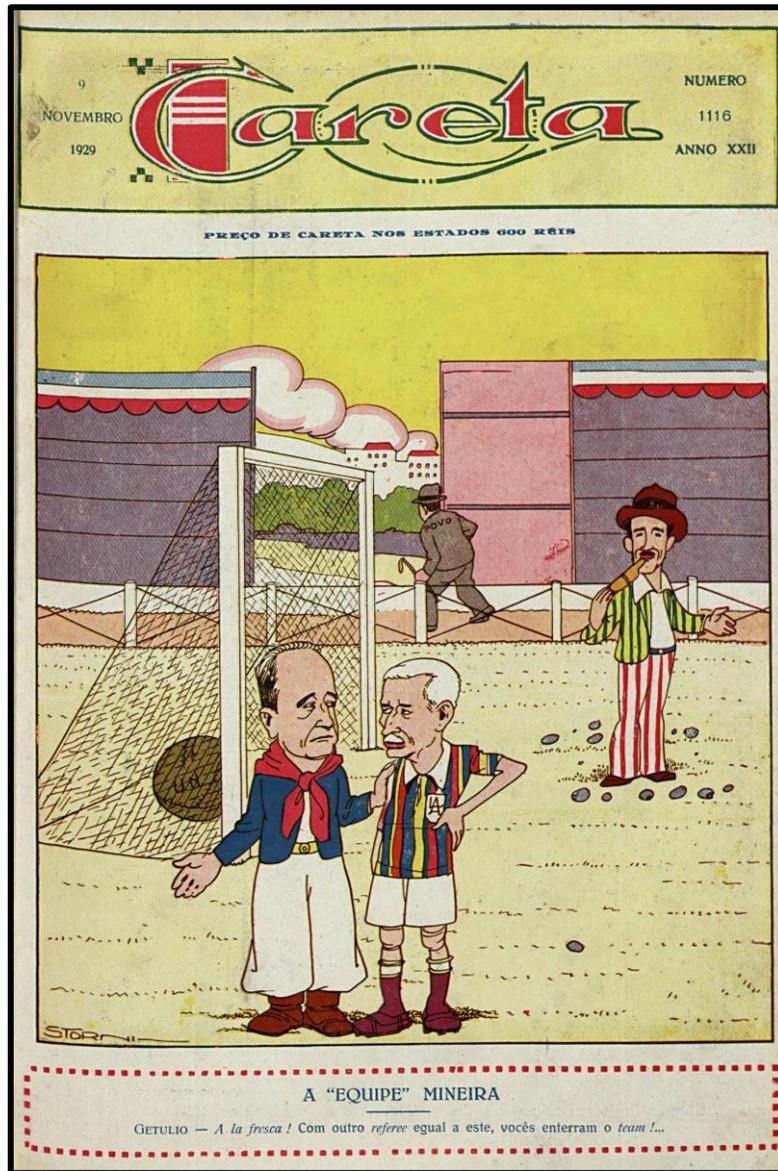




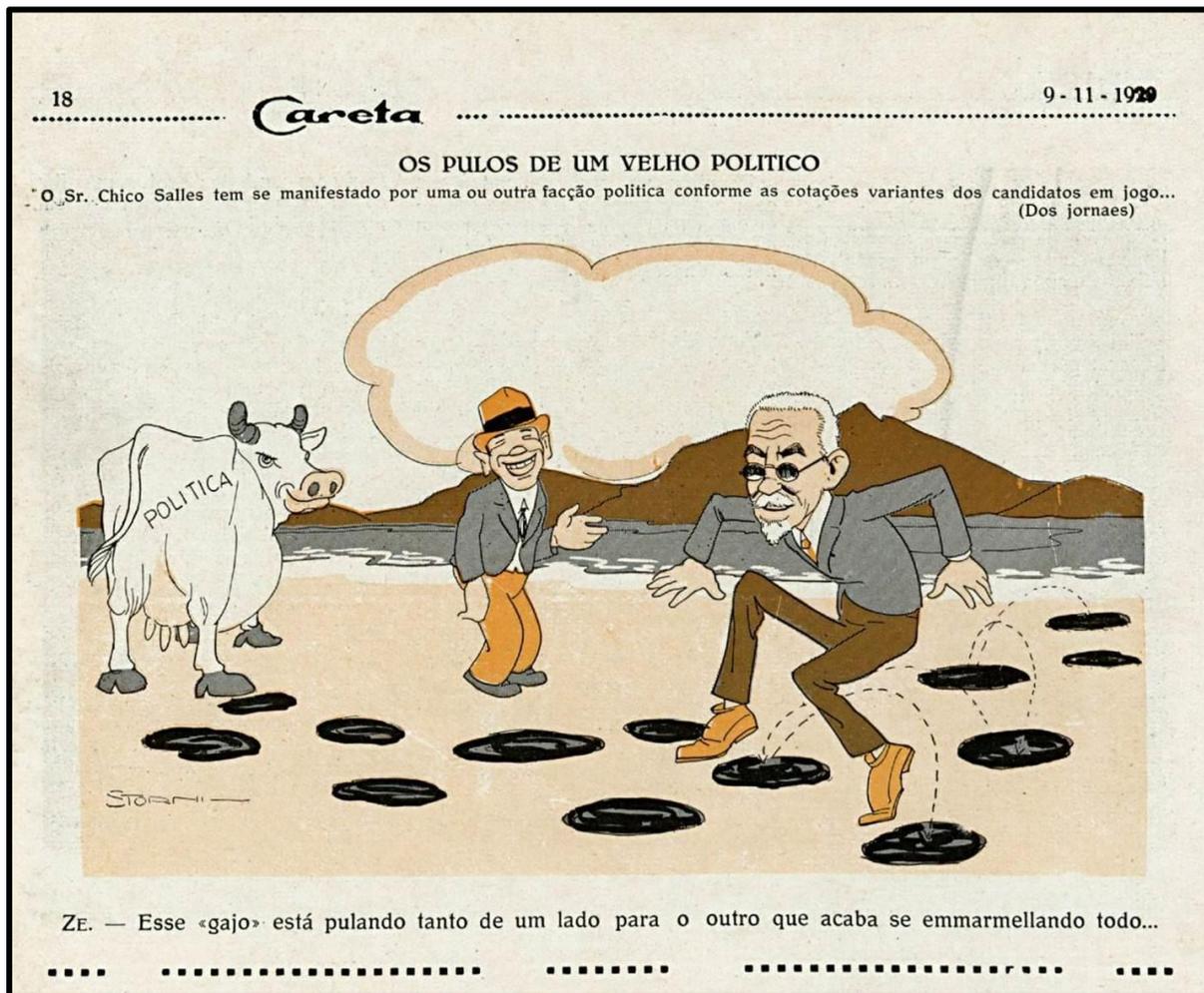
O PONTO DE VISTA DO FUNCIONARIO



O AMANUENSE. — Venham cá, digam-me em segredo: Qual de vocês dous estará disposto a dar-me os 50 o/o que o outro prometeu ?



PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



Um diálogo entre os parlamentares Augusto César Lopes Gonçalves e Paulo de Frontin versava sobre o aumento do subsídio do futuro Presidente, lembrando um deles que o acréscimo seria para o “Júlio”, ao que o outro contrapunha, dizendo que também haveria a possibilidade ser para o “Getúlio”. As manifestações do parlamentar Irineu Machado eram comparadas a números musicais que não presavam muito pela moralidade pública. Uma conversa entre Getúlio e Antônio Carlos versava sobre a eleição que escolheria o sucessor deste, que garantia a vitória a qualquer preço que fosse. O também parlamentar Manuel Villaboim se manifestava com veemência contra o “novo regulamento da Câmara”, considerando que o mesmo estaria levando à “falência do regime democrático”, embora sua atitude belicosa não parecesse se coadunar com tal tipo de princípio. Acerca da corrupção e da busca por apropriação das verbas públicas era enfatizada pela presença de múltiplos interessados atrás de uma cortina, ao passo que o político mineiro que apoiava Júlio Prestes dizia que “as ‘comidas’” estariam suspensas, mantendo fechada uma geladeira identificada com o Banco do Brasil<sup>60</sup>. O “Povo” conversava com a figura feminina que representava a política desconfiando de possíveis conchavos entre o gaúcho aliancista Lindolfo Collor e o mineiro governista Melo Viana. Os ex-Presidentes Artur Bernardes e Epitácio Pessoa conversavam, com o primeiro cobrando uma maior definição do outro, que dizia preferir que passasse a crise do Banco do Brasil, em alusão a uma suposta preponderância de seus interesses pecuniários<sup>61</sup>.

---

<sup>60</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 9 nov. 1929.

<sup>61</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 16 nov. 1929.

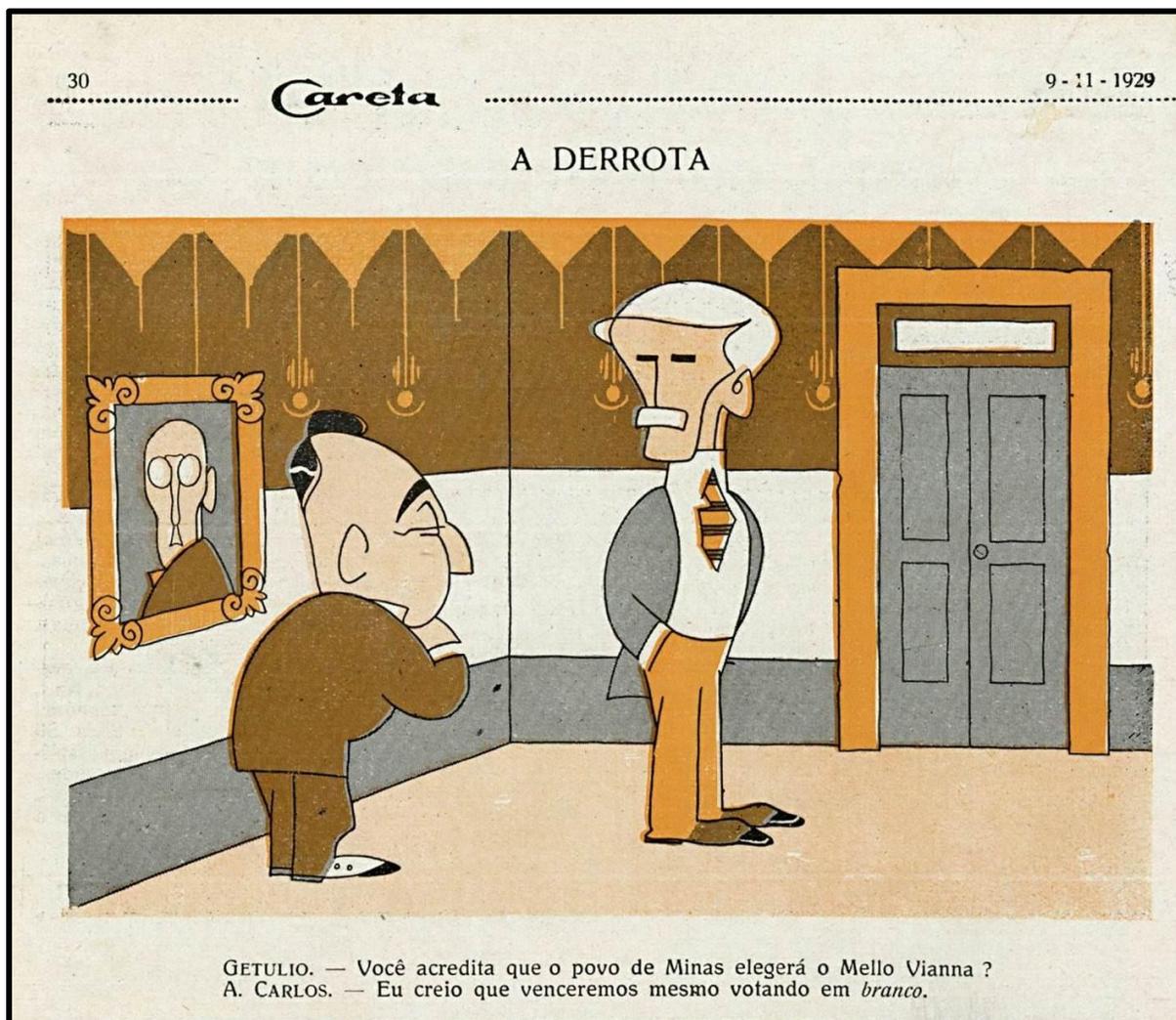
PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



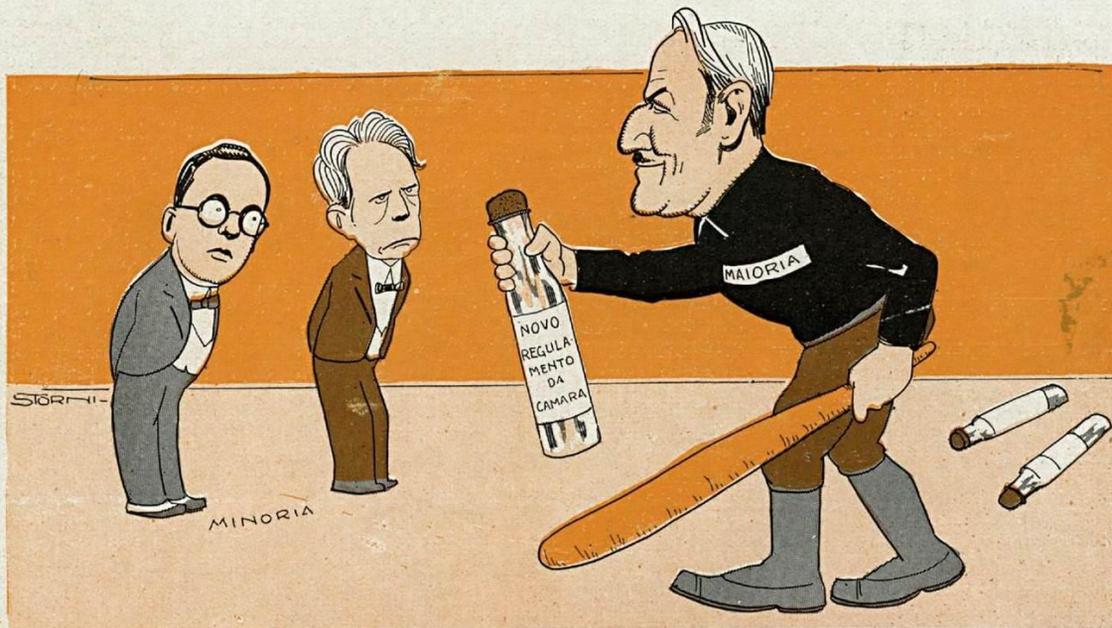
MUSICA DE CAMARA...



O POPULAR. — E' o repertorio favorito do decaido tribuno: cançonetas brejeiras e em *argot* de fazer corar ao proprio presidente do Senado...



"PURGANTES" REPUBLICANOS...



VILLABOIM. — Vocês desculpem, mas a imposição destas exigencias é que fortalece... a fallencia do decantado regimen democratico.

INSACIAVEIS...



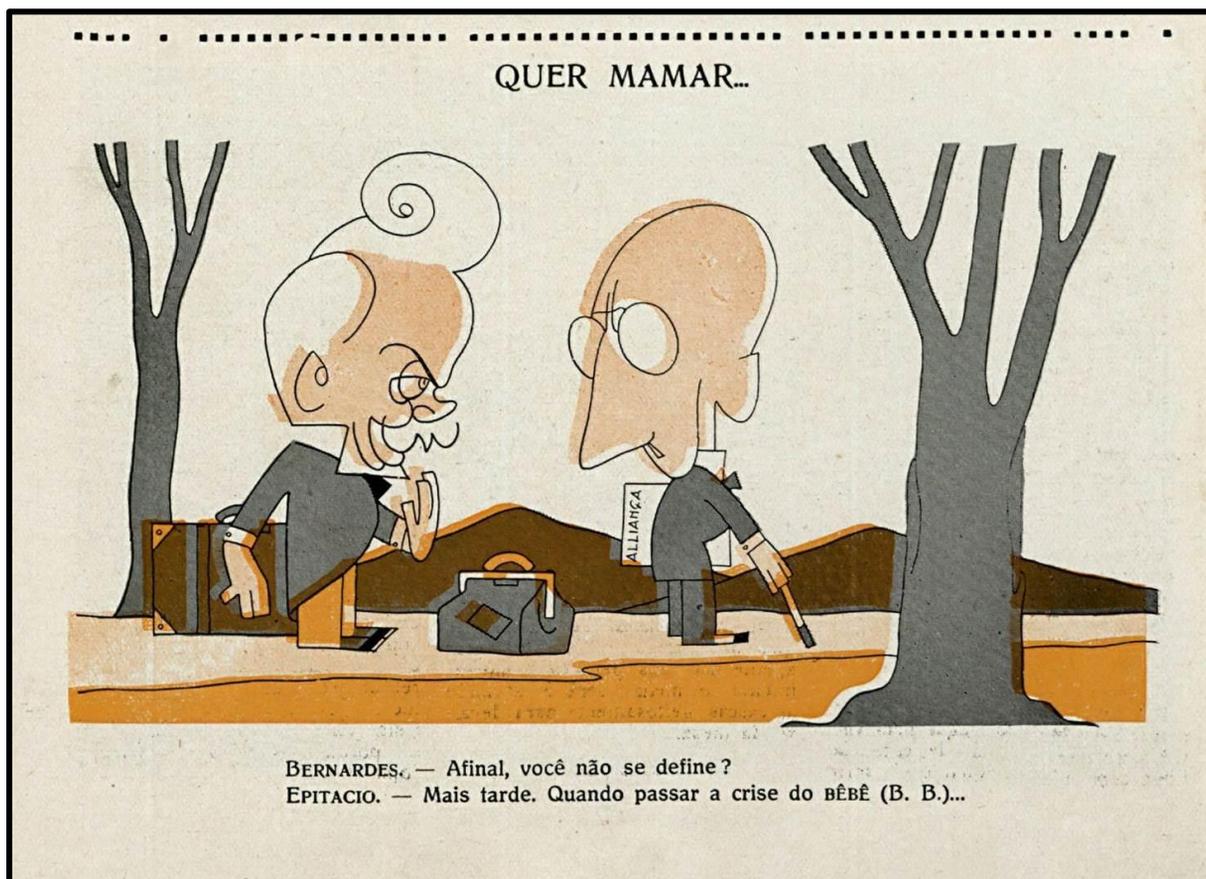
O CONTINUO. — Dr. Carvalho Britto, tem ahi um *bandão* de gente que está com «fome»...  
CARVALHO BRITTO. — Pois diga a elles que por ora, as «comidas» estão suspensas...

CONFERENCIAS "COLLORIDAS"...



O POVO. — Afinal, para que tantas conferencias reservadas entre o leader rio-grandense e o Melloviana?  
ELLA. — Não te mettas! Elles são brancos e se entendem...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



O chefe político gaúcho Borges de Medeiros cobrava de Antônio Carlos como ele permitira a dissidência de Melo Viana em relação à candidatura varguista, respondendo o político mineiro que o dissidente resolver agir em nome de seu próprio *“partido”*. As mudanças de posições entre os homens públicos quanto à eleição presidencial foram exemplificadas com José Joaquim Medeiros e Albuquerque e Irineu Machado, considerados jocosamente pelo “Popular” – mais uma representação do povo brasileiro – como “dois homens de palavra”. Um Washington Luís carrancudo gerava o comentário de que o Presidente estaria insatisfeito com os rumos eleitorais, tendo em vista não mais suportar o leite e o mate, em alusão à Minas e Rio Grande do Sul, além de restar uma dúvida se o mesmo não teria ocorrido também em relação ao café, referindo-se a São Paulo. A aliança entre mineiros, gaúchos e paraibanos era vista como uma esquadrilha, em que o avião dos primeiros apresentava problemas, tendo em vista as dissidências que se formavam em Minas<sup>62</sup>. As dificuldades de coexistência interna entre as lideranças aliancistas ficavam expressas na realização de um acordo mais coeso entre os ex-Presidentes Bernardes e Pessoa. Um cidadão conversava com a “política”, observando uma relação de políticos que apoiavam as duas candidaturas na “partida da sucessão” e se referindo aos riscos de uma tomada de posição. Como em um desfile de modas, apresentavam-se Epitácio Pessoa e Borges de Medeiros diante da opinião pública, a qual considerava “lamentável” que, ao invés de “novidade” via nos aliancistas “o mesmo figurino” apresentado pelos situacionistas<sup>63</sup>.

---

<sup>62</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 16 nov. 1929.

<sup>63</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 23 nov. 1929.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

22

Careta

16 - 11 - 1929

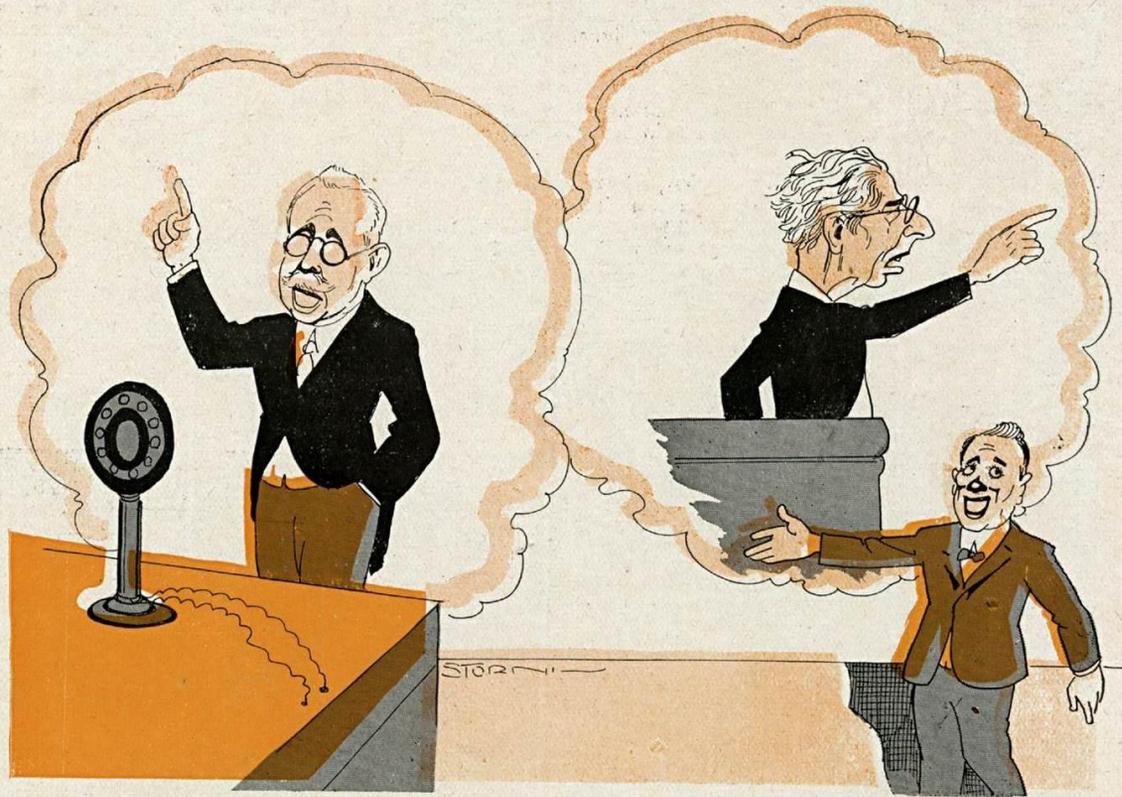
HOMENS DE COR POLITICA...



BORGES DE MEDEIROS. — Mas, porque o Melloviana deixou o *partido* ?  
A. CARLOS. — Por isso mesmo. Afim de aplicar o seu *partido*...

OS CAMELOTS MODERNOS...

(Medeiros de Albuquerque no Radio e Irineu no Senado continuam a dar conta do recado -defendendo o Governo, e o seu...)



O POPULAR. — Eis, meus senhores : Dois homens de palavra...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

34

Careta

16-11-1929

QUE TERÁ O BARBADO?



O CRIADO. — Hum! S. Ex.<sup>a</sup> não anda bom? Enjoou do leite, por ser de Minas; não supporta o matte, por causa do Rio Grande; e agora se aborreceu do café?...

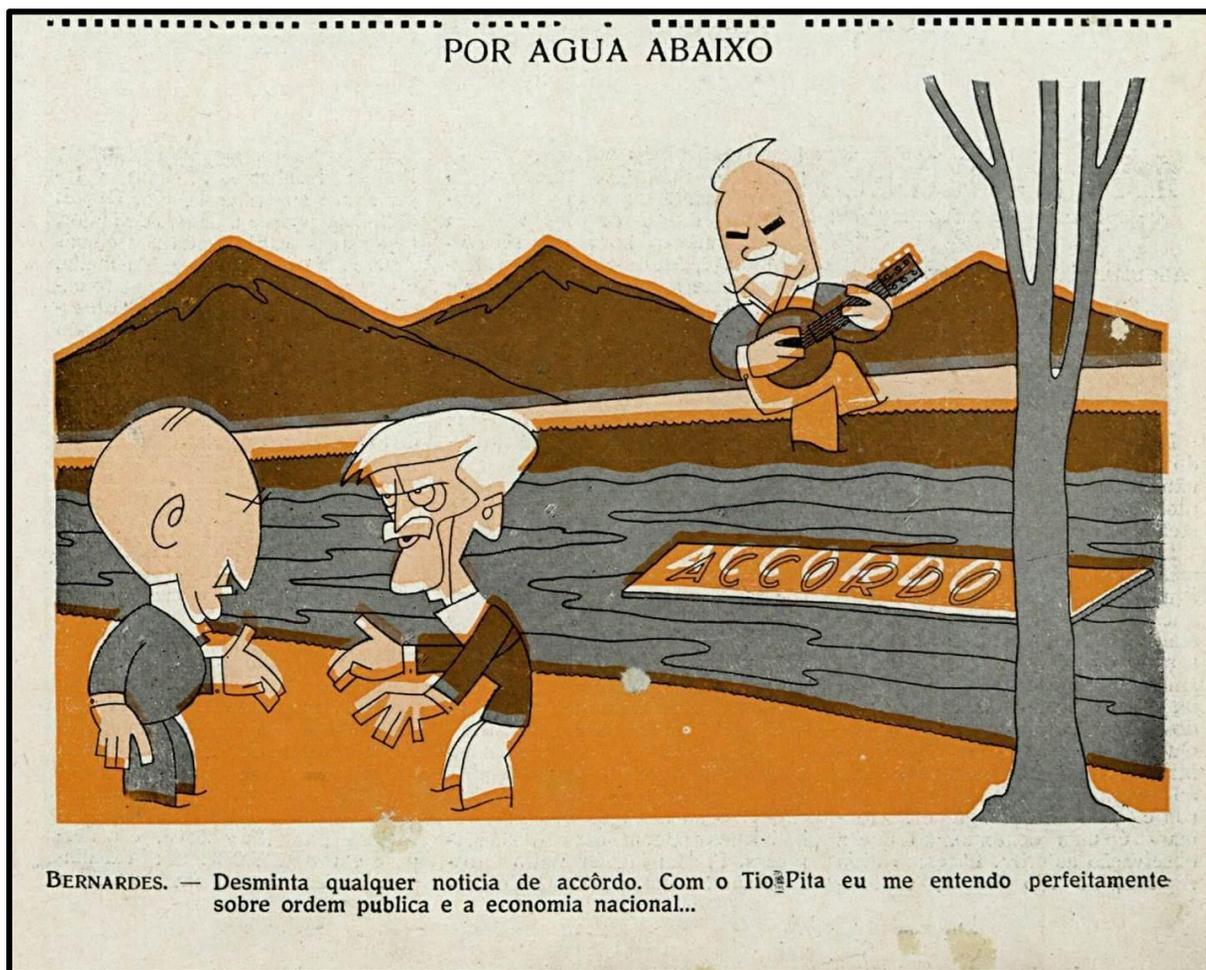
LOOPING THE LOOP



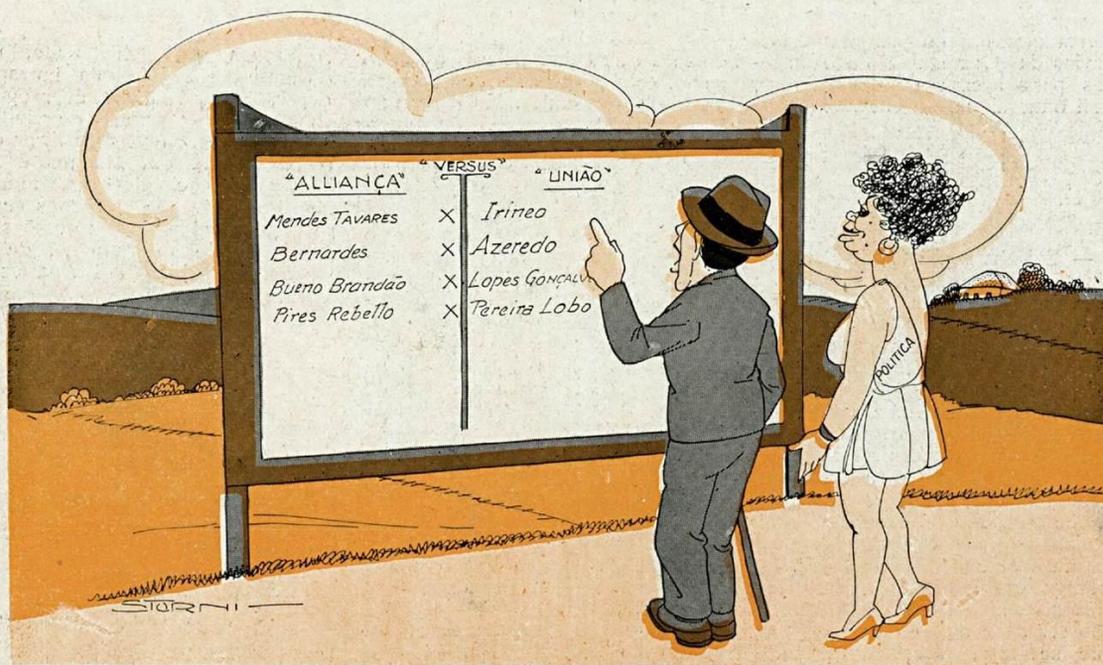
JOÃO PESSÔA. — Oh Getulio! O mineiro está em perigo?...

GETULIO. — Espero que seja apenas uma panne. Os aparelhos muito grandes estão sujeitos a esses inconvenientes.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

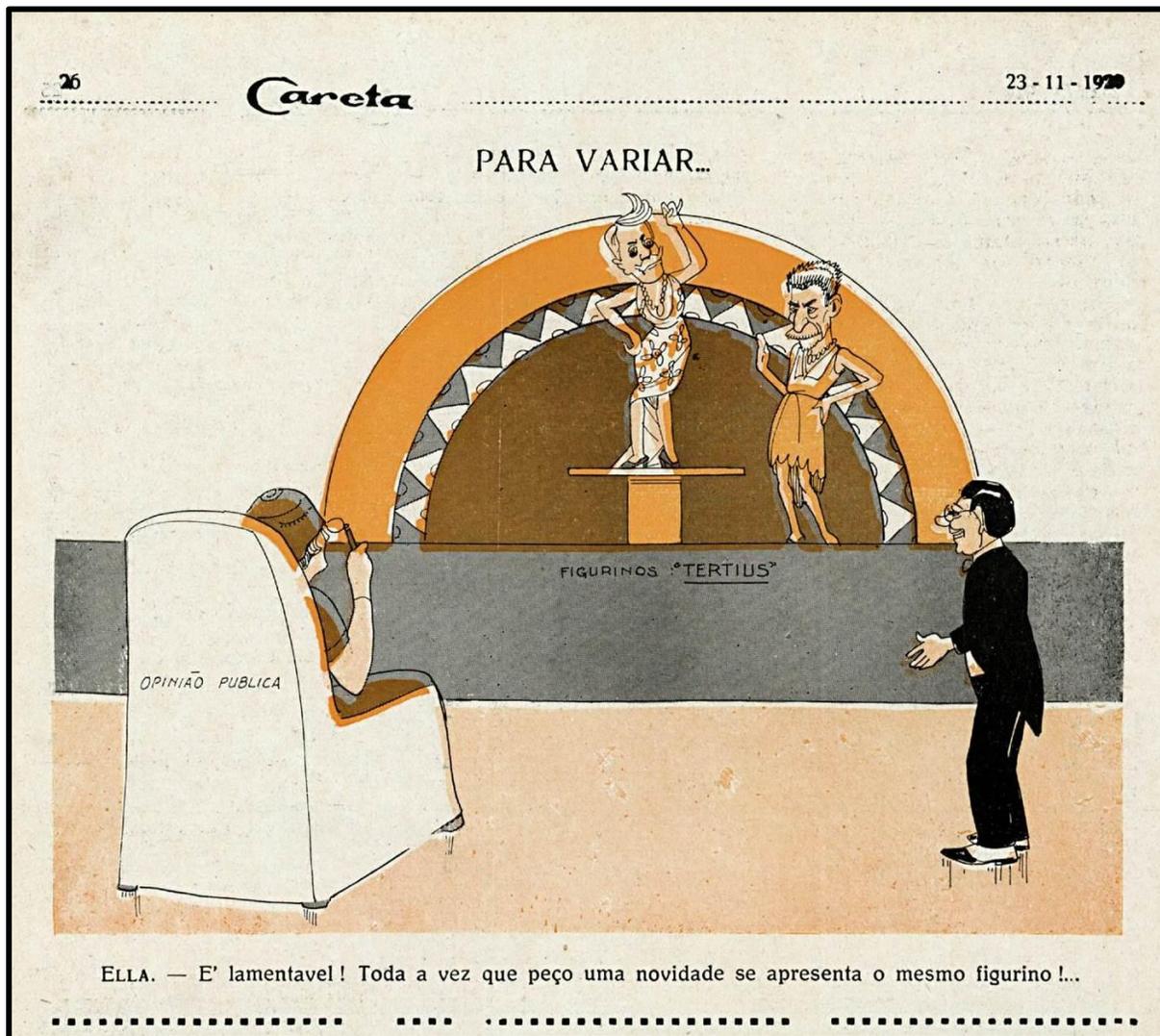


## A PARTIDA DA SUCESSÃO



- O score está em branco. Sabe porque ?
- E' porque no jogo, quem fizer a torcida é quem leva o ponta-pé...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



Sob o olhar de dois aliancistas, Washington Luís cobrava mais empenho e sacrifícios de Júlio Prestes em nome da obtenção da vitória. Outra representação do povo, “O Cidadão” observava alguns políticos e dizia que não poderia se considerar como um “patriota”, pois isso seria incompatível pelo fato daqueles se intitularem “oficialmente patriotas”<sup>64</sup>. Na forma de uma banda, Epiácio Pessoa buscava angariar o apoio do velho senador mineiro Júlio Bueno Brandão. Levando em conta a denominação de “locomotiva do Brasil” atribuída a São Paulo, a mulher-república e um indivíduo observavam com estranheza que seriam os vagões – representando outros Estados – é que estariam a puxar a locomotiva. Washington Luís aparecia como um pescador que explicava a Júlio Prestes que acabara de perder “o melhor peixe da estação”, em referência a Epiácio Pessoa. A veemência dos discursos do gaúcho Neves da Fontoura na Câmara dos Deputados foi mais uma vez ressaltada, como uma voz que ofuscava a bancada da maioria<sup>65</sup>. As dificuldades para o progresso do Brasil foram representadas com a figura do Jeca empurrando montanha acima a esfera celeste que compõe a bandeira nacional, ao passo que a “política” e os políticos faziam exatamente o movimento contrário. Aparecendo como o fiel da balança entre “liberais” e “conservadores”, o “Zé Povo” dizia em tons pejorativos que de um lado estavam os “pesados” e de outros os “levianos”. Mais uma vez irritado, Washington Luís perdia a paciência com todos até com seu indicado Júlio Prestes<sup>66</sup>.

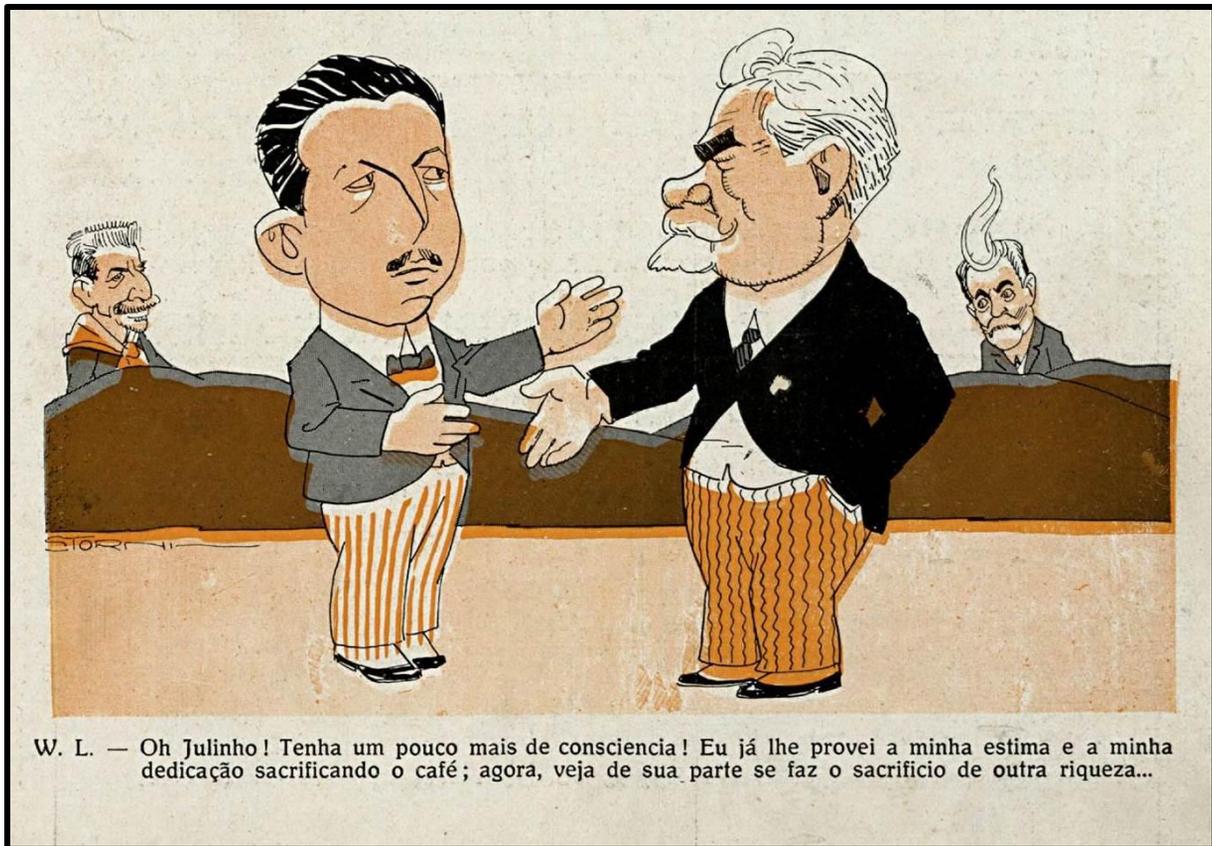
---

<sup>64</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 23 nov. 1929.

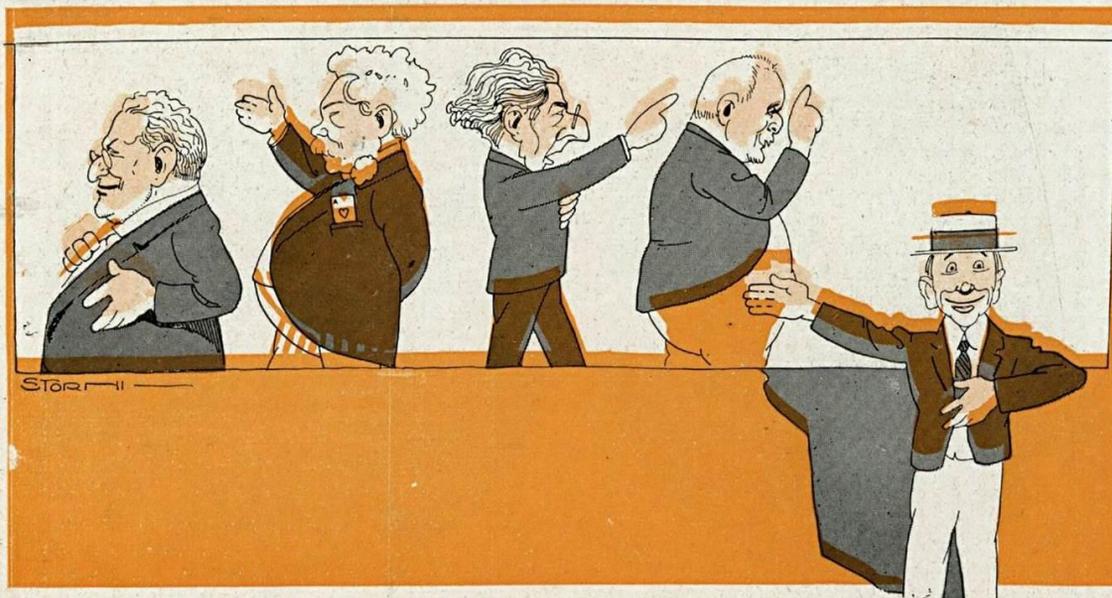
<sup>65</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 30 nov. 1929.

<sup>66</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 7 dez. 1929.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



A GRANDE DÚVIDA

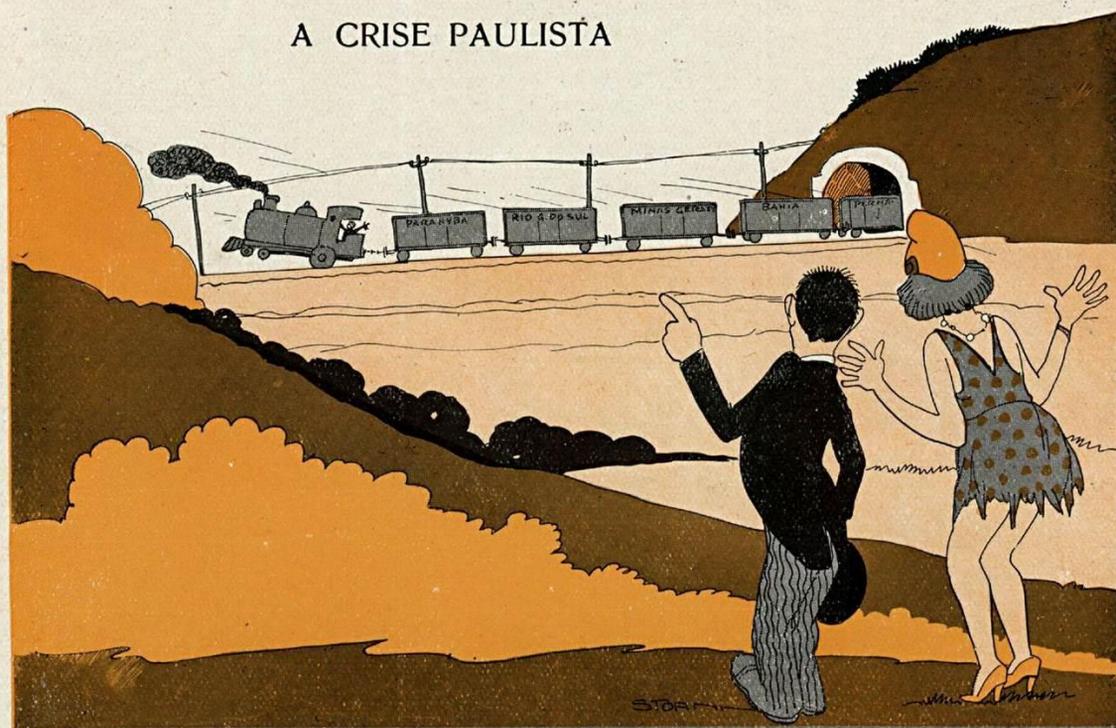


O CIDADÃO. — Como eu posso ser patriota, se esses cavalheiros se intitulam oficialmente PATRIOTAS ?!

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



A CRISE PAULISTA



- Como é isso ? Então o trem anda para traz ?  
— E' a inversão dos papeis : os vagões agora puxam a locomotiva...



NA CAMARA



Que cousa exquisita ! Toda vez que o pequenino Neves fala, elle cresce de tamanho e reduz a maioria...

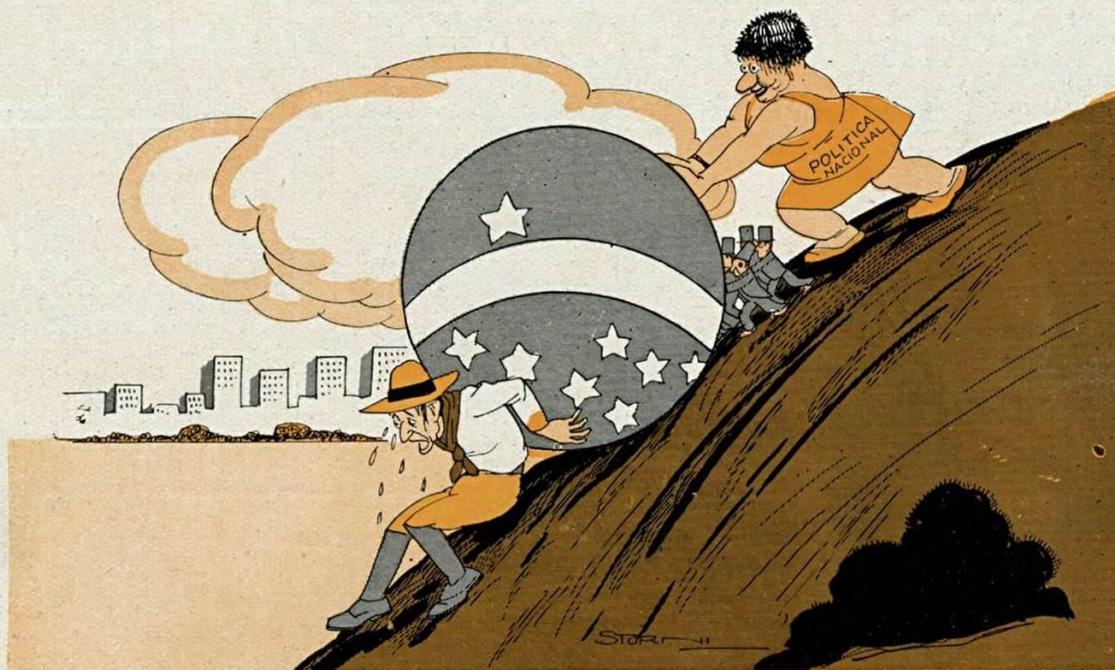
PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

22

Careta

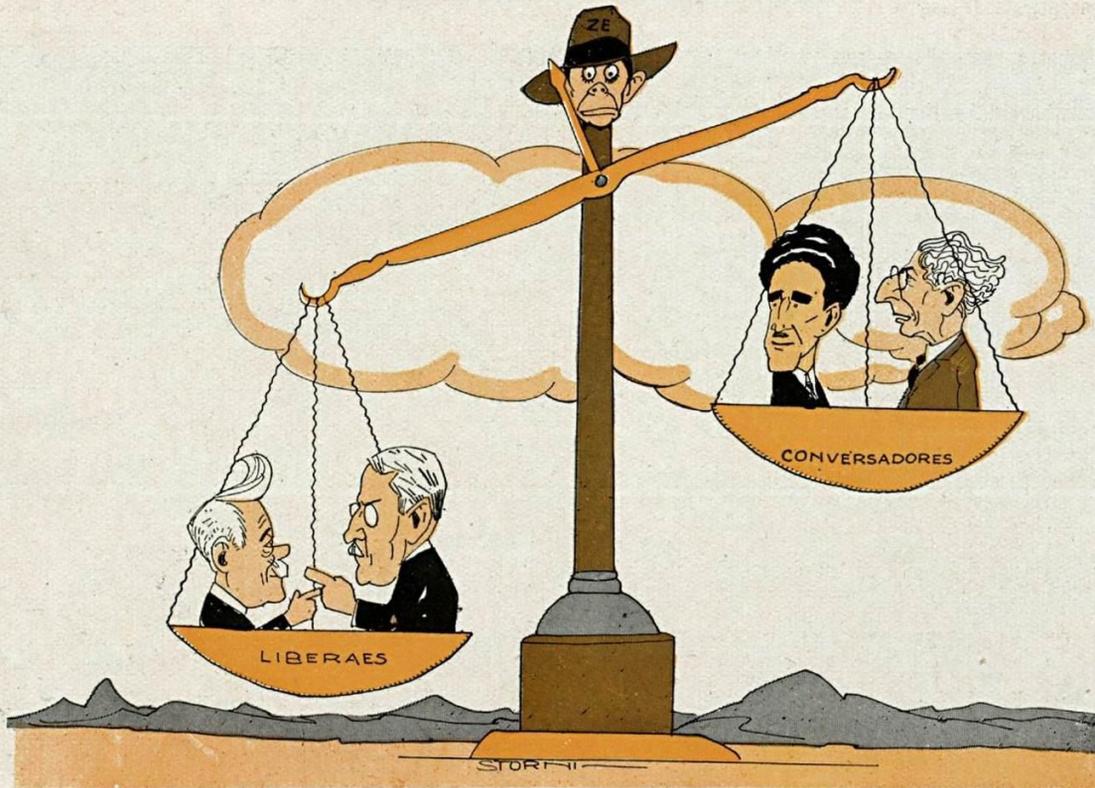
7-12-1929

O TRABALHO DE SYSIPHO



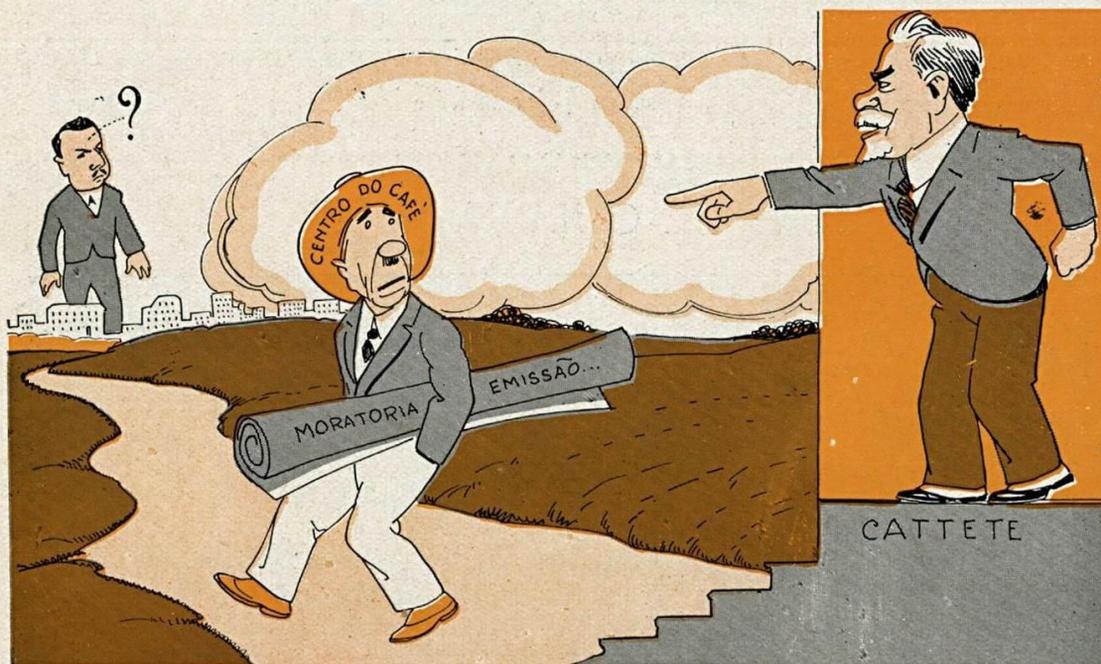
35 milhões de brasileiros fazem o possível para empurrar o Brasil para cima.  
1/2 dúzia de políticos se empenham em atiral-o para baixo...

A BALANÇA DA OPINIÃO



Zé. — Não ha duvida que, se de um lado alguns são mais *pesados*, do outro são mais *levianos*...

O QUE TODOS QUERIAM OUVIR...



WASHINGTON. — E diga ao seu Julinho que trate de intensificar outras culturas...  
Que vá plantar batatas !

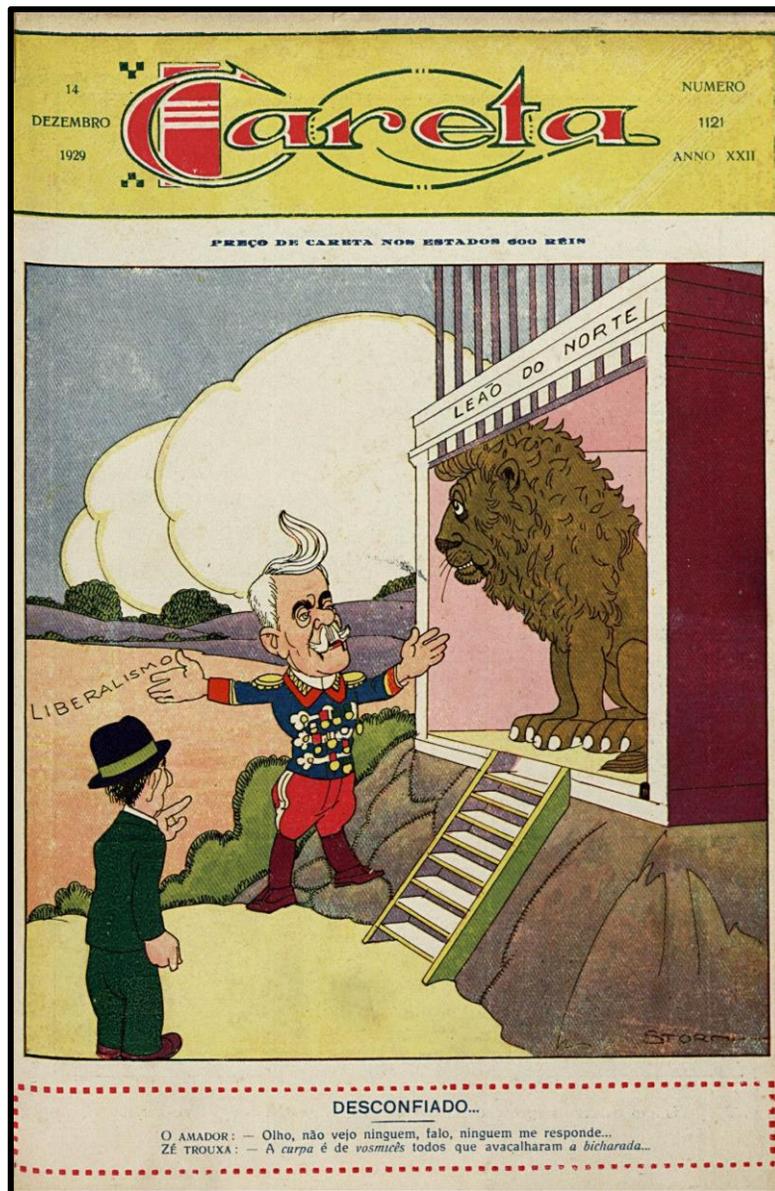
Sem muito sucesso, como um domador, em nome dos liberais, Epitácio Pessoa tentava adestrar leão que representava os Estados do Norte e Nordeste, sendo avisado pelo “Zé Trouxa”, que a culpa de tal perda de poder seria dos próprios políticos. Em diálogo entre os parlamentares Arnolfo Rodrigues de Azevedo e Antônio Azeredo se dava a discussão quanto à possibilidade de um acordo, frente ao qual este dizia não acreditar nos aliancistas. Nas discussões entre Irineu Machado e Epitácio Pessoa, uma mulher comentava utilizando o tradicional ditado popular, que se tratava do “roto falando mal do esfarrapado”. O voto de cabresto também foi denunciado pela *Careta* ao mostrar o alistamento eleitoral de dois indivíduos que sequer falando a língua portuguesa, com o funcionário determinando que eles deveriam “votar com a consciência”, a qual viria a ser “oportunamente indicada”. Epitácio Pessoa e Artur Bernardes conversavam acerca de que não haveria limites nas atitudes para evitar os “abusos contra o regime”, em verdade, para vencer as eleições. Os gastos para sustentar a “propaganda política” em prol da proteção ao café foram igualmente lembrados pela revista<sup>67</sup>. Sob as vistas da dama republicana, o enfrentamento entre Vargas e Prestes do campo político, passava ao da luta, por meio de lanças, sendo interpelados pelo militar e senador Firmino Pires Ferreira, segundo o qual deveria ser evitada “uma luta fratricida”, afinal todos seriam “camaradas”, lembrando as origens em comum que ambos tinham. O Papai Noel dedicava ao Presidente brasileiro presente pouco amigáveis, como a complexa política de proteção ao café e as próprias eleições<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 14 dez. 1929.

<sup>68</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 21 dez. 1929.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



O FARO DA CONCORDIA

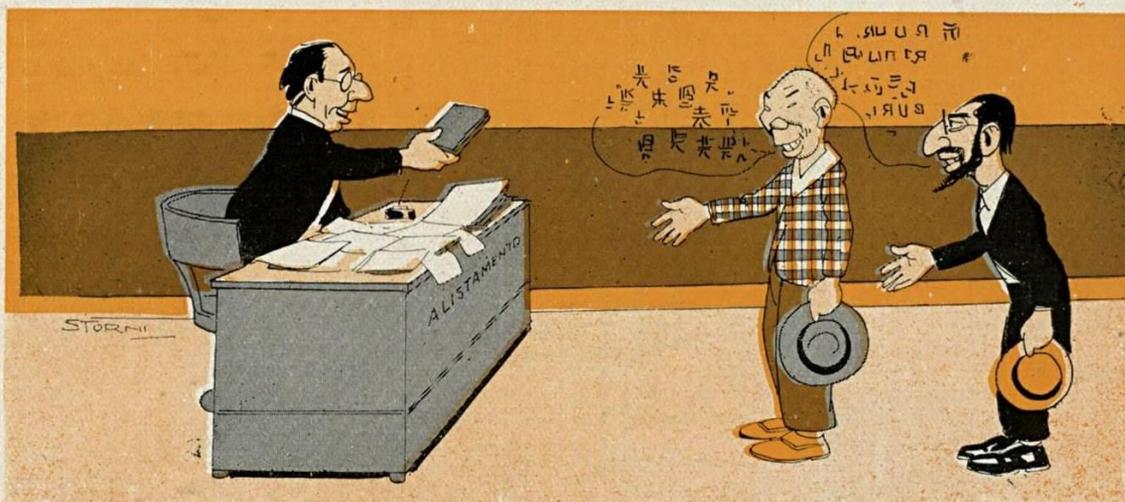


ARNOLPHO. — Você acredita no accordo ?!  
AZEREDO. — Não. Não acredito em *aliança*...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

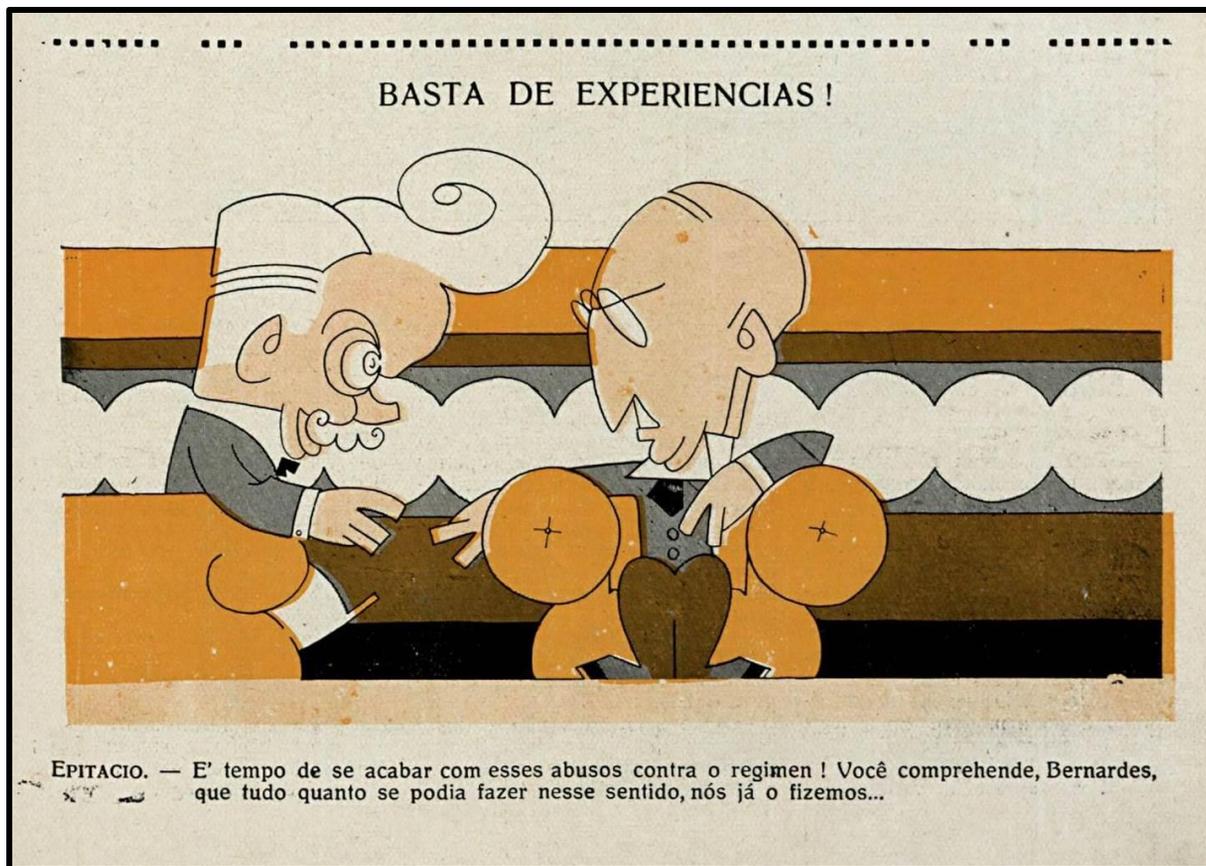


OS ELEITORES "NACIONAES"...



O DOUTOR. — Eis as vossas cadernetas eleitoraes. Procurae votar de accordo com a consciencia...  
que vos será opportunamente indicada.

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

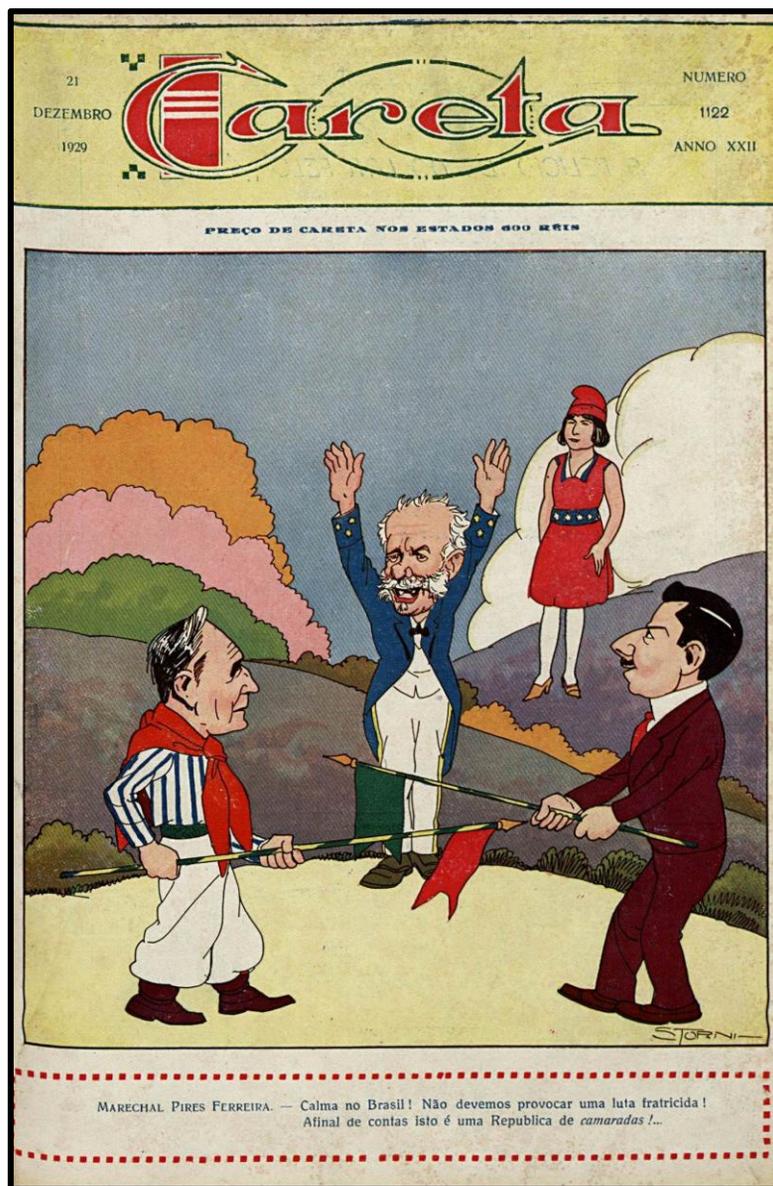


PARA A DEFESA DO.. CAFÉ

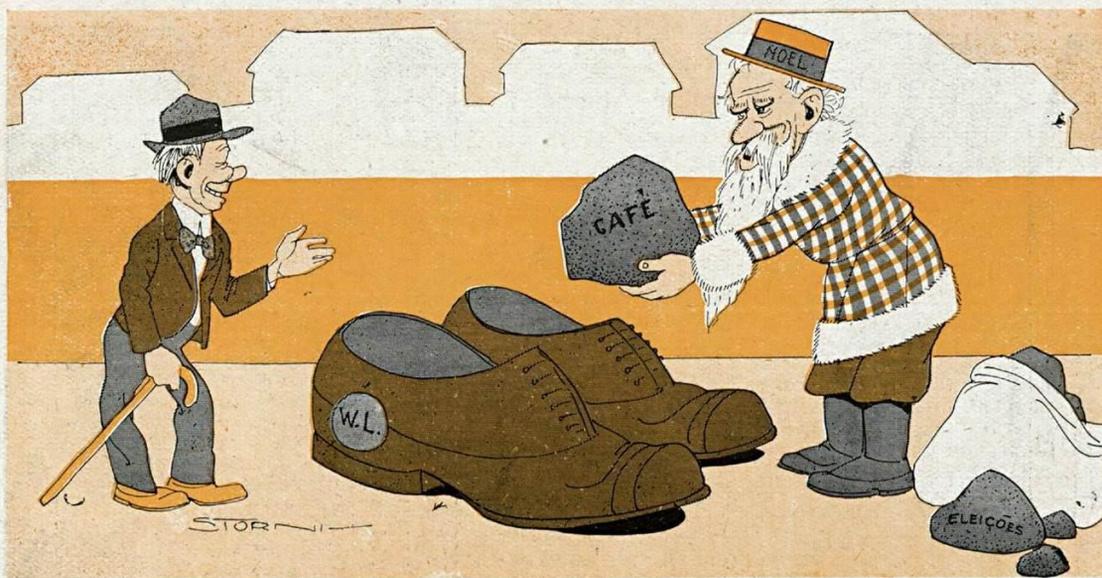


ELLA. — Oh !!! Só isso ? Tenha paciência, mas para o meu appetite não dá ! Trate de arranjar mais senão eu perco o entusiasmo politico...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL



PRESENTE GREGO...



PAPAI NOEL. — Desta vez vou botar pedras nos sapatos...

A identidade entre os membros de cada uma das frentes em disputa era apontada também na forma de uma partida de futebol na qual o gaúcho Batista Luzardo explicava a Artur Bernardes e Epiácio Pessoa como se daria o jogo, sem que esquecessem que o enfrentamento seria contra o “clube” do qual eles teriam feito parte até então. Na partida de Vargas em um barco para promover uma excursão eleitoral ao Norte, Borges de Medeiros, do alto de toda a sua experiência, aconselhava que aquele deveria tomar cuidado por ser um “marinheiro de primeira viagem”. Em época natalina, o periódico mostrava um “rei magro” no “deserto republicano”, que se dizia perdido, pois, ao invés da Estrela de Belém, no caso do Brasil havia duas estrelas, cada uma identificada com os nomes dos candidatos à Presidência da República. Carregando no sarcasmo e na ironia, a folha brincava com as ofertas de aumento que tanto aliancistas quanto governistas prometiam ao funcionalismo público. As disputas parlamentares entre os aliancistas gaúchos e seus adversários era mais uma vez observada, apontado para a enorme vantagem daqueles. Frente a representantes dos governos autoritários italiano, espanhol e português, o Jeca se dizia tranquilo, pois também estaria a esperar o “*home*” que viesse a endireitar o Brasil<sup>69</sup>. Na capa da última edição de 1929, o semanário mostrava a tradicional passagem do Ano Velho ao Ano Novo, com aquele entregando a este um bonde – em referência às negociatas recorrentemente em pauta – avisando que o mesmo estaria sem quaisquer condições de uso, em consonância com a vida política brasileira<sup>70</sup>.

---

<sup>69</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 21 dez. 1929.

<sup>70</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 28 dez. 1929.



PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

21

Careta

21 - 12 - 1929

A EXCURSÃO ELEITORAL



BORGES. — Cuidado, Getulio. Olha que o tempo no Norte não está bom e você é marinheiro de primeira viagem...

O DESERTO REPUBLICANO

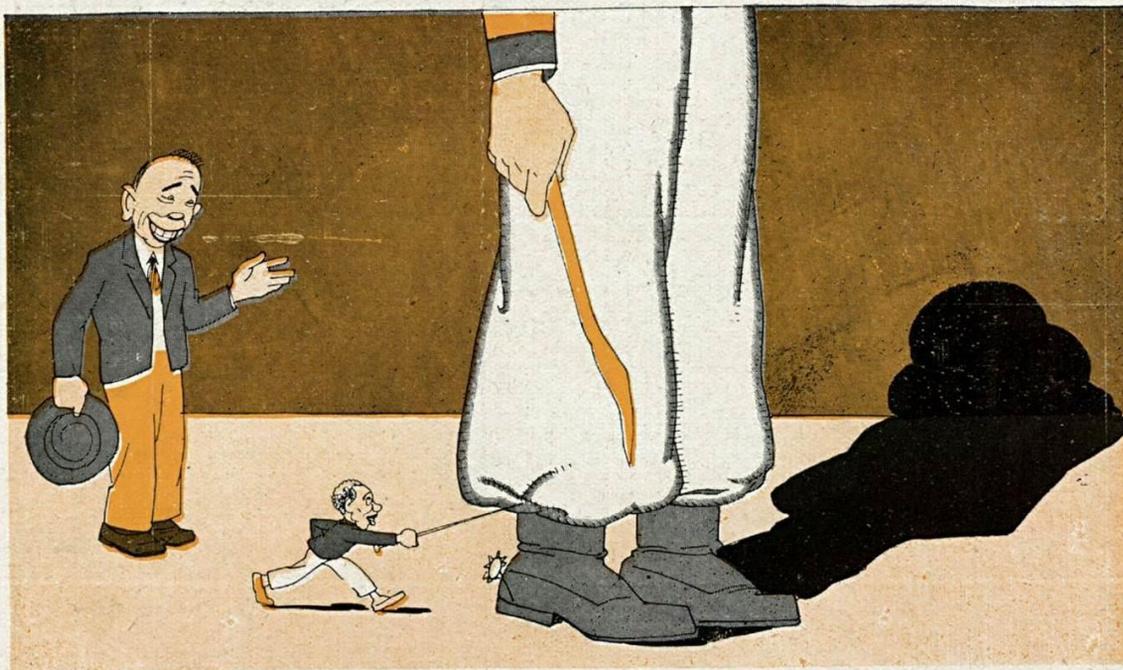


O REI MAGRO. — Com uma estrela ainda me orientava, mas com as duas, estou perdido!...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

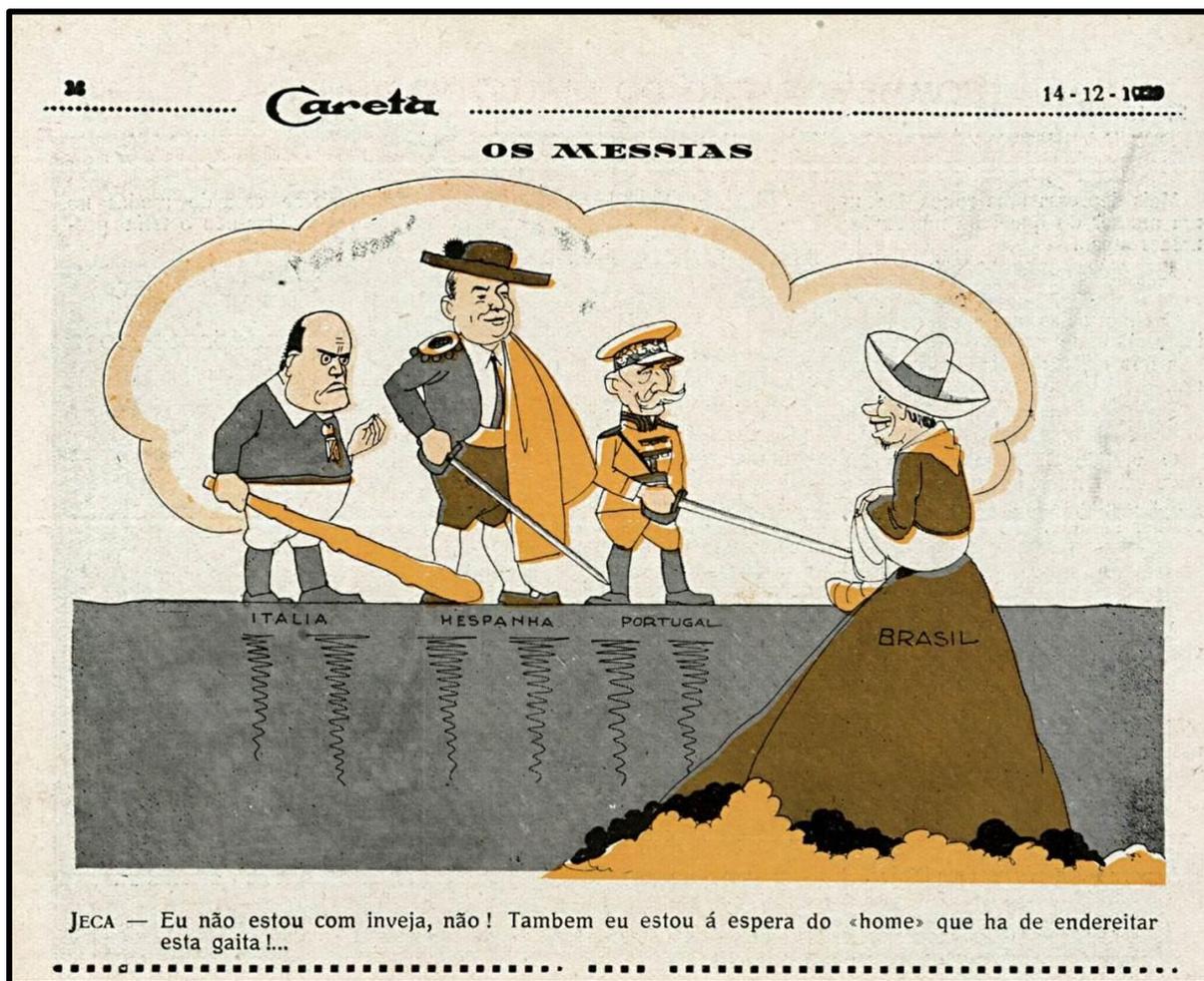


GIGANTES E ANÕES...



Zé. — Que engraçadinho ! Também o *pequeno pollegar* gosta de esgrimir a sua *espadinha* contra os gauchos...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL





Getúlio Vargas mais uma vez protagonizava uma caricatura deslocando-se em uma embarcação, no que seria “a excursão do candidato liberal”, estando ele na proa do navio a refletir sobre uma questão que seria extremamente básica, ou seja, se teria condições de “convencer a muitos Estados que o Brasil ainda é República”. Os generais gaúchos José Antônio Flores da Cunha, apoiador dos aliancistas e Firmino Paim Filho, militar que intentara estabelecer um acordo entre o Rio Grande do Sul e a Presidência da República, para evitar o agravamento do conflito, conversavam sobre a possibilidade de pegar em armas, exclamando o primeiro se haveria a necessidade de “puxar a espada”, ao que o outro contrapunha com uma interrogação acerca de que se, naquele momento, alguém ainda brigasse com o uso da espada. Diante da possibilidade de um acordo político entre Getúlio Vargas e Júlio Prestes, um “aproveitador” buscava incrementar a rivalidade, apontando que um acordo equivaleria a “um desastre”, dando vivas “à luta, à agitação” e ao Banco do Brasil, em alusão ao controle das verbas públicas que também estava em disputa. A questão da proteção ao café voltava ao enfoque, com a figura que representava tal produto abandonada “à própria sorte” pelo governo. O embate eleitoral atingira tamanha magnitude que o magazine ilustrado, em mais uma representação da passagem do ano, mostrava o Velho entregando ao Novo um saco carregado com os graves males que marcaram a sua passagem, dizendo que aqueles não seriam a maior preocupação, pois todo o cuidado deveria ser direcionado à questão da sucessão presidencial<sup>71</sup>.

---

<sup>71</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 28 dez. 1929.

A EXCURÇÃO DO CANDIDATO LIBERAL

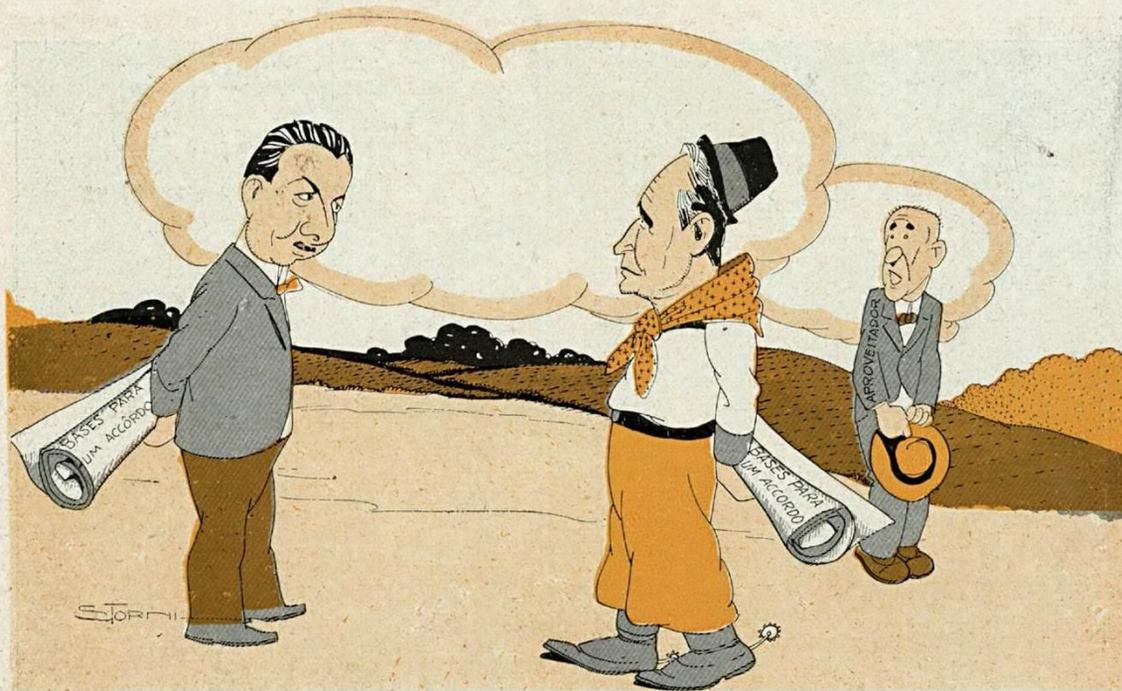


GETULIO — Conseguirei convencer a muitos estados que o Brasil ainda é Republica ?...

PERSPECTIVAS DA CARETA ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

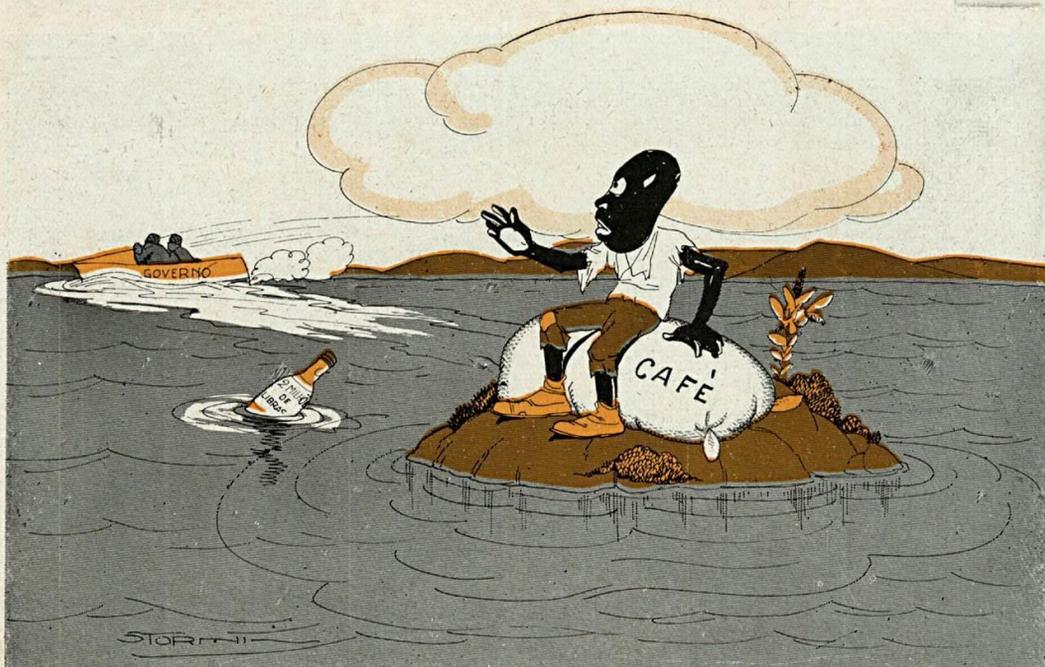


A VIDA PELA LUTA...



O APROVEITADOR — Um acordo agora seria um desastre... Viva a luta! Viva a agitação! *Viva o Banco do Brasil!*...

A PROTEÇÃO DO CAFÉ



Abandonado á sua propria sorte...



PERSPECTIVAS DA *CARETA* ACERCA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DE 1929 E A  
SUCESSÃO PRESIDENCIAL

Mantendo seu veio editorial, a *Careta* observou a vida política brasileira de 1929 pelo prisma da crítica. Os atores políticos tiveram de destaque nas representações expressas pela arte caricatural publicada pela revista, mas ao abordar o tema da sucessão presidencial, havia um pano de fundo bem estabelecido acerca dos desmandos que caracterizam tal conjuntura. Nesse sentido, o periódico traz à tona temas como a pequena representativa da convenção partidária que servia para ungir a escolha do nome de um candidato à Presidência; o excessivo poder unipessoal do Presidente na indicação de seu sucessor; a perspectiva de que os políticos seriam traiçoeiros, ambíguos, não-confiáveis e dilapidadores das verbas públicas; a falta de participação popular mais decisiva no processo eleitoral; a corrupção eleitoral generalizada, como no caso do voto de cabresto e da compra de votos; a preeminência do papel da máquina eleitoral na manutenção do status quo; o desinteresse popular quanto à política; e as identidades político-sociais entre “liberais” e conservadores”, que desempenhavam as funções de situação e oposição apenas por motivações circunstanciais. De acordo com tal perspectiva, a *Careta* não chegou a adotar uma postura menos ou mais favorável a uma das causas em jogo, optando por um olhar mais generalizado em relação ao confronto, usando-o como um cenário para demonstrar as mazelas políticas que cercavam o Brasil.

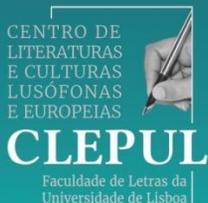


A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



# Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE



[edicoesbibliotecariograndense.com](http://edicoesbibliotecariograndense.com)



9 786553 060036

ISBN: 978-65-5306-003-6